

Branco e Negro



AO ESPELHO

PREÇO 40 RÉIS

N.º 75

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor
50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND., (alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

Acaba de se publicar este livro do insigne jornalista, livro onde se descreve admiravelmente a vida no Brazil, e principalmente no Rio de Janeiro, e o que é a actual civilização brasileira.

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, rua Augusta, 95 — Lisboa

COLLECCÃO DE PARÓNYMOS

**Palavras que, pronunciando-se igualmente,
ou de modo semelhante,
differem de orthographia e significação**

Para uso de professores e estudantes, nas aulas primarias e secundarias, revisores, etc.

PREÇO 60 RÉIS

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 75

LISBOA, 5 DE SETEMBRO DE 1897

2.º ANNO

SCENAS DE VERÃO

A GORA, agosto em fóra, quando o sol torna Lisboa quente como uma fornalha vomitando lume, vão os habitantes mingando, fugidos d'ella para as sombras das arvores no campo, para as povoações ribeirinhas, sentindo as frescas brisas erguidas do mar á beira do rio quieto, e nas manhãs, na praia, na agua, um pouco afastados dos olhares e ouvidos terrenos, furtivas promessas de amor trocam-se entre duas braçadas para o mar largo.

Moradas de fóra da terra, com o é deliciosos recor-



hora do sol posto. E a vida, em parte modifica-se, dando mais sonoridade ao riso, mais largas á alegria, mais paixão aos amores.

Pic-nics organisam-se. Partidas de tennis desenvolvem musculos. Ha pescas, serenas pescas ao candeio, pela

da-las pelas noutes de inverno, ao serão, ir formando projectos para o que hade chegar, apenas passe junho com toda a sua procissão de Santos.

Pequenos lumes de um fogo ardente inda não apagado por completo nas nossas almas de doido paganismo.

Curso do 5.º anno juridico de 1896-1897

COIMBRA !...
E parece que se rasga sobre o meu espirito um ceu de alegrias com fulgurações deslumbrantes de esperanças e de amor.

Coimbra !... Como é doce dizer-lhe o nome, como é bello sentir-lhe o palpitar do seio pujante de mocidade e vida, acariciar-lhe as faces a gargalharem frescura !... E como deve ser immensamente doloroso quando mais tarde, pelo tempo adeante, os cuidados me roubarem aos seus affagos e ternuras, quando o egoismo e a triste realidade da vida me quebrarem o inebriante sonho de volupia e os meigos transportes d'essa mocidade ardente que não volta !...

Oh ! como ella é admiravel á luz refulgentissima do sol, arfando-lhe o collo em trinados de cotovia, envolta no seu leve manto de luz e oiro que faz d'ella a rainha encantada do Mondegol Como é deliciosa quando á noite, pela noite adeante, enquanto nos salgueiraes do rio se embalam as rolas em seus braços ao som da musica dos ninhos, ella, reclinada graciosamente ao longo da riba, extendendo-se até ao Choupal, se espreguiça, em movimentos languidos, tentadora como um peccado, ardente como um desejo, envolta no seu longo roupão de luar, bordado a crystal e a diamantes !...

E, quando dorme, soberba e magestosa no seu rectissimo perfil de fada a desenhar-se na tela aureoreal de uma madrugada de maio, quantos sonhos de amor n'aquelle seio, quantas canções de trovador apaixonado a prenderem-se nos fios negros da sua farta coma, quantas saudades, quanta poesia a verter-se-lhe n'alma com o effeito estonteante das emanações capitosas !...

Parece que ao abandonar-te, a minh'alma, ao abrir-se-lhe o caminho da vida e horisonte dos acontecimentos por entre devassidões e egoismos, espinhos e maguas que por lá existem, ha de avançar aguilhoada pela saudade immensa da tua franqueza e ingenuo olhár, Parece-me vel-a já marchando n'um calamento sepulchral, até que a treva da morte lhe extinga o ultimo clarão de luz !

A melancolica melopêa dos teus choupos, o marulhar mysterioso das tuas aguas, o feiticeiro enlevo do teu sorriso, ao faltarem-me, talvez que me roubem o calor ao peito, a alegria aos labios a esperança ao coração.

Oh ! Quem me dera levar a vida a oscular-te o collo d'alabastro, estreitando eternamente em meus braços o teu busto gracioso e gentil !...

*

Coimbra dorme agora n'esta temporada de verão. E lá para o mez de outubro, quando as andorinhas se preparam para a sua viagem a paizes mais quentes, ella acorda ao chilrear de uma enorme reboada que ao seu seio vae acoitar-se, ao calor vivificante da sciencia e á luz radiante do seu sol eternamente primaveril.

Ha quasi um mez que essa risonha cidade do Mondego deixou partir para diversos ninhos, em busca dos aconchegos de mãe e dos olhares acariciadores das familias, os seus estudantes.

Coimbra agora está morta, quasi sem alma, sem vida.

Ser estudante é ser feliz, dizem; mas ser estudante de Coimbra é ser fatalmente um bohemio, um favo de amor, um romance de aventuras quixotescas; é ser um cibáco disputado, dedicado pelas donzellas em cuja assemblêa elle tenha... vá lá sem receio, a desdita de cahir. E muitas vezes — quem sabe ?... — elle não é mais que um enxerto gafado pelo desalento e pela desventura no alburno do pujante e mimoso arbusto da Mocidade !

Illusões, illusões... que nem ao menos me concedestes a mercê de enlouquecer-me o espirito e embriagar-me a alma !...

Por isso, sem este elemento de alegria, Coimbra agora não vive; vegeta.

Ha quasi um mez que Minerva fechou as portas do seu templo, e que os seus devotos se retiraram á doce paz dos campos e das aldeias; e alguns d'elles para sempre !

E' d'estes que venho dizer alguma coisa. Do seu amavel convívio de cinco annos, convívio que nunca me negaram apesar de logo de entrada a gaiata Minerva me separar d'elles pendendo-me aos fundilhos um lusidio rabo de *rapoza*, d'essas intimas relações algo ficou aqui de adoravel e saudoso, bastante até. Recordações, viagens, alegrias, caça aos gatos, á policia e caloiros, folguedos, impressões, colicas, tudo isso se esfarrapou com as suas capas, bem o sabemos; mas de tudo isso partilhámos, e justo é que lavrêmos aqui o nosso sentir maguado pela saudade dos nossos condiscipulos.

Esse bando de rapazes que formaram o ultimo curso do 5.º anno juridico tem jus a que d'elles digamos algumas palavras de justiça. Generoso sempre, amavel por brio, altamente distincto, pela illustração e merito de muitos dos seus membros, merece o publico protesto da nossa admiração e camaradagem.

D'entre todos, igualmente nobres e igualmente dignos, alguns houve porem a quem a actividade intellectual ou a fugacidade de espirito collocou n'uma evidencia superior, sympathica e bem acceita. Esboçar-lhe-hemos os meritos, faremos a justiça que á sua illustração é devida.

Mas antes, para que se comprehenda bem como esse grupo de rapazes costuma cingir-se n'um abraço de saudosa despedida, abraço que n'este anno ha pouco findo, teve estremecimentos de loucura, puro de affectos e de camaradagem, vamos dar um escorço da ultima *recita dos quintanistas*.

Ipsis verbis !

Adeus Coimbra, terra d'encantos,
Flor do Mondego.....

Sempre um adeus, de lagrimas e sorrisos, adeus que o mesmo sentimento sempre dita : — Amisade, Franqueza, Saudade !...

Obra dos talentosos quintanistas Antonio da Silveira e Henrique de Vasconcellos, com fulgurações deslumbrantes de musica divinamente bella onde cooperaram os maestros Luiz Felgueiras e Simões Barbas, os quintanistas Antonio d'Albuquerque Stockler e Alberto Moraes, tendo sido offerecida tambem uma barcarola-serenata pela Ex.^{ma} Sr. D. Elysa Baptista de Sousa. Isto tudo desenvolvido dentro de um scenario artisticamente bello, producto do talento de artista já bastante conhecido e applaudido, o sr. Antonio Augusto Gonçalves. Com taes elementos de tão grande valor e reclame, a recita deixou em todos os corações essa nota impressionante a que não podem furtar-se os corações mais rebeldes ás alegrias de rapazes que choram já as saudades futuras, mas que vertem o pranto a dentro das taças do champagne espumante com que se brindam, e enxugam as lagrimas com o calor das proprias gargalhadas.

Com acção n'este e no outro mundo, temos tres actos e o prologo, pintando ao vivo todas as variações da vida, desde que os bacharelados se reúnem a discutir o baptismo e natureza da sua recita de formatura, até que os ditos, desalentados pelas desillusões mundanas... descem aos infernos, não a visitar os collegas que lá estavam esperando a sua santa vinda, como reza a cartilha, mas para, como elles, «comerem o pão que o diabo amassou».

Isto dito em resumo, vamos, como promettemos, deixar aqui algumas notas biographicas relativas a alguns alumnos do curso de que estamos occupando-nos.

JOSÉ MARIA JOAQUIM TAVARES — natural do Valle da Ursa (Castello Branco). Sympathico, de physionomia clara e expressiva, e ao mesmo tempo concentrada. Prende ao



237

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — CURSO DO 5.º ANNO JURIDICO DE 1896-1897

V. Marinho 92

primeiro convivio, pelo seu fino trato e delicadeza de maneiras.

Uma forte myopia embaciou-lhe, de muito novo ainda, a limpidez do olhar; por isso, sem que as cousas do mundo lhe distraiam a attenção, despreoccupado de tudo que o cerque, a sua analyse exerce-se n'uma concentração profunda sobre qualquer problema.

Na geração academica a que José Tavares pertenceu, occupou um logar superior, quer pelo seu bello espirito e integridade de character, quer pela excellencia de coração. Polemista, orador, litterato, estudioso, eis os factores da sua superioridade, que ninguem lhe contestou nem disputou ainda, mas que todos lhe reconheceram, até a propria Faculdade, que lhe conferiu a recompensa final do 1.º premio.

Em seguida á sua brilhante formatura na faculdade de Philosophia, onde manteve sempre as mais elevadas classificações, ao seu espirito não bastavam os conhecimentos já adquiridos; quiz mais, muito mais; quiz educar-se no estudo essencialmente especulativo do direito; e José Tavares evidenciou desde então toda a pujança do seu espirito de estudioso e erudito, fazendo um curso distinctissimo.

Republicano convicto e de futuro promettedor, socio effectivo do *Instituto de Coimbra* e prestigioso membro do *Grupo Republicano dos Estudos Sociaes*, tem já publicados alguns estudos onde o seu ideal se evidencia, sob as seguintes epigraphes: — *A Freguezia e a Parochia*, *A Pratica Extrajudicial e o Tabellado*, e *A França*. N'estes trabalhos revela a summa de importantissimos e interessantes conhecimentos colhidos na sua brilhante passagem pela faculdade de Philosophia, de preferencia sobre biologia e anthropologia. Por ahi se vê quão fecundas deveriam ser e foram as suas discussões nas aulas, moldadas sempre pelo cunho das modernas orientações sociologicas.

A vaidade no José Tavares... primava pela mais absoluta ausencia; o que contrasta com o proceder quasi geral dos *ursos*, familia que desde os seus primitivos avós, coevos do rei *lavrador*, até hoje, nada mais tem sido na vida academica do que uns incommunicaveis com horror de exterminio aos *musicos* — pobres *fabianos* sem luz nem guia, lanizaros da ordem e da sciencia, asquerosos vomitadores de *sebenta*... D'aqui as sympathias e as saudades que deixou.

Nas discussões academicas, a sua palavra cordata e sã vinha sempre como sol resplandecente apoz tormentosa borrasca.

Lisboa conhece-o tambem d'esse memoravel sarau de D. Maria, d'essa jornada grandiosa das academias do paiz, quando tudo se juntou na glorificação e apotheose ao grande mestre e mimoso poeta João de Deus. N'essa noite José Tavares, da veranda do seu camarote, lançou aos pés d'aquelle grande homem a sua saudação eloquentissima, cheia de calor, impregnada de perfumes. O publico levantou-o entre applausos do maior enthusiasmo e respeito.

Ahi fica esse preito de admiração ao condiscipulo e collega amigo, generoso e bom.

JOSÉ ALBERTO DOS REIS — natural de Valle de Azares, (Guarda). Um beirão genuino, de vinte e dois annos apenas e já bacharel em direito, com a aggravante, para a admiração de todos, de 'ar agua pela barba a muitos bachareis maduros. De genio alegre e jovial, tem comtudo, quando estuda e discute, a gravidade de um pensador, o tino de um mestre.

Correspondendo ao difficil empenho de sua familia que o mandára para Coimbra, fez no Lyceu um curso distinctissimo; quatro annos depois abria matricula no 1.º anno de Direito, enfileirando-se entre uma invasão de *caloiros*, dos quaes nós eramos o mais casmurro, minado por um medo de morte ás *troupes* e ás *praxes*. Entregue a si proprio e á sua vontade e direcção, o Zé Alberto não naufragou n'esse encapellado oceano de folgedos da mocidade coimbrã.

Levando a vida de cada anno no fastidioso trabalho de uma *sebenta*, na atmosphaera viciada do seu modesto quarto recheado de calhamaços bolorentos, o resto do tempo passava-o a brocar a mioleira de alguns cabeçudos para quem a pesca de umas *cartas* de bacharel se tornava empreza difficil e ruinosa. De dia na bibliotheca, amassando a pápa de uma *sebentinha*, á noite

aferrolhado no seu quarto ou explicando lições durante o tempo que os seus affazeres escolares lhe deixavam livres, eis como este academico fruiu as benesses de uma vida que lhe diziam ser de rosas e de alegrias.

No acto do 1.º anno obteve o 1.º *accessit*, e d'ahi em diante, a Faculdade respectiva, fazendo justiça ao seu saber e excellencia de exposição, foi-lhe conferindo subidas classificações, até que no 5.º anno lhe alimentou a esperanza de um logar na cathedra com a invejavel recompensa do 2.º premio.

Tal o conhecemos e tal o julgamos.

EDUARDO D'ALMEIDA SALDANHA — Natural de Gomei (Vizeu). Tez morena illuminada por dois olhos pequeninos, muito vivos, a indicarem a luz que vae dentro d'aquelle cerebro.

A falar e a discutir, as palavras affluem-lhe como as idéas, e n'essa arrelia de não poder dizer tudo ao mesmo tempo, barafusta e... então é que é deixal-o: vae Troya. O Saldanha nunca reconheceu para si outro fado que não fosse o trabalho, e é a elle, persistente, aturado, que deve as suas classificações da formatura e a final do 1.º *accessit*. Amigo desinteressado, em occasião de *actos* fazia via-sacra por casa dos condiscipulos a fim de explicar-lhes os *pontos* e metter-lhes na *caixa*, com a luz das suas explicações, a estopante e enigmatica doutrina das *sebentas*.

A sua cabeça é um verdadeiro armazem de conhecimentos juridicos, especialmente de *direito commercial*, lá para dentro mettidos desde a hora em que as gallinhas trepam aos poleiros até aos primeiros clarões d'aurora. E porque a luz ha de entrar completamente n'aquelle armazem de fazenda amontoada, ao passo que fôr experimentando as contrariedades e lições da vida, temos a certeza de que Eduardo Saldanha ha de occupar um logar proeminente no fóro portuguez.

De publicado conta já um volume subordinado á epigraphes — *Estudos sobre o Direito Commercial Portuguez*.

De excessivo amor ás suas opiniões, das quaes é difficil ceder, se acaso o adversar o o não escuta, pede reforço á logica dos pulmões, e elle mesmo se encarrega de varial-a com uma gesticulação bastante convincente. Que, ás vezes, é a suprema logica.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS — Este pertence á pleiade dos *novos*. Da sua passagem pelos bancos da Universidade restam, aqui e ali, dispersas, fulgurações brilhantes do seu estro de poeta.

Revolucionario de idéas, das suas poesias, dos seus escriptos transparecia quasi sempre grande amor pela causa da humanidade. Convivendo quasi exclusivamente n'um estreito circulo de relações, vivendo mais para a poesia do que para as leis, a ella se consagrou com afinco, modelando as suas produções pelas theorias da nova escola. Uma vez suave como beijos de namorada, outras vezes duro como ferro, ardente como fogo, penetrante como aço, recortava friamente as carnes da Sociedade, arrancando-lhe para fóra todas as podridões. Como estudo apontaremos, ao acaso, o trecho — *Os Mostradores* — da sua ultima obra *A mentira vital*; ahi revela a força do seu espirito em perceber as modalidades psicologicas de certas classes denominadas pela tentação do alheio. Alem d'esta, publicou mais as seguintes obras: — *Flores Cinzentas*, *Os Esotericos*, *A Harpa de Vanadio* e *Amor Perfeto*, não falando em um sem-numero de poesias e trechos avulsos, muitos d'elles publicados em diversas revistas e jornaes.

Henrique de Vasconcellos é ainda um dos incondicionaes da gréve academica de 91-92; a ella adheriu ferrenhamente, revoltado contra os vexames de uma humilhação imposta pela lei a troco d'uma readmissão nas aulas; preferiu perder o anno. Isto evidencia que tambem é um homem de bem.

BERNARDO VELLEZ DE LIMA — natural do Crato — (Portalegre). — Vulgo o *Gasparinho*.

Genuino representante do velho estudante esturdio e despreoccupado.

Na sua passagem pela vida coimbrã, deixou um rasto de fama que tarde se apagará: fama de trocista temido dos *caloiros*. N'esta brincadeira de começo d'anno lectivo, o *Gasparinho* era infallivel á porta-ferrea, capa ao hom-

bro, charuto ao canto da bocca, arremettendo furioso contra qualquer *pastrano*. Descompunha, praguejava, gesticulava, e o desgraçado *calovo* era um homem morto.

O charuto era n'elle o thermometro infallivel... do seu estado financeiro. Charuto de 25 réis dizia a temperatura maxima: tinha *algum* dinheiro; d'ahi para baixo, até aos de 10 réis, era *variavel*; estes ultimos, porém, eram para elle o tabaco mais fino, o que lhe era enormemente agradável, pois correspondia á temperatura normal. O *brejeiro* secco, encarquilhado e magro como um tysico, pendia-lhe algumas vezes tambem do canto da bocca: era a minima: *Gasparinho* andava á *divina*. Mas como nem assim se mostrava tristonho, expunha claramente e em conclave a sua grave situação e não era difficil apanhar um *puro* de... pataco. Então é que era deixal-o e ouvil-o! Ninguém como elle improvisava um discurso, verdadeira amalgama de historia estropiada e repleta de anachronismos, de politica, factos e typos modernos e lendarios, lentes, estudantes, bedeis e merceiros, onde as cachopas, a servente e *borboletas* varias desempenhavam papeis importantissimos, quer vestidas de fadas e princezas encantadas, quer jogando a mocada aos gatos, quer inda dançando em fralda de camisa por certas ruas duvidosas da *baixa*.

A sua verbosidade era então habil e facil, aproveitando ápartes, enfeitando as suas orações ora com flores mais vermelhas que papoilas do campo, ora com os cardos de uma ironia picante. Aos seus discursos nada faltava, nem mesmo a pontuação; em lhe parecendo, elle mesmo mettia uma virgula onde lhe aprouvesse, um ponto, uma reticencia onde tivessem cabimento.

Na politica mostrou-se sempre um ferrenho defensor do partido progressista, por dedicação ao seu disvelado protector o sr. dr. Frederico Laranjo; e tanto respeito lhe tinha que, ao vel-o ao longe, ou ao dizer-lhe alguém que este illustre professor se approximava, o Lima se estava em qualquer esturdia ou em qualquer troça, sumia-se fosse por onde fosse.

Aventuras de amor não conta, que saibamos. Cupido, a não valer-se d'elle mais que para a conquista de alguns olhos garços de tricana, não o contava como devoto; nunca podéra injectar-lhe no peito a sornice do amor... platónico.

Vellez de Lima demonstrou sempre uma tendencia especial para o palco. Lembra-nos vê-lo na *Fonte dos Amores* desempenhando como um artista o papel de *Zé Damnado*, e na sua recita de despedida, em varios papeis: — no de *zarzuela*, com um *saléro* e um garbo que fazia rebentar desejos ao mais avêssio e mais teimoso em comidas taes; no de *reporter*, onde se houve com muita felicidade, sustentando a plateia em hilaridade constante durante o acirrado dialogo com o *kikero* Uásconkeloz que, á fina força, n'uma *fakelia* bem urdida e repassada de fina critica aos neolatinistas, o queria convencer de que elle se chamava Uélles e não Vellez. Tambem lhe coube o papel de *diabo-mór* no terceiro acto. Imitava todos os typos, com enorme facilidade; habilidade esta que, bem manobrada, é sempre uma arma terrivel.

O Lima era o que póde dizer-se um rapaz habil e de talento. E tão habil que, a despeito da cega aversão que sempre teve pela *sebenta* e pelo codigo, alcançou uma distincção no 2.º anno de Direito.

Agora lá está n'uma comarca do Alemtejo, exercendo os altos misteres da advocacia e de sub-delegado. Como porém a lei das incompatibilidades não prevê o caso de um agente do ministerio publico poder ou não poder ser pandego e divertido, somos em crêr que, embora com variação de processo, o novel bacharel se não lançará na bisonhice e misanthropia. Caso de espanto será para nós vel-o apaixonado; mas como o amor é mais rijo que o diamante...

ACCACIO MENDES DE MAGALHÃES RAMALHO, de Lamego, e ANTONIO C. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS PORTOCARRERO, de Paredes.—Dois alumnos sempre distinctos, e que sem duvida irão agora iniciar risonho futuro nos auditorios das respectivas comarcas. Ao primeiro d'estes ligam-nos relações já velhas, nascidas nas aulas do Lyceu; ahi lhe admirámos sempre a superioridade do seu talento, bem como a singeleza da sua alma, tão fina e tão delicada, que parece a Natureza o não fadado para o uso de calças e da sobrecasaca; erro este que a sua bella phisionomia e elegancia de rapaz parecem confirmar.

Ao segundo devemos o tributo da nossa consideração pelo bom collega e pelo seu merito de estudioso persistente e infatigavel. Tem publicado um volume sob o titulo de *Questões de Jurisprudencia Theorica e Practica*.

ANTONIO DA SILVEIRA JUNIOR, da Povoá de Varzim.— Tambem nosso companheiro de preparatorios. N'esse saudoso tempo já lêmos um bom livro de versos devido á penna d'este distincto litterato e orador. D'então para cá nem a musa lhe negou bellas inspirações, nem elle deixou de cultivar a sua facil oratoria. Os theatros de algumas cidades e villas onde a Tuna de Coimbra foi espalhar a harmonia da sua musica, conhecem bem o seu verbo eloquente, inflammado e entusiasta. Avaliando-lhe estes dotes valiosissimos, a Tuna Academica elegera-o para seu presidente.

ELYSIO FEEREIRA DE LIMA E SOUSA, natural de Aveiro, e ANTONIO DE SOUSA RIBEIRO, do Porto.—Dois poetas, novos ainda mas de futuro risonho e promettedor. Sousa Ribeiro é o *typo* das mais curiosas distracções, do que elle não tem culpa, mas do que muitos se aproveitavam para rirem e vel-o rir tambem. Publicou ha mezes um volume de versos sob o titulo suggestivo de *Sorrisos e lagrimas*. Elyσιο deu-nos este anno as primicias do seu estro, com as *Amethistas*.

ANTONIO PINTO D'ALBUQUERQUE STOCKLER, de Ceia; MANUEL JOAQUIM CORREIA, do concelho de S. Pedro do Sul, e ALBERTO DE VASCONCELLOS MORAES, de Vianna do Castello.— Tres almas feitas de harmonias de beijos e cantos de rouxinoes: musicos de uma delicadeza tal que as suas producções arrebatam e encantam. Stockler ao piano, Manuel Joaquim na guitarra e o Alberto harpejando o violão, eis um ceu aberto e a alma em extasis.

Todos elles collaboraram com excellentes trechos de musica na recita do quinto anno, sendo a regencia da respectiva orchestra entregue á batuta de Manuel Joaquim. Não era um novato regulando os accórdes de um grupo de executantes, mas um consumado regente que deixa sair da sua varinha magica as delicias de uma harmonia celestial. Tres artistas.

EVARISTO DAS NEVES FERFEIRA DE CARVALHO, de Soure, e MANUEL EMYGIDIO FURTADO GARCIA, de Coimbra.—Dois jornalistas de quem o partido republicano tem a esperar grandes serviços e a patria elevadas dedicações. Do merito do primeiro existem documentos em varios jornaes de Coimbra, se não em mais, quer em artigos de fundo, quer em outras secções politicas ou litterarias. O *Defensor do Povo*, a *Resistencia*, cuja direcção por algum tempo lhe esteve confiada, não lhe negarão certidões do seu vigor de jornalista. Durante a frequencia do 4.º anno fundou e dirigiu na sua terra natal o periodico republicano *Correio de Soure*.

Manuel Garcia, filho do eminente jornalista e illustradissimo lente da Universidade dr. Emygdio Garcia, teve a sua escola ao lado de seu pae, no *Defensor do Povo*. Filho de tão bom mestre, conduzido pela mão de tão denodado democrata, não renega ser fogoso o sangue que lhe corre nas veias e de liberdade o ideal que lhe illumina o caminho da vida. Por isso o *Defensor do Povo* tem n'este novel bacharel um dos seus mais habeis e prestimosos redactores.

Na risonha povoação de Villa Nova de Gaya vem de fallecer já um alumno pertencente ao curso de que nos vimos occupando; rapaz que, pela sua robusta complexão e elegante estatura, parecia ter destinados largos annos de vida.

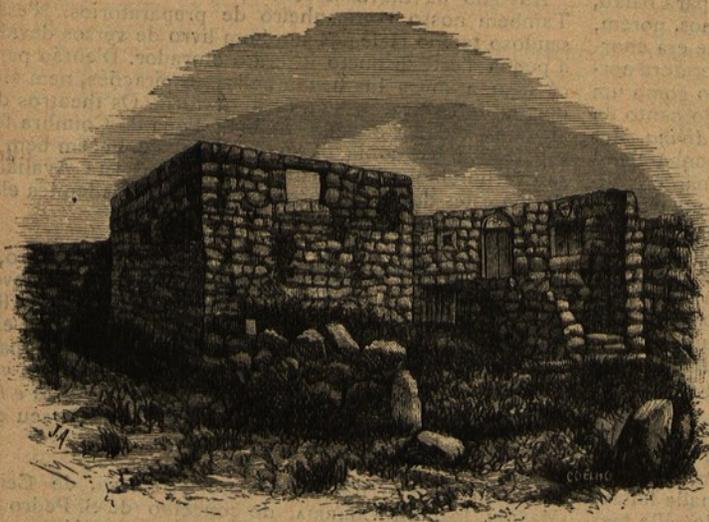
Quando á cabeceira de um condiscipulo amigo, a quem uma febre typhoide victimára, elle abria o coração a todos os carinhos e cuidados, tombou-o o mesmo horriovel mal.

Esse bello rapaz que, logo ao entrar da vida, encontrou o sinistro espectro da morte a tomar-lhe o passo, chamava-se Quintino Elyσιο Alves de Castro.

Descance em paz o desditoso moço.

ALEXANDRE DE MATTOS.

A VENTANIA



Por Misco o tractamos nós os seus cinco ou seis irmãos-de-lettras na intimidade do nosso solitario cenaculo, cheio de sonhos. E é sob o *loup* d'esse diminutivo gracioso que véla um dos mais altos nomes da grande fidalguia portugueza, o herdeiro d'um prestigioso Marquezado, e encobre um dos mais inquietos e poderosos talentos do Portugal Novo, que faz hoje a sua estreia publica o moço e subtil escriptor.

Honra se o *Branco e Negro* de publicar *A Ventania* que marca, atravez do seu penetrante symbolismo, um espirito grave de pensar. O publico que fixe o nome do escriptor e o ame como todos os do nosso cenaculo — os Brederode, Navarro, Antonio Nobre, Justino de Montalvão, Eduardo Perez — o amamos. D. G.

ESTAVA elle deitado á sombra abafada e antiga, que davam as muralhas d'um castello velho, do tempo dos mouros. Era n'um terreiro apertado entre quatro torres muito altas, e assim não podia sentir que se estava no verão e á hora do meio-dia, senão pelo parado que havia no ar e porque um risco de sol dividia do azul do ceu o alto de cada uma das ameias que lhe ficavam defronte e muito lá em cima. E tudo o mais que via eram entulhos, pedras queimadas e eram verduras humidas e escuras, sahindo das paredes, como se fossem lagrimas que ellas chorassem, n'um choro sereno e sem tristeza, vindo só da muita velhice. E o unico barulho era o do vento a emballar uns pinhaes, n'um sussurro adormecido.

Não podia haver maior socego, nem menos vida.

Tinha-se elle estirado de costas, e olhando lá para o alto, reparava na maneira extravagante como o tempo tinha ido roendo as ameias. Cada qual tinha a sua chaga esburacada e inclinava-se a uma banda, como tropega e já sem forças. E fazia dó vel-as assim, ellas que já haviam sido a gloria em que a fortaleza tinha o seu remate.

Os cardos, que por allí seccavam, eram da côr dos ossos antigos. E o entorpecimento de cousas mortas em que estava suspenso o ar todo, ia-o tolhendo a pouco e pouco, a elle tambem; uma lagartixa entre duas pedras, tinha-se ficado pasmada a fital-o.

Havia uma das ameias que o fascinava, era uma que tinha a parte de cima ainda quasi inteira, mas a base tão partida que era já só um estilhaço de pedra, e se sustinha n'um equilibrio que parecia não poder durar mais de que um momento; não tirava os olhos d'ella, parecia-lhe sentir-se preso á instabilidade em que ella estava e que se mexessé um braço, havia ella de desabar logo. E não se atrevia a mexer-se.

O torpor ia-se-lhe mudando em medo, ia-se-lhe mudando em pavor. O murmurio do silencio, a zumbir-lhe nos ouvidos, ia-lhe pesando, pesando cada vez, e a som-

bra humida apagava-lhe as ideias n'um entristecimento escuro. Na parede, olhando-o, havia um buraco escancarado para uma negridão funda.

De repente, poude sacudir-se n'um pulo e galgou pela escada d'uma das torres, n'um impeto de chegar onde houvesse ar desabafado e vista muito larga.

Desembocou da sombra e ficou atordoado com tanta luz. Uma ventania desabalada fez-lhe voar o chapeu, suffocou-o e obrigou o a agarrar-se com toda a força ao parapeito. Que vida tamanha por toda a parte e que alegria desordenada e douda por todos aquelles campos, que se estendiam até chegarem, lá muito longe, a tocar no ceu! Como podia ter elle ficado um só instante, no meio da morte sombria do terreiro d'onde vinha...

O vento e o sol eram a alma de tudo quanto se via. N'uma ceára, em baixo, as papoulas, encarnadas no meio do ouro das espigas, curvavam-se e levantavam-se em ondas furiosas; um pinhal cerrado que tapava a vista de um dos lados, parecia um mar verde-escuro; marulhava e assoviava com a ventania; e a espuma que tinha eram os salpicos brilhantes de que o sol o enchia. Do outro lado, um prado resplandecia d'um verde tão claro que ás vezes parecia de prata; e o sopro do ar punha-lhe um arrepio que fazia correr a luz por elle, como corre por um veludo. E o que mais esbracejava e estalava era uma figueira, agarrada a uma rocha a que se amparavam as muralhas, e que ficava por baixo d'onde elle estava. Parecia querer arrancar as raizes d'aquellas pedras, para voar á vontade; o tronco lazarento rangia e lamentava-se, e os ramos desgrenhados, umas vezes imploravam e outras estorciam-se de raiva.

Tinha elle que estar n'uma lucta para respirar e não cahir. As pedras a que se agarrava desfaziavam-se a pedacos. N'uma estrada que se via lá de cima a faiscar, andava a poeirada em novellos a querer embaciar o sol; mas na briga era ella vencida e dourava-se como tudo o mais. E elle tinha os olhos já cançados de tanto esplendor, e os ouvidos cheios de clamores de discordia. Um cançado á beira da estrada, a cada rajada vergava-se, e erguia-se de salto com um uivo de triumpho.

O meio-dia queria tudo abrazado, e o vento tudo deitado por terra. E já não podia elle aguentar mais aquella balburdia de verdes brilhantes, ouros e encarnados, que resistiam furiosos á guerra da ventania e do sol. Já se sentia esmagado por tanta alegria e batalha.

Já não sentia mais desejo, senão o de outra vez voltar ao torpor da sombra.

MISCO.



A SENHORA DA ATALAYA

A FESTA Grande!
E' assim que dos logarejos que domina e espreita n'um raio de muitas leguas o alto da Atalaya, se acclama mezes antes, a festa a vir.

Caiam-se os casinhos, remendam-se trapitos, preparam-se roupas novas... p'rá festa grande...

E a festa grande chega, e lá vão em romaria, nos cyrios, com muita fé e com muita esperança as cachopas nas suas chitas tezas, queimar as azas fulvas na fogueira do arraial... e queimar-as com muita caridade.

As velhinhas, essas já não teem azas, nem azas nem alento, mas noite fóra, com o seu dedo engelhado e curvo, vão apontando ao longe, muito ao longe, a fogueira do arraial a arder, a arder, e a queimar as azas fulvas das cachopas...

Festa grande! Imbecilmente grande na crassa fé dos simples, animalmente grande na sua tonteria.

Fé, vinho e amor!...

A fé verificada n'uma qualquer promessa... por ter a Senhora da Atalaya patrocinado milagrosamente o trabalhoso parto d'uma vacca.

Vinho... vejam vocês a fama do Samouco!

E amor... succede que sendo em agosto a festa grande... é em maio o mais tardar. e os recenseamentos accusam um tributo enorme!

*

A chegada dos cyrios, sabbado, a Aldegallega é o começo da festa. E com mais quatro kilometros de má estrada a percorrer, ei-los depois um a um trepando á ermida d'Atalaya.

Os de Lisboa com os seus anjinhos brancos; os seus irmãos de melena engraxada, o chapéu desabado, a capa azul e branca; as suas ovarinas de saias rodadas, o pé descalço ou mettido na tamanquina aguda e como aves saltitando sempre, que nunca ninguém as viu andar... humanamente!



VISTA GERAL DA ATALAYA

Os de Palmella em carretas, a Senhora n'uma berlinda sob um baldaquino de damasco e a carreta puxada por um burro orgulhosamente ajaesado com uma colcha de crochet, d'essas da cama.

E outros e outros, com o seu pendão alçado, a imagensinha n'um andôr, tremelicando, anjos da côr de chocolate em cabelleiras encanudadas e lustrosas, uma phantasia de musica atraz, e a cauda dos romeiros... mafaricos alegres piruetando em cima de cavallos... e bebendo... e bebendo...

A' noite, a feira, o arraial, phantastico d'aspecto, visto estender-se a festa pelo declive d'Atalaya, e emergir da noite escura esse monticulo, a chammejar por mil buracos a sua luz e a sua febre.

Canta-se, dança-se. Já os cyrios s'installaram nas suas casas, illuminaram-lhes as fachadas, dão bailes. Uma chusma, duas, vinte, como filas de doidos que fossem n'um começo d'emigração, gritam n'um côro dissonante um canto popular:

Vá di banda di banda di banda
Vá di banda di banda... olé
Cá vae o Carlos maluco
Que parece um chimpazé...



O EMBARQUE DA IMAGEM

E' um preto quem sutaca o verso, n'um passo triumphal, o olhar faiscando-lhe nas trevas da cara, um dos braços gesticulando na angustia d'uma correria selvagem...

Pobre Carlos maluco!... Tinha dezoito tostões entre a palma d'um pé e a sola da bota, e era desertor... Alguem o conheceu, arrancou-o cruelmente á vida, estatalou-o nas palhas d'uma massorra e lá esteve o vadio alegre, entre quatro paredes esburacadas, o resto da festa, a ouvir rugir a turba, o reventar dos foguetes, o resoar das musicas.

Cá vae o Carlos maluco...

*

E antes que o dia nasça, os caramellos, elles de jaqueta voltada, ellas de toalhas bordadas na cabeça, vão na sua velha romaria á fonte santa, á fonte mi-

AYAJATA AS FESTAS DA SENHORA DA ATALAYA



UM CYRIO A CAMINHO PARA A ATALAYA



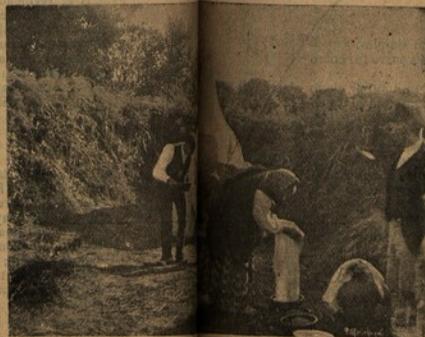
VÁ DEDA..



UM CYRIO DE PALMELLA



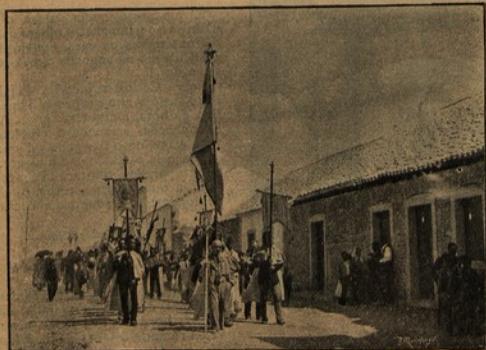
A CHEGADA Á ATALAYA



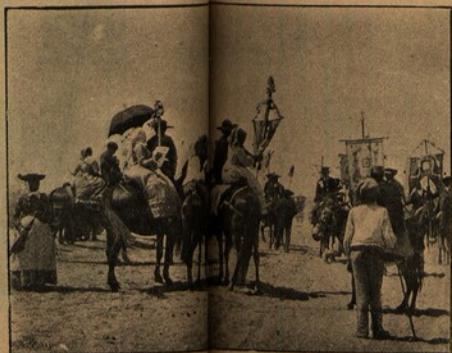
A PE SANTA



«A DEZ RÉIS, QUEM MAIS QUER LAVAR-SE?»



UM CYRIO



DELLOS



UM IRMAO

lagrosa, molhar a cara, molhar as mãos, chafurdar, rir.

Proximo á fonte filas d'alguidares esperam freguezes, e o pregão repete-se: «A dez réis... ó gentes... quem mais se lava?»

E já uma franja de prata borda em baixo, ao longe, rez dos montes, a cupula do ceu, e ainda a sarabanda é a mesma. Ninguem accorda porque ninguem dormiu. Apenas aspectos novos vem enquadrar a mesma embriaguez. Vinhas, pinhaes, o encaliçado de Lisboa, a barra nevoenta, Palmella e o seu castello com os recortes nitidos das muralhas velhas.

O disco do sol sobe, sobe sempre, agora rubro, depois côr d'ouro. Ha nevoa entre as verduras, separando planos, esfumando-se, dissolvendo-se até que o sol já alto é uma poeira branca.

Então a faina dos cyrios, a volta dos caramellos ao cruzeiro, a cavallo, sem chapeu, o pendão erguido, e as mulheres na garupa com o seu sceptro dourado. E é assim uma fila de cincoenta, n'um galopar de victoria, ellas com o seu perfil bonito, elles rudes, fortes, negros, brutos. E cada grupo lembra um rapto e um triumpho, e parece que assim caminham, na gloria d'um abraço, a offerecer á Senhora d'Atalaya um sacrificio pagão d'amor.

Sinos repicam, um bombo ou um tambor compassam a gemedura d'uma gaita de folles — como um pulmão doente que esmurrassem — e os foguetes estalam constantemente, estridulantemente.

Na ermida beija-se, no seu throno, o manto da Senhora, uma Senhora anã e sorridente, espreitando a traivez d'um vidro as outras Senhoras em baixo, que lá vão annualmente visital-a e se alinham p'ra semelhante preito aos lados da capella.

Ha promessas: — uma moça, chorosa, pendura duas tranças no manto da Senhora:

— O' minha Mãe Santissima, acceitae estas tranças...
E soluça, e soluça...

Mais tarde a procissão, quando o sol começa a descer, é maior a sombra nos pinhaes e grupos comem, espoçados na caruma dos pinheiros.

E de novo a noite cae, e a orgia é a mesma.

E então, do cruzeiro á ermida, a todo o declive do alto, começam as promessas cheias d'uncção — gente de joelhos, segurando cyrios accesos, ou de galão, por en-



DESEMBARQUE

tre a turba em festa, por entre danças, por entre berros, por entre o fremito da feira, com todos os seus contactos, arrasta-se com todos os seus desejos, lixando os joelhos na areia da subida, soffrendo, alheia á sensualidade em que se atasca.

E a turba bebida affasta-se...

Compreende-se o respeito.

Fé... Vinho e Amor...

Ninguem alli insulta a ingenua fé d'um simples.

O bebedo que grunhe e empurra, é venerado, como um santo doido.

E se acaso se topa n'um pinhal sem lua, um par cheio d'amor, não ha quem lhe mate o cio com uma blasphemia...

*

Porque depois, passada a festa grande, a Fé vae-se no primeiro peccado ou na primeira morte; o Vinho é como um sonho... já sonhado; e o Amor tambem se dilue, como o vinho e como a fé...

O' Mãe Santissima da moça das tranças negras!

ARNALDO FONSECA.



O GAITEIRO

IRMÃ DE LEITE

Do moinho de agua do Cambado, lá no valle, vieram até á aldeia novas bem tristes. Tão tristes que o sino da igreja tangeu dolorosamente no campanario branco erguido para o céu azul, além dos telhados escuros das casas.

E disseram os que o ouviram dobrar pelos campos fóra, pondo de parte as sáfras para encruzar as mãos, muito devotos :

— Nosso pae vae a sahir, para quem elle fôr, que vá na santa paz...

Dobrou o sino da igreja ás novas tristes que chegaram do moinho de agua do Cambado. Trouxe-as um rapazito descalço. Creança loura, do louro das estrigas, creança linda, linda como os amôres nas manhãs de primavera.

Vindo de corrida, de tanto correr, quando bateu á porta do presbyterio e lh'a vieram abrir e saber o que elle queria, o mocinho cortava a nova triste por longos mutismos inquietantes e fundas difficuldades no respirar.

— A filha do Cambado, — senhor prior sabia?! — estava a morrer... a morrer...

Elle havia deixado o rebanho á beira do moinho, que lhe pedira o moleiro, por que a pobresita morria.

E dobrou o sino da igreja ás novas tristes trazidas pelo pastor louro lá de baixo, do valle.

*

De tanto emmagrecer a pequena acabou por finir-se. Era o outono, agora. Corria a agua na ribeira, mais abundante pelas primeiras chuvas. Cahiam as folhas das arvores, seccas e amarellecidas, e o vento levava-as em torvellinho por li fóra doudamente.

E a filha do Cambado, a moça rosada de outros tempos, os olhos mais vivos que o senhor prior fazia pender para o chão, quando no confessorario contava peccados ingenuos, a moça mais engarrada que elle benzia do alto do altar, á missa, teve medo dos frios do inverno que se avisinhava, das cheias que lhe tomavam o portal da casa nos dias de diluvio e quiz ir lá para cima, para mais perto do sol.

A' filha do Cambado, do moleiro lá em baixo, no valle, o sino da igreja dobrou tristemente, quando na sua entrada no cemiterio pequeno e branco, onde a relva crescia viçosa, alimentada pelos corpos desfeitos, desperta pelas chuvas cahidas, e onde aqui e além espigas de trigo,



ainda alouravam, trigo cahido dos bicos dos pardaes, nos seus vãos atemorizados, e para alli crescido ao acaso.

*

Ficou sósinho o Cambado. E nunca, por mais pensar a que se entregasse, nas noutes calmas de lua cheia, sentado á beira da regueira, a olhar a agua prateada em fios tenues, nunca foi senhor de encontrar o motivo do definhamento da cachopa...

Estas cachopas da aldeia, irmãs de leite dos moços sonhadores que se lembram de ir passar as calmas para as casas das suas amas...

Moço artista, creado aos peitos de sua mulher, quando do nascimento da filha.

Naturezas da mesma idade, quasi que crescidas juntas, tantas vezes a da cidade é falada nos longos serões de inverno...

E as cachopas sós, morando em valles desertos, quando os veem, perdem-se de amôres, as pobresinhas, e depois...

... Dobrou o sino da aldeia ás novas tristes trazidas pelo pastor louro...

EDUARDO PÉREZ

SENHORA DA SELLA

(ORAÇÃO DE MÃE)

I

Senhora da Sella, tua egrejazinha,
Alegre e branquinha,
Branquinha ao luar,
No fundo d'um valle, coberto de flôres,
Parece uma pomba cahida do Ar,
Senhora, parece me um ninho d'amôres,
Alegre e branquinha,
Branquinha ao luar...

II

Senhora da Sella, Senhora da Sella,
Vou dar-te uma vella,
No meu casamento;
E hei de levar flôres no meu açafate:
Flôres da minh'alma — Martyrio e Tormento —
Senhora da Sella, Virgem do Resgate,
Vou dar-te uma vella
No meu casamento.

III

Senhora da Sella, Rainha dos Céos,
Dos filhinhos meus
Has-de ser madrinha;
Has-de dar-lhes sorte na vida, e por fim
Leval-os contigo p'rá tua egrejinha...
Senhora da Sella, belleza sem fim,
Dos filhinhos meus
Has-de ser madrinha.

IV

Senhora da Sella, se a morte chegar,
Vem-me cá buscar;
Quero ir contigo...
Leva-me em teus braços p'r'ó pé do Senhor,
Para todo o Sempre, livra-me do p'riço,
Senhora da Sella, Rainha do Amôr,
Vem-me cá buscar,
Quero ir contigo...

João ALEGRE.
365

ESCOLA PRATICA D'INFANTERIA

TERMINOU o periodo annual de instrucção d'esta Escola com os concursos finaes de gymnastica, esgrima, tiro e exercicio de tactica applicada. A todos estes trabalhos assistiu S. M. El-Rei, general Caldeira commandante geral da arma de infantaria, coroneis Duval Telles, Conde de Arnoso e todos os officiaes da Escola Pratica d'Infanteria.

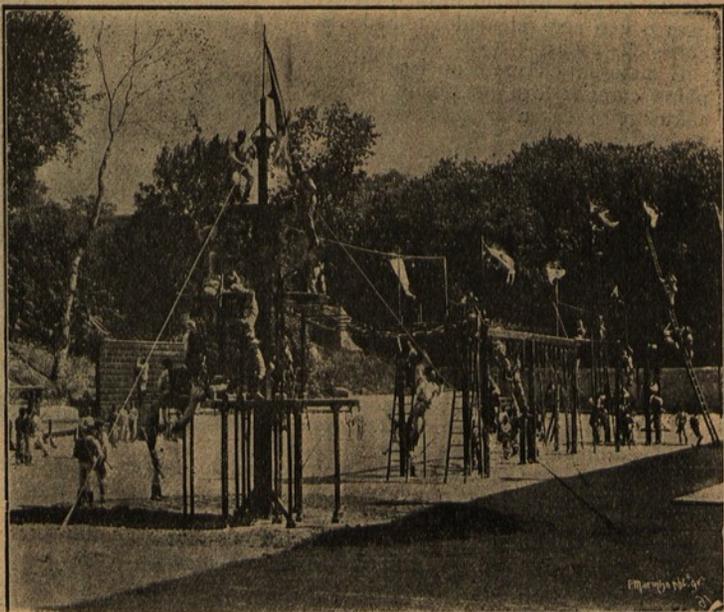
No concurso de gymnastica tomaram parte os aspirantes sargentos em tirocinio e cabos.

Distinguiram-se notavelmente nos saltos os cabos que estiveram durante 5 mezes a receber a instrucção de gymnastica na Escola.

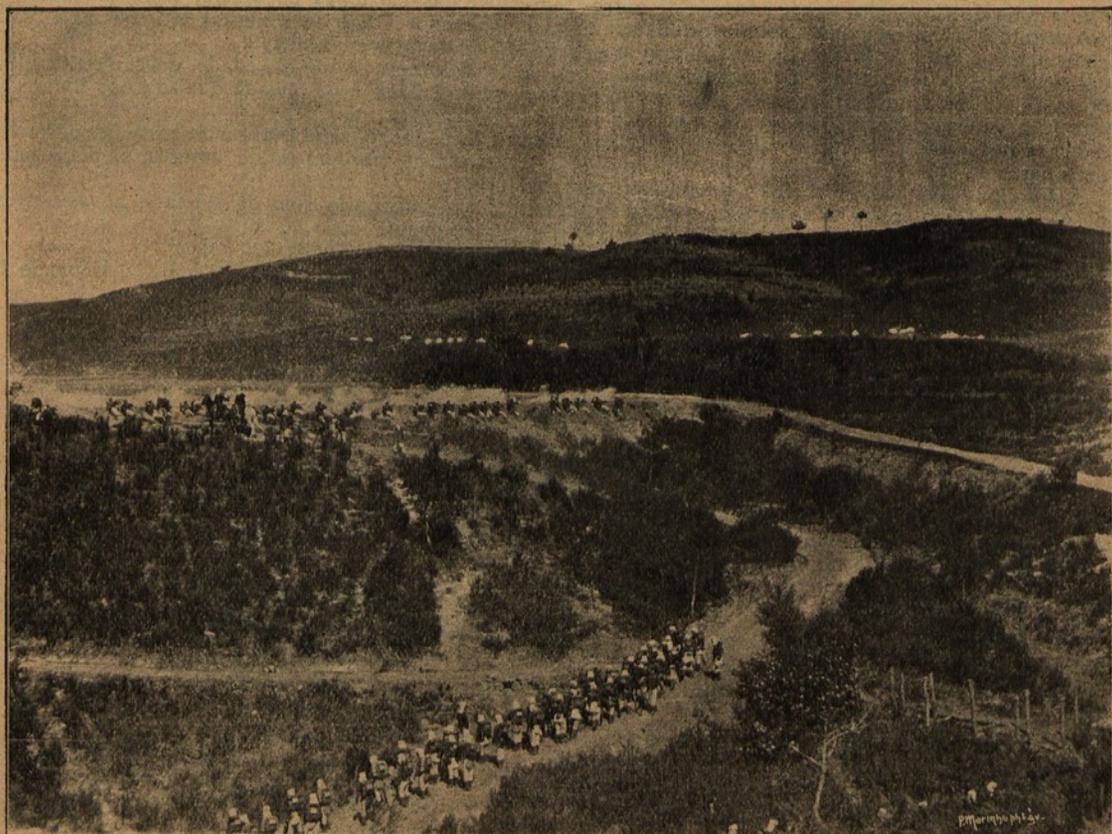
No concurso de esgrima tomaram parte os alferes do curso do aperfeicoamento que assaltaram ao florete e sabre. Houve tambem assaltos ao florete e sabre pelos instructores.

O concurso de tiro constou de fogos collectivos pela companhia normal e tiro individual pelos atiradores de 1.^a classe.

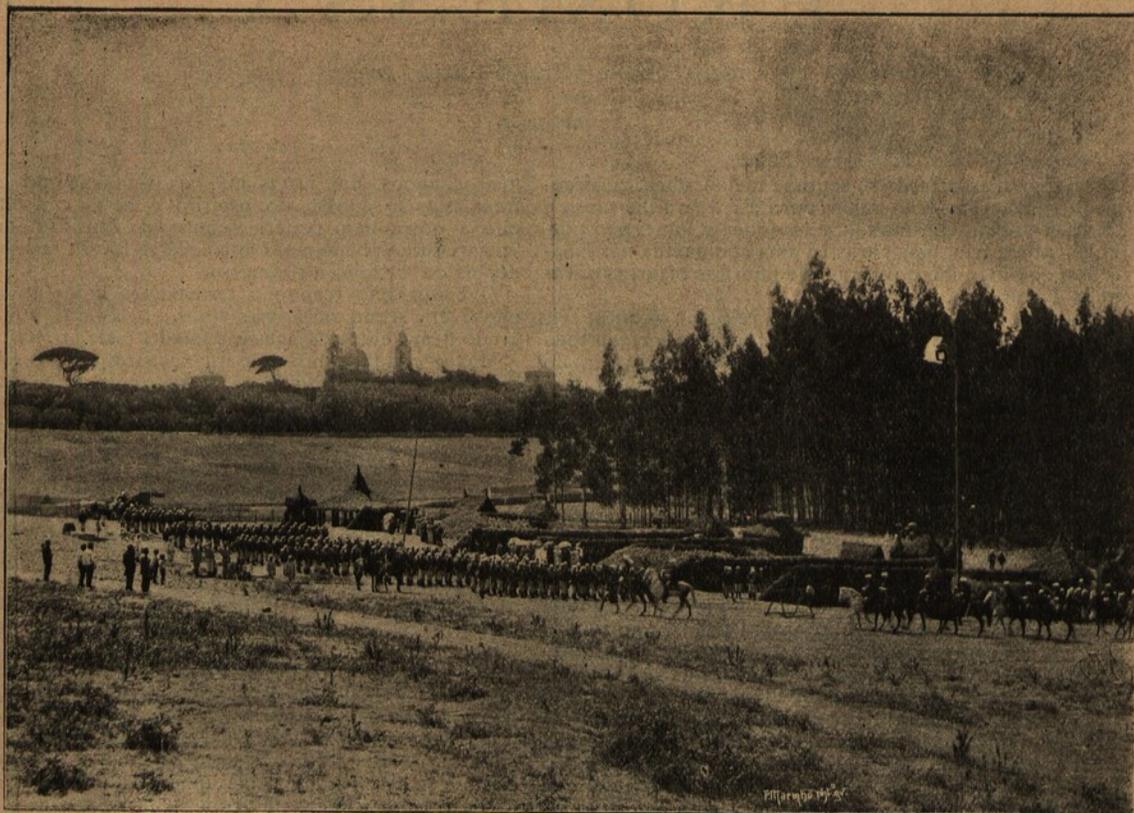
O batalhão escolar bivacou junto á



ASSALTO Á PRANCHA DE RANHURSA



EXERCICIO FINAL DE TACTICA APPLICADA

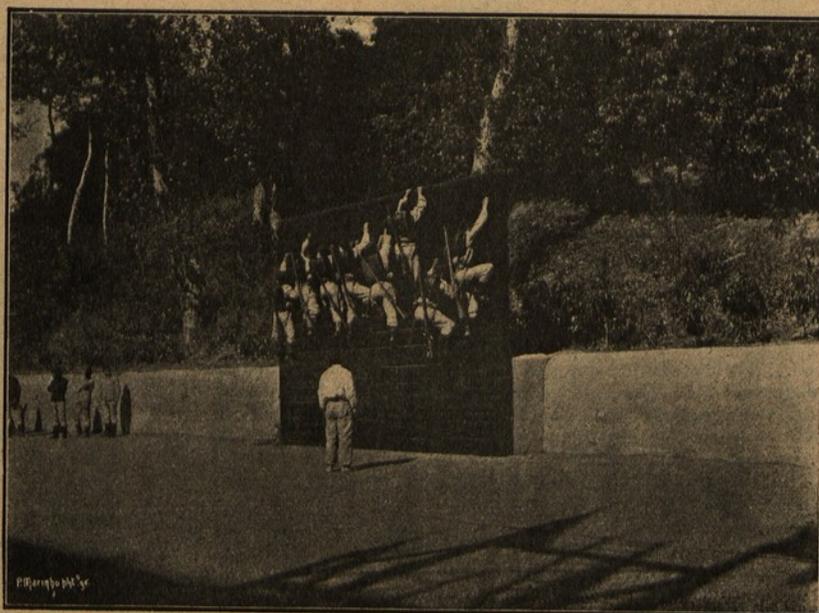


A CHEGADA DE SUA Magestade EL-REI AO BIVAQUE

malta dos eucalyptos, estabelecendo os postos avançados que foram depois atacados por duas companhias inimigas desenvolvendo-se então todo o batalhão para repeller as companhias representando do inimigo. N'isto consistiu o exercicio de tactica applicada que foi dirigido pelo Ex.^{mo} Sr. tenente coronel Silva.

Todos os trabalhos correram muito bem sendo elogiados pelas pessoas que a elles assistiram.

O *Branco e Negro* agradece reconhecidamente ao sr. tenente Pinto as photographias que hoje publica e as que sobre este assumpto dará ainda no proximo numero.



ESCALADA AO PORTICO PELOS CABOS

PROMESSA

(A Albertina Paraiço — minha amiga)

(Conclusão)

COMO n'essa tarde se sentisse melancolica, confrangida, sem bem saber porquê, pezara-lhe tanto a solidão, que mandara accender o lume, não porque sentisse frio, mas para ter uma companhia nas labaredas, que logo lhe povoaram de figuritas bizarras os sonhos d'acordada.

Passado tempo olhou inquieta o relógio: — quasi seis horas, quasi noite e elle sem vir!... Estremeceu toda d'uma gelida corrente interior. A tepida atmospheria do gabinete não lograva penetrar-lhe as carnes, que todo o seu frio vinha da ancianta expectativa em que o seu coração tremia.

Era aquelle martyrio sempre que o marido sahia! Uma tortura tanto mais requintadamente soffrida, quanto era certo que não tinha confidentes. Quando as dores se podem confessar a alguém que as comprehenda e sinta, diluem-se em palavras e suspiros e não pezam tão esmagadoras na alma, que as concebeu. A condessa não succedia assim, porque ella tinha essa unica paixão no mundo! Amava, ou antes, adorava o marido, com toda a sinceridade do seu coração muito nobre, com todo o seu corpo, com toda a sua pessoa physica e espiritalmente perfeita. Era uma paixão torturante pela sua intensidade, absorvente, que a envolvia por completo, não a deixando vêr, sentir nem pensar mais nada. Uma obsessão, uma quasi loucura, que lhe deixava, por dizer, intervallos lucidos em que raciocinava, chegando mesmo a querer-se mal por sentir essa violencia d' affecto, que era uma tortura para ambos. Igual a esse amor tão intensamente sentido só o cuidado que ficava sempre, que o via sahir, receando nos seus pessimismos d'amorosa, que mais dia menos dia lh'o trouxesse doente, morto... sabia lá! Quando se começa a recear, não pára a phantasia tragica.

Desde que o vira cahir alli mesmo junto de si, preso do mais cruel e violento ataque, nunca mais a pobre alma teve socego. Vira-o transtornado, horroroso mesmo, debatendo-se e espumando todos os horrores da epilepsia e, corajosa até á heroicidade, para que ninguém soubesse d'aquella doença, que era uma inferioridade do seu idolo, tomara-o nos braços — de que maneira, já o não sabia! — levava-o para o quarto, corra o reposteiros e foi só a segural-o nos convulsionamentos dolorosissimos do ataque. Um esforço supremo da sua vontade e dos seus musculos de *sportswoman*. Quando o viu adormecido, o rosto serenado, outra vez o que era, as lagrimas vieram borbulhantes e violentas nos seus olhos apaixonados. Silenciosa, com a doçura acariciadora das mãos, beijou o longa e levemente na frente, nos cabelos negros, na mão muito fina e aristocratica. Depois, deixou cahir a cortina para que a lampada o não acordasse com a macieza da sua luz velada e foi, n'um desespero de viuvez, ajoelhar ante a imagem marfinea do Christo. Soluçava baixinho, convulsivamente, os nervos distendidos n'um abandono de magua. Uma prece muda lhe sahiu de todo o fundo da sua alma afflicta: — «Senhor! Levae, em logar da sua, a minha vida, a minha saude, a minha mocidade. Que elle viva, Senhor! Que elle seja feliz! Feliz?...» — E ficou-se suspensa na revolta instinctiva que a sua bella mocidade saudavel oppunha á renuncia. — «Feliz? Senhor, elle não o poderia ser sem mim!... dae-lhe saude! dae m'o, dae-m'o!...»

Elle nunca desejára filhos, absorvida como estava no exclusivismo do seu amor, mas n'aquelle momento de duvidas e crueis sobresaltos, pensou: — «Será isto um castigo do meu egoismo?!... Senhor, perdoae-me, que eu prometto tomar, como meu proprio filho, uma creancinha pobre que a vossa bondade queira indicar-me! dae-lhe saude, protegei o meu amor!...»

A condessa tinha sido educada catholicamente e, apesar de toda a clareza do espirito raciocinador, n'um momento desastroso para a sua alma não resistia á doçura d'essa consolação piedosa. Por mais que uma alma se debata entre a razão phylosophica e a crença dos pri-

meiros annos, nas horas más da vida é sempre a mais fraca que se apossa do espirito e lhe dá consolações, que a outra nem poderia sequer admittir. Foi por esse vulgarissimo phenomeno que ella se levantou serenada depois de ter feito a promessa.

O conde não tornou a ter ataques como até ahí os não tivera senão rarissimas vezes, e tão raras, que o segredo ficára entre os paes e a familia mais intima.

Mas a condessa nunca mais soçegára, e vel-o sahir só era um tormento tanto maior, quanto mais se guardava de lhe confessar os seus receios, que elle apezar d'isso, conhecia. As horas que estavam separadas contava as por longuissimos dias d'amargura.

O pequeno relógio aninhado entre deliciosas estatuas douradas deu rapidamente seis horas. Levantou-se suspirando e foi á janella para illudir a impaciencia. Olhava o jardim onde os crysanthemos curvavam a cabeça florida n'uma desolada tristeza. As camelias desfolhavam-se pondo na terra encharcada nodos de sangue e de neve. Dias chuvosos, dias d'amargurados pensamentos.

Elle olhava, por entre as folhas em leque das palmeiras e o rendilhado das araucarias, esse canto de rua deserta, a lama da calçada, as janellas das casas fronteiras já illuminadas, deixando devassos trechos de vida intima mais ou menos feliz e que, no enervamento de magua em que se agitava, lhe faziam uma certa inveja.

N'isto sentiu a distancia o rodar d'uma carruagem, ruido bem distincto n'aquelle fim de tarde chuvoso, no silencio do bairro aristocratico. Abriu a porta de vidros multicores que levava directamente ao jardim e debruçou-se para fóra, despresando a chuva miudinha que não deixára de cahir, impertinente, todo o dia. Era effectivamente o coupé do conde, trazido a toda a brida pela forte mão de redea do cocheiro inglez. O conde, sabendo o cuidado em que ella estaria já, mandára fustigar os cavallos, e aquelle desejo de a não contrariar commoveu-a como uma phrase d'amor ou a doçura casta d'um beijo. E' que o marido adorava-a tambem e ella mesmo não sabia se o amava mais por elle se pelo amor intenso que inspirava.

Quando ia a retirar-se, já mais serena, viu uma creancita esfarrapada encostar se trememente á hobreira do portão. Tinha um tal aspecto de miseria e fome, que perturbava! Decerto uma d'essas pequeninas martyres que abrem a vida mendigando e acabam nos hospitaes, depois de terem soffrido todas as supplicas.

E era bonita, apezar de tudo, a rapariguinha que se encostava ás grades, olhando para dentro com mixto de curiosidade e supplica.

Tão pequenina e alli só, aquella hora de quasi noite!... A condessa sentiu uma tão pungente impressão de piedade que involuntariamente a chamou.

A creança levantou os olhos e ella, n'uma rapida, mas inolvidavel visão, imaginou aquelle corpinho tenro soffrendo todas as misérias, frios, fomes, pancadas... Sacrificado a todos os egoismos brutos.

Essa impressão foi tão forte, tão instinctiva que lhe não soube resistir. Sem pensar, sem ver mais nada, atravessou o jardim onde os seus finos sapatos se embebiavam d'agua, e pegando na mão da creança trazia-a para dentro, ao tempo que o conde se apeava da carruagem e gentilmente a censurava pela falta de cautella com que se expunha ao mau tempo. Apertava-a nos braços levando-a com doce violencia para casa. A pequena deveras assustada chorava de friorenta e medrosa.

Pouco depois já satisfeita, aquecida e risonha, respondeu á condessa, que de joelhos diante d'ella perguntava:

— «Quem és? d'onde vieste?...»

— «Não sabo!»

— «Queres ficar commigo!»

— «Quero!»

Sorria a creança, afagando com as suas mãositas ne-

gras de pobre essa linda senhora, que a olhava como ainda ninguem a olhára durante a sua pequenina existencia miseravel.

— «Uma creança perdida, disse o conde.

— «Uma creança, encontrada, meu amigo! Foi Deus que a enviou para meu socego; é a tua saude; é a tranquillidade que volta!

O conde, sabedor da promessa tão sublime na sua singularidade tocante, agarrou com as duas mãos nervosas a cabeça loira da mulher e disse-lhe, n'um longo beijo apaixonado, todo o reconhecimento e todo o amor que o agitava até ao intimo do seu ser. No entanto, pediu

para que a creança não fosse definitivamente adoptada sem saberem a quem pertencia. Procurados os paes não foi possível encontral-os pelas quasi nenhuma indicações da pequena que mal sabia falar.

Foi uma alegria para a condessa! Vestindo a pequenita como uma princezinha, agasalhando-a na tepidez do seu affecto maternal, educando-a e dando-lhe todos os momentos que não consagrava ao marido, achou meio de ser feiz e de não adoecer de susto todas as vezes que elle sae.

Setubal, maio de 97.

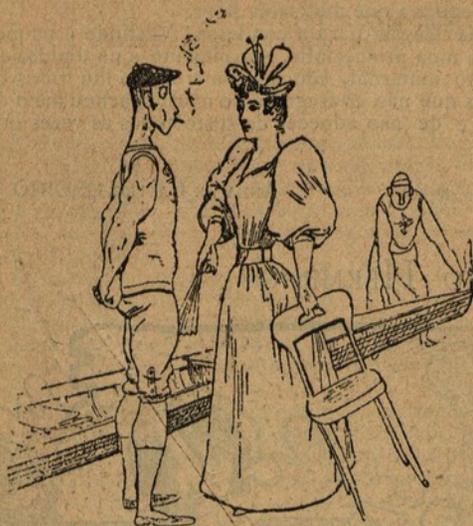
ANNA DE CASTRO OSORIO.

BANHOS, POR CELSO HERMINIO



1, Banhos de mar. — 2, Banhos de igreja. — 3, Duches. — 4, Banhos de chuva

NOS BANHOS



— Não me convenço, Manuel, é facilimo dizer—amo-a
— preciso provas de que essas palavras não são um embuste.

— Perfeitamente, minha senhora, dar-lhe-hei a prova... faço virar a guiga para ter o prazer de salvá-la!

— Basta! Estou convencida de que me ama. Já não preciso de mais provas.



— Diga-me uma coisa, banheiro, a maré ainda demora muito a encher?

— Não, senhora, muito pouco. O tempo preciso para V. Ex.^a se metter n'água!

ROSAS PALLIDAS

(Ao Senhor Domingos Guimarães.)

Loucas imagens em minh'alma vejo,
Branças visões povoam minha mente,
Passo a vida pensando tristemente
Na ventura que traz um dôce beijo!

Não tenho uma canção que me acalente
No berço virginal dos meus amores,
Só me embalam os ais, magoas e dôres,
Que decóro na vida de demente!...

Quizera morrer n'um campo de flôres
Ter por mortalha o ceu immaculado;
Já que no meu viver tão desgraçado,
Só encontro martyrios, dissabôres!...

Leiria, 12-8-97.

A. DE SÁ RIBEIRO.

COISAS ALEGRES

A aventura mais original da infancia de Garrett é, sem duvida, a do sermão prégado por elle na ilha Graciosa. Fôra ali visitar seu tio, José Carlos Leirão, e, como se destinava ao estado ecclesiastico, e era já minorista, supponho, levava as suas vestes talares.

Antes de ir para casa do tio, encontrou-se com o juiz de uma irmandade, que andava muito atrapalhado por lhe faltar o prégador com quem contava para o sermão do orago da sua freguezia.

— Quer o senhor que eu prégue? diz-lhe o poeta adolescente.

— Ora! o menino pôde lá!

— Posso, sim senhor, olhe que eu sou sobrinho do bispo!

— Ah! isso é outro caso! mas...

— Qual mas nem meio mas! Lembre-se que eu prégio de graça.

O argumento foi decisivo. Era o *sem dote* de Harpagão.

Acceite a offerta, aqui temos nós o nosso rapazelho a caminho do pulpito. Quando subiu, e se achou em presença da massa dos fieis, confessava Garrett, depois, que se sentira um pouco atrapalhado; mas já não havia meio de recuar sem ridiculo. Tratava-se de morrer ou de vencer. Superadas as primeiras hesitações assenhoreou-se do assumpto e elle ahí vae. O futuro orador da Constituinte de 37, o famoso discursador de Porto Pireu estreitou-se na Graciosa de um modo digno dos seus futuros triumphos. O povo fez-lhe uma ovação, andava no arraial atraz d'elle a victorial-o, e Garrett saboreou assim pela primeira vez as alegrias da popularidade.

370

Quem ficou a um tempo surpreendido, entusiasmado e irritado com a noticia foi o tio José Carlos. Homem de bom senso, via em primeiro logar que esta rapaziada podia ser desagradavel ao bispo, o qual podia ser obrigado a punir o sobrinho, que assim brincava com as cousas a que um prelado maior obrigação tinha de manter severamente o seu character de seriedade. Depois entusiasmou-se com o talento do rapazote, mas disse abanando a cabeça:

— E' uma pena que este rapaz venha a ser padre!

— Pena! pois se elle já préga tão bem! diziam-lhe.

— Por isso mesmo! redarguiu o sensatissimo conego.

*

D'uma vez, conversava Telles Jordão com uns poucos de officiaes a respeito da parada que se devia effectuar no dia de annos de D. Miguel, dia que estava proximo. Voltou-se para um moço official de artilheria e perguntou-lhe:

— Teremos bom tempo no dia 26 de Outubro?

— Eu não sei, meu brigadeiro.

— Então você, redarguiu grosseiramente o general, para que estudou mathematica se não sabe o tempo que hade fazer? Ora ahí está porque eu não quero que meu filho aprenda mais do que ler e escrever, que é o bastante para ter religião e servir o senhor D. Miguel, nosso rei.

UM ASSIGNANTE.

SECÇÃO RECREATIVA

O KANGURÚ JOGADOR DE BOX

SABE-SE que a pendula electrica consiste n'uma bola muito leve, de miolo de sabugueiro, suspensa por um fio de sêda em um supporte com pé de vidro destinado a isolal-o do chão. Quando se approxima um corpo electrizado, a bolinha é, primeiramente attrahida, e depois repellida logo que houve contacto.

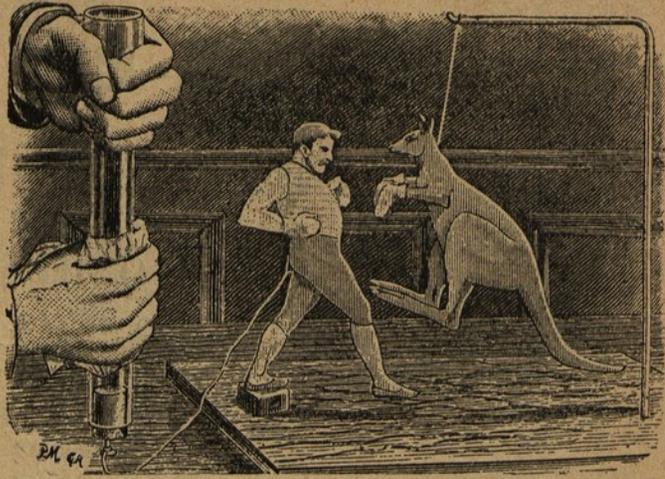
Eis a maneira de apresentar esta experiencia ao publico d'um modo original. Desenhae e cortae depois, n'um bilhete de visita, um boneco representando um jogador de box; collae no reverso do desenho um bocado de papel prateado excedendo ligeiramente os contornos do jogador de box, dobrae a saliencia do papel prateado sobre a tira do bilhete.

Collae atraz d'uma das pernas (a que está na rectaguarda), um boccado de arame, que mettereis em um boccadinho de lacre collado n'uma taboinha.

Desenhae, n'uma folha de papel para decalque, um kangurú jogador de box no exercicio das suas funcções.

Pega-o nas costas do papel prateado e suspendei-o por um fio de linho a uma forza de arame espetado na taboinha, como indica a nossa gravura.

Como principio de electricidade construi uma machina electrica por meio d'um vidro de candeeiro fechado em uma das extremidades por uma grande rolha atravessada ao centro com um prego. Ligado este prego ao arame que está nas costas do jogador de box por um arame delgado de 70 centimetros de comprimento approximadamente. Eis o apparelho construido. Se esfregar-des o vidro muito secco deante do lume, com um lenço



de sêda ou uma pelle, o vidro electrizar-se-ha e portanto a electricidade transmite-se ao homem.

O kangurú será vivamente attrahido e virá rapidamente atacar o jogador de box. Mas a descarga electrica terá tambem logar e o animal será repellido. Ter-se-ha assim uma série de attracções e repulsões simulando o espectáculo d'um animal furioso atrando-se ao seu adversario.

Para esta experiencia devem ser preferidos os vidros de candeeiro, de crystal.

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de extractos documentaes em prosa e verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

LISBOA EM CAMISA

LISBOA em CAMISA

POR

GERVASIO LOBATO

1 volume, 2.^a edição, illustrado por

CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

LISBOA

LISBOA EM CAMISA

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 - Rua Augusta, 52, 54 - LISBOA

Typographia e Stereotypia MODERNA - Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



PRAZERES INFANTIS

PREÇO 40 RÉIS

N.º 76

VELOCIPEDIA PRÁTICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pôdem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pôdem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



1 VOLUME BROCHADO 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor — 52 a 54, rua Augusta, 52 a 54

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 76

LISBOA, 12 DE SETEMBRO DE 1897

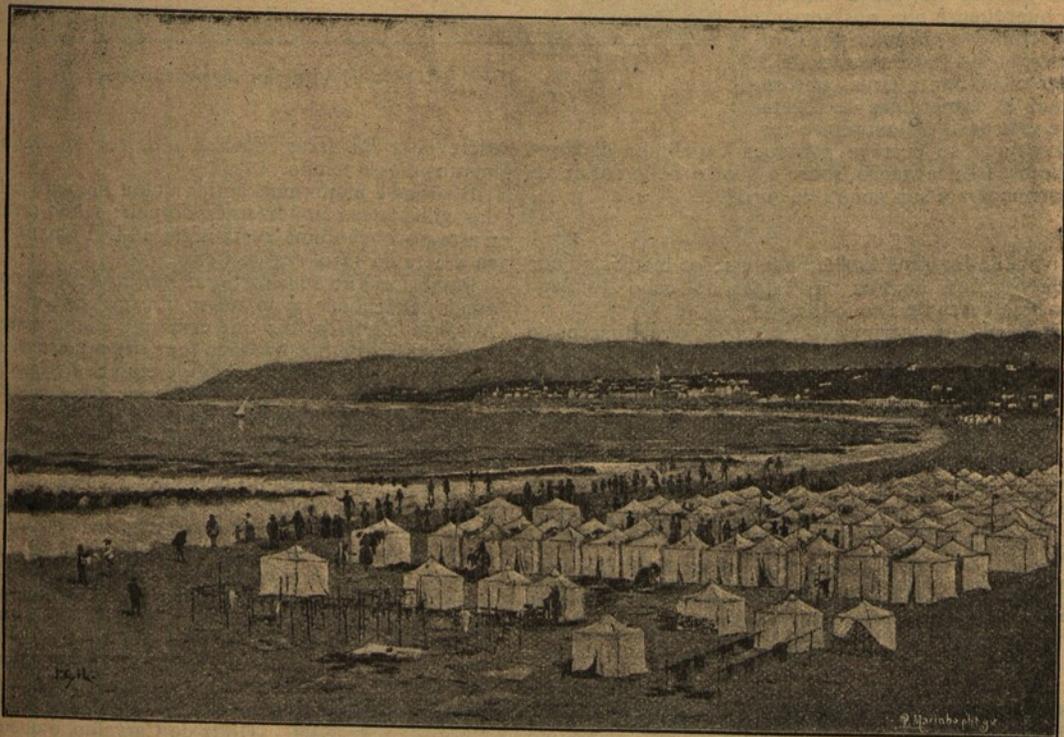
2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(XXV)

BUARCOS

(Ao meu amigo Antonio Justino da Costa Praça)



BUARCOS — Quadro de Francisco Gil

ELA, em meia duzia de sentimentaes pinceladas, sahidas da palheta artistica de Francisco Gil, a sorridente e pittoresca villa que vemos todos os dias, sentada indolentemente á beira do Oceano, tão contente da vida, tão vaidosa da belleza que se retrata n'um sereno pedaço de mar, azul como anil, e doirada esplendorosamente pelas flechas do sol que bate de chapá na sua casaria salpicada de vermelho, fazendo-nos pensar n'essas lendarias cidades arabes, plenas de odaliscas vaporosas e polvilhadas de almenaras mouriscas, projectando na escuridão da noite uma luz rubra, de sangue...

O quadro que encima este artigo, que foi reproduzido n'uma deliciosa photographia pelo distincto photographo conimbricense, sr. Adriano Tinoco, diz mais do que diria toda a descripção que sahisse da nossa penna, onde tanto escasseiam as tintas, vivas e deliciosas, que animam o quadro de Francisco Gil; este distincto artista interpretou com summa felicidade esse esplendido e bello trecho da natureza, que produz deslumbramentos em o nosso espirito ao contemplarmos essa vasta enseada que

se estende desde o forte de Santa Catharina até ao Cabo Mondego.

No primeiro plano alveja o gracioso e alegre acampamento das barracas bafejadas humidamente pelo ar impregnado de emanações salinas e aspirado a largos sorvos pelas formosas banhistas, cujas figuras põem na brancura da areia uma nota viva e alegre com os tons das suas toilettes de tintas variegadas e as suaves *sihouettes* dos seus vultos gentilissimos...

A alvura das barracas casa-se n'uma adoravel harmonia com o azul crystalino do mar que estende a sua superficie doce como o setim, batida pelos raios obliquos do sol e franjada de espumas, da alvura das esguias velas dos barcos de pesca que no horizonte se baloicam, como revoadas de alegres gaivotas cortando o céu d'um azul tão formoso, tão portuguez.

Esta enorme massa d'agua que ora se espreguiça socegadamente pela praia, enrolando as ondas brancas como arminhos, ora se encapella furiosa agitando a sua guedelha de salitrosa espuma, é orlada por um alveante areal onde a vida maritima se manifesta em todos os

seus aspectos; aqui é o pescador que descança da faina do mar compondo as redes entre as pobres habitações de madeira vermelha e arruinadas embarcações com grandes olhos; alli é um grupo puxando á rede, soffregos por saber a recompensa das suas canceliras; acolá surgem meia duzia de braços musculosos, causticados pelo sol empregando a sua força herculea em lançar ao mar uma lancha de pesca; scenas que se vêem deliciosamente traduzidas nas cinco lindas photographias do distincto amator e nosso querido amigo Antonio Mesquita de Figueiredo, que hoje realçam as paginas do *Branco e Negro*.

E como remate a tudo isto surge-nos além o branco pharol do Cabo Mondego, os contornos longiquos da sua serra a que se encosta luzente de sol a mimosa villa buarquense que nos sorri de longe com os seus coloridos flamantes, as suas alvas torres de S. Pedro e de Santa Cruz, que recortam as esmeraldas de vegetação e esse oasis de luxuriante verdura d'onde se destaca a branca capellinha de Nossa Senhora da Encarnação, sobre a qual o bello sol de verão arremessa a sua peira de ouro...

A villa de Buarcos está situada a 1:500 metros ao norte da Figueira da Foz nas faldas do cabo Mondego. Tem hoje cerca de 600 fogos.

Dizem alguns escriptores que a palavra Buarcos deriva de *bunhos e arcs*, materiaes de que construíam as suas cabanas os seus primitivos habitantes, que na sua opinião eram pescadores gallegos, (seculo XV) alli atrahidos pela abundancia do peixe.⁽¹⁾ No seculo XVII

⁽¹⁾ *Corographia Portuguesa e Vocabulario* de Bluteau.

Isto não passa d'uma bem urdida fabula, pois como vamos vêr, Buarcos já existia no reinado de D. Affonso III que lhe deu foral que se acha na Torre do Tombo. No sitio onde existe Buarcos houve outr'ora em tempos anteriores á fundação da nacionalidade portugueza uma pequena povoação chamada Eimede.

O sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, illustre abbade de Miragaia, diz que o termo Buarcos deriva ou do arabe *Bundharque*, ou do celta *buarach*, grilhão que se lançava ás pernas das vaccas para ordenhal-as, ou do *buarach* adjectivo, que significa precoce, temporão.

Buarcos e Redondos pertenceram ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como se vê da *Chronica dos Regentes* 2.ª parte pag. 218 e 257.



BUARCOS — Habitações de pescadores

escrevia-se *Bo-Arcus* como se pôde ver em alguns documentos d'esse tempo.

Buarcos é muito mais antiga que a Figueira e foi uma das villas mais importantes do paiz: sendo outhorgada n'esta povoação uma carta regia de D. Fernando que leva a data de 1410, era de Cezar.

Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno*, continuado e acabado pelo nosso illustre amigo dr. Pedro Augusto Ferreira, diz que esta villa «tinha antigamente juiz ordinario e dos orphãos (que era o mesmo) com camara, era cabeça de concelho, e com comarca e appellação para o ouvidor de Tentugal, que era a cabeça de todas as villas dos duques de Cadaval.»

O duque de Cadaval possuía avultados bens, entre os quaes se contavam alguns na freguezia de Tavadede, o direito dos oitavos do peixe de cambo e de corso em toda a costa de Lavos e do rio, a barca de passagem entre a Figueira e o Cabedello, as marinhas da Varzea⁽¹⁾; em Buarcos além do senhorio da villa, *com suas justicas, direitos de pescado e portagem* tinha uma casa, denominada da *Ribeira*, junto á muralha, a ermida de Nossa Senhora do Rosario e uns predios em alguns dos quaes viviam os almoxarifes.

E' o que consta d'um documento que possui o illustrado professor de Buarcos sr. Augusto Goltz de Carvalho, e que é citado pelo nosso querido amigo e talentoso archeologo sr. dr. Antonio dos Santos Rocha no seu primoroso trabalho de investigação historica *Materias para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, que nos dá immensos esclarecimentos sobre a historia de Buarcos. D. Affonso III deu foral a Buarcos e D. Manuel, sob o reinado do qual, foi fundada a Misericordia concedeu tambem foral a esta villa aos 15 de setembro de 1516; este foral ainda hoje existe archivado na camara municipal da Figueira.

Da escripturação respectiva deprehende-se que a camara de Buarcos vivia mais desafogada que as camaras de Tavadede e Villa Verde.

⁽¹⁾ Ao começar o seculo XVIII, o Valle da Varzea possuía quatro marinhas, uma das quaes era allodial e as outras foreiras, a saber: a d'*El-rei*, a *Lapa*, a *Vassala* e a *Leenciada*.



BUARCOS — Barco de pesca de sardinha

Em 1792 a camara de Buarcos tendo que pagar a um cirurgião o ordenado de 100\$000 réis mandava reunir o povo no pateo da Misericordia ou em qualquer praça a fim de saber *se queria ou não ser fntado*.

Era a mesma camara que procedia á eleição do almorixe da fortaleza de Santa Catharina da Figueira e á arrematação das sisas da ilha da Morraceira.

O sr. dr. Antonio dos Santos Rocha na obra já por nós citada, diz que eram abominaveis grande numero das posturas de Buarcos ao principiar o seculo XVII.

«Prohibiam que sahisses cereaes da villa, sem licença da camara, sob pena de perda de generos; e, sabindo com licença, pagavam-se 100 réis por carga ou 10 arrobas; que os almocreves levassem peixe ou outras mercadorias, sem trazerem a Buarcos igual porção de *mantimento*, sob pena de 100 réis por carga maior e de 50 réis por carga menor; que quem comprasse peixe para secar, o seccasse ou vendesse fóra de Buarcos, sob pena de 1\$000 réis; que se residisse na villa sem licença da camara, sob pena de 1\$000 réis; que os almocreves de

mar, encimado por uma estrella, tudo rodeado pelo arco-iris. (1)

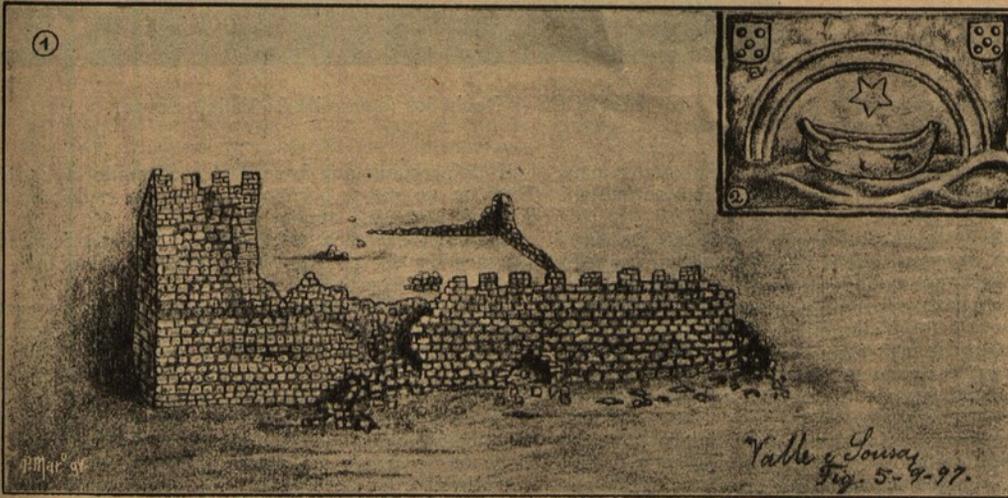
O pelourinho de Redondos, villa outr'ora separada de Buarcos apenas por uma rua, é semelhante áquelle tendo n'uma das faces uma cruz, n'outra a esphera armillar no meio da data 1561 e nas outras duas escudos em que não ha relevo algum. (2)

Buarcos é uma das terras portuguezas que tem soffrido mais calamidades, d'algumas das quaes nos dá conta D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho* e o sr. dr. Santos Rocha no seu magnifico trabalho historico.

Em 1566 esteve sobre esta villa grande numero de naus inglezas, que alli deviam praticar algumas das suas *costumadas façanhas*.

Sob o dominio dos reis intruzos, soffreu uma invasão de hollandezes.

No mez de maio de 1602 viu na sua costa 7 navios inglezes, que traziam muitos homens armados. Estes nos-



1, ESTADO DO CASTELLO DE REDONDOS NO MEIADO DO SEculo XIX
2, ARMAS DE BUARCOS (BAIXO RELEVO NO PELOURINHO) (DESENHO DE VALLE E SOUSA)

Buarcos e Redondos comprassem peixe para outros de fóra, sob pena de 1\$000 réis; que alguém vendesse vinho que não fôsse da sua lavra, sem licença da camara, sob a mesma pena; que se abrisse estalagem, sem essa licença, sob a mesma pena; que se exercesse o mister de official de pedreiro, sem exame, e que o official ganhasse mais de 120 ou 140 réis diarios, conforme a epocha do anno, sob pena de 1\$000 réis; etc.» (Posturas de Buarcos, 1718, Archivo Municipal).

Após a revolução de 1640 que poz termo á tyrannia dos Philippes tratando-se de defender as nossas praias, a villa de Buarcos foi dotada com uma guarnição militar.

No seculo XVII Buarcos era uma das nossas mais ricas villas possuindo os seus armadores grande numero de caravelas, muitas das quaes estacionavam no porto da Figueira da Foz.

Em muitos documentos do seculo XVII e XVIII a alfandega da Figueira apparece com a denominação de *Alfandega de Buarcos*, o que tem feito que muitos tenham julgado que era em Buarcos a Alfandega da Figueira. Mas como diz o sr. dr. Rocha a denominação *Alfandega de Buarcos* não se referia ao povoado, sendo somente devida ao facto da Figueira estar sob a jurisdicção da villa de Buarcos.

Nas cartas regias do seculo XVI, lê-se *Alfandega da Figueira* e em 1602 é que começa a denominação de *Alfandega de Buarcos*, voltando no seculo XVII a tomar o nome de *Alfandega da Figueira*, o que não deixa de ser bastante curioso.

N'um pequeno largo eleva-se o pelourinho que symbolisa a jurisdicção municipal. Este monumento apresenta uns baixos relevos que são talvez as armas de Buarcos. Constam d'um barco com a fórmula de crescente sobre o

so *fiéis aliados* desembarcaram em Buarcos que puzeram a saque arrazando a povoação e lançando fogo aos livros do archivo da camara.

Depois d'estas *façanhas*, bem proprias de inglezes, seguiram para a Figueira, que saquearam tambem durante 6 dias, entrincheirando-se no convento de Santo Antonio.

Valeu-lhes o reitor da Universidade, D. Affonso Furtado de Mendonça que veio em sua defeza, seguido de populares e estudantes, e o inclyto bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, que, mal teve noticia do succedido, sahiu de Lavos, onde se encontrava acompanhado de muita gente não só de Coimbra e outros pontos intermedios, como do sul do Mondego como Pombal Redinha, etc.

Os inglezes haviam deixado estes povos em tal miseria que os que tinham vindo em seu soccorro deram-lhe tudo quanto traziam.

Pinho Leal diz que «o prior geral de Santa Cruz mandou tres barcas carregadas de pipas de vinho, pão cozido, grande porção de carne de vacca, muitos carneiros mortos e algum dinheiro, que tudo foi distribuido pelo

(1) Este baixo relevo vê-se n'um dos cantos do desenho que hoje publicamos e em que avulta o Castello de Redondos. Consta nos que na Bibliotheca do Porto ha documentos por onde se podem descobrir as armas de Buarcos. Só depois de os compulsar é que poderemos saber quaes são as verdadeiras armas da antiga villa.

(2) Do Castello de Redondos resta hoje uma mui pequena parte; por esse motivo damos hoje aos nossos leitores um *croquis* que tiramos da artistica restauração que do castello fez em cortiça o intelligente e apaixonado antiquario sr. Augusto Goltz de Carvalho. Esta restauração, ou antes *resurreição*, apresenta o castello tal como se achava no meado d'este seculo. Os materiaes de que era construido eram tres: grés vermelho, cal e areia. O trabalho do sr. Goltz acha-se no Museu Municipal da Figueira.

povo. Também mandou duas pipas de vinho para os frades e algum dinheiro para repararem as perdas do seu convento e para vestidos de alguns frades.»

Em razão d'este acontecimento, Philippe II isentou durante 7 annos da dizima e de todos os outros direitos o pão que de fóra do paiz viesse vender-se aos *portos de Buarcos e Redondo*.

O sr. dr. Santos Rocha dá conta d'uma outra invasão dizendo: «Em 1629 quatro naus lançaram em terra gente armada, que muito damnificou Buarcos e provavelmente também a Figueira. Eis como a carta regia de 6 de julho d'esse anno conta o facto, e as singulares providencias que o governo da usurpação adoptou :

«Recebeu-se a vossa carta de 2 de junho passado com o papel do juiz de fóra de Montemor-o-Velho, dando-me conta de como quatro naus inimigas botaram gente em Buarcos, e o damno que alli fizeram.

«E havendo visto e considerado a materia, me pareceu dizer-vos, ordeneis que o Castello que ha n'aquella villa se proveja de modo que possa ter defensão emquanto lhe chegar soccorro, e que elle se repare por conta dos Donatarios d'ella, ou na fórma que possa ser mais a proposito, *de maneira que os gastos não saiam da minha fazenda*, e dando-se aos visinhos as armas que houverem mistér, *pagando-as*, e que haja no logar boa vigia, para estar prevenido.

«E dareis ordem ao Sargento-mór d'aquella comarca assista em Montemor-o-Velho, para com a gente d'esta villa acudir a qualquer occasião que se offereça de inimigos, e tenha *bem armada* a gente de Buarcos e de dia e de noite nas vigias, vendo se convirá fazer alguma defensa de trincheiras no logar ou na parte em que possam desembarcar os inimigos.

«E *obrigar-se ha* a tendeiros dos logares da costa e circumvisinhos *que tenham polvora para vender aos soldados*; e demais d'isto fareis que se provenha todo o mais necessario.»



BUARCOS — Rochedos (aguarella de Valle e Sousa)

«E' de presumir que fosse este o chamado *sucesso de Buarcos*, de que se occupou outra carta regia de 10 de outubro do mesmo anno.»

Buarcos foi também infestada por catervas de piratas, que praticavam as maiores atrocidades obrigando os navios a dar á costa.

Assim em 1682 naufragou na praia de Buarcos o navio inglez *Thomaz* que ia para Lisboa com varias mercadorias, *em rezam de vir accossado de dois navios*. No dia 1 de agosto de 1754 deu alli á costa o hiate *A Senhora do Rosario e S. Vicente Ferreira*, pertencente a Manuel de Jesus, de Setubal, dizendo o *Livro das fianças do consulado de 1753-1757*, que foi obrigado a naufragar *para escapar da escravidão dos infieis*.

A Misericórdia de Buarcos foi fundada por provisão do monarcha *Venturoso*, inicios do seculo XVI. O frontispicio do livro dos Irmãos d'esta Misericórdia, consta d'um bello pergaminho illuminado que ainda hoje se pôde vêr no Museu Municipal da Figueira da Foz, o magnifico instituto de que já tratámos em o nosso seminario. (1)

A primitiva igreja matriz de Buarcos, orago S. Pedro, apostolo, foi em parte destruida por um tremor de terra no dia 1 de novembro de 1755. A igreja actual, da mesma invocação, data do meiado do seculo XVIII.

Como a pobreza dos habitantes não pudesse arcar com as despesas da reedificação, foi por elles dirigida uma mensagem a D. Maria I, pedindo-lhe um subsidio para as obras da igreja, á qual respondeu com o seguinte despacho :

«O Provedor da comarca informe com seu parecer, ouvindo os officiaes da Camara, Nobreza e Povo, averiguando a necessidade das obras de que se trata, sua importancia, para o que as fará pôr a lanços, e dando conta do menor e mais seguro. Lx.º 29 de novembro de 1788.»

Em seguida passou-se esta provisão :

«Dona Maria, por Graça de Deus Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'Aquem, e d'Além Mar em Africa,

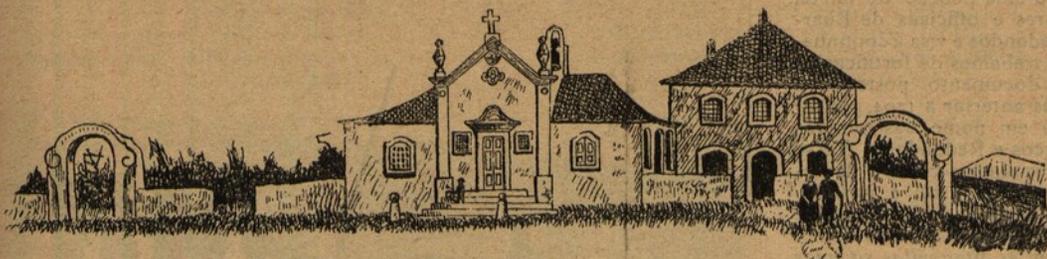


BUARCOS — Lancha de pescador

(1) Vidé no *Branco e Negro*. N.º 20, pag. 46 do 2.º volume, o nosso artigo sobre o Museu Municipal da Figueira da Foz.

Senhora de Guiné, etc. Mando a vós Provedor da comarca de Coimbra, que vos informeis do contheudo na Petição retro de os Moradores da freguezia de S. P.º Apostolo da V.ª de Buarcos na conformidade do D.º n'ella proferrido, e com vossa Carta elle tornará esta segura pelo

ra, rindo entre o verde aos raios do sol que diffunde vida e esplendor pelo arraial, costuma apresentar-se n'esse dia lindamente engalanada, cheia de seraphins alados, que espreitam os romeiros da sua abobada azul. A lilial imagem da Virgem, ataviada de sua pureza e louçanias cam-



BUARCOS — Capella de N. S. da Encarnação

Corr.º na fôrma Ordenada. A Rainha Nossa Senhora o mandou pelos Ministros abaixo assignados do seu Conselho, e seus Dez.º do Paço. José Joaquim Pinto a fez em Lisboa a vinte e nove de Nov.º de mil setecentos e oito annos.»

Esta egreja soffreu ultimamente alguns reparos, não se celebrando n'ella o culto desde o dia 15 de novembro de 1896 até ao dia 22 do mez passado, em que se transferiu o Santissimo da capella da Misericordia para esta egreja matriz.

Estes reparos consistiram em solhar a egreja, sendo aproveitadas as lages do meio da egreja para construir uns assentos ao lado da porta e laguear a entrada do templo.

Quando se procedia ao levantamento do pavimento encontraram-se algumas peças fragmentadas d'um retabulo de pedra, delicioso specimen do seculo XVI, dos mais interessantes que conhecemos e cuja parte esculpida se encontrava enterrada em argamassa e voltada para baixo.

Este retabulo pôde vêr-se no museu da Figueira. A cabeça do Padre Eterno acha-se um pouco damnificada pelo camartello, que partiu uma parte quando se punha a descoberto o grupo superior, e o grupo inferior apenas apresenta as molduras do retabulo, tendo sido totalmente destruida a imagem do Christo, que provavelmente allí devia haver.

Junto a Buarcos fica a branca capellinha de Nossa Senhora da Encarnação, que allí se festeja a 8 de setembro com uma romaria das mais afamadas e concorridas do paiz.

N'esse dia faz sensivel differença a praia da Figueira, que se vê repleta d'um enxame de romeiros, mal os indicios clarões da manhã começam a dealbar a abobada celeste.

A' beira-mar ha uma alegria ruidosa n'essa gente de trajos dominigueiros percorrendo o pittoresco e formoso littoral matizado das côres vivas dos fatos, e refrigerando os pés nas salitrosas aguas do Oceano, onde velejam pequenos bateis que se aventuram a esta diversão, fiados na placida mansidão do mar e na doce serenidade do ceu d'um azul tão azul e tão profundo...

Depois em Buarcos não é menos pittoresco o aspecto que apresenta n'esse dia a graciosa e vestusta villa. Pela ingreme e avermelhada encosta, orlada de baças piteiras que de Buarcos vae até á eminencia onde se levanta a alva capellinha, formiga uma enorme multidão de romeiros chalreando e fazendo gemer as guitarras e violas; de vez em quando improvisam danças a meio da estrada, ladeada de silvedos onde negrejam as amoras, emperladas ainda do orvalho matutino.

A formosa capellinha da Senhora-

peia, lançada e doce, entre os aromas das flores e as scintillações dos lumes n'uma fulguração de oiro...

Perante o altar os crentes animados da fé que inspiram os milagres oram effusivamente á Virgem da Encarnação; aqui é uma pobre mulher que cumpre a sua promessa, percorrendo a capella de joelhos; allí uma formosa rapariga, com o peito faiscante de oiros que pede á Virgem pela felicidade dos seus amores...

N'estes tempos tão calamitosos, cheios de indifferntismo e de incredulidade nada mais edificante e consolador para o espirito do que este culto sincero e fervoroso tributado a Deus por esta gente de cuja alma brotam, cheios de viço, as flôres da crença.

Cá fóra, no arraial, apinhado de barracas de comes e bebes, uma multidão buliçosa de raparigas de roupões claros onde scintillam corações d'oiro.

No ar, d'uma grande transparencia, bailam os perfumes das flores campesinas e as vozes frescas das tricinas que se casam com os soluços das guitarras e os repeniques estridulos da sineta...

De tarde é enorme o numero de pessoas que da Figueira allí vão, já a pé, já em americanos, que transitam sem cessar entre a Figueira e Buarcos, até que o sol, cançado de despedir as suas flechas abrazadoras, depõe o beijo de despedida na linha do horizonte...

Esta capella é de pequenas dimensões, tendo cerca de quatro metros de largo por quatorze de comprido e abre n'ella a sala denominada dos milagres, onde estão expostos quadrinhos, embarcações, e mil piedosas offerendas dos maritimos á milagrosa Virgem, cuja protecção imploram nas tormentas do mar.



BUARCOS — Concerto das redes

Defendem Buarcos muralhas de dois metros de largo e tres fortes.

O sr. dr. Rocha, faz menção d'um documento que vem lançar grande luz sobre estas muralhas. Consta d'uma petição de juizes, vereadores e officiaes de Buarcos e Redondos e visa á continuação dos trabalhos de fortificação.

Este documento posterior a 1718 mas anterior a 1794, por ser redigido em nome das camaras de Buarcos e Redondos e n'esse tempo terminar a camara de Redondos, ficando sob a jurisdicção da camara de Buarcos, diz que D. João IV, *havendo respeito a estarem as ditas villas situadas em costa de mar, por onde os inimigos podiam facilmente entrar n'este reino*, fez expedir um alvará a 11 de janeiro de 1643, mandando que o rendimento do real d'agua de Tavarede, Quiaios, Figueira, Alhadás, Maiorca, Montemor-o-Velho e seu termo se applicasse áquellas obras que parece haverem sido principiadas no reinado do mesmo rei, em que se tratava de defender o reino, por causa da guerra da Restauração. A linha de fortificações d'esta villa ia até á barra da Figueira, abrangendo a fortaleza de Santa Catharina.

Ignoramos o anno em que Buarcos foi elevado á categoria de villa; o que tal respeito devia existir desapareceu perante o vandalismo dos taes inglezes que em 1602 puzeram fogo ao archivo camarario.

E' povoada na sua maior parte por pescadores e hoje é como que um arrabalde da Figueira, achando-se ligada a esta cidade por uma estrada de curvas graciosas.

Guarnecem n'a velhas e pobres construcções de madeira pintada, em que predomina a côr vermelha. E' a parte



BUARCOS — Bateira de pesca miuda

d'este conjuncto de casas que se dá o nome de *Palheiros*.

Terminamos este artigo com a publicação da formosa poesia de João de Lemos em que o grande poeta celebra Buarcos em versos tão primorosos e tão cheio de propriedade que ao lê-la julgamos vêr surgir em toda a sua belleza a sorridente villa, que se debruça enamorada á beira do Atlantico ..

Figueira, 5 — setembro — 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

BUARCOS

Já o sol descora; já fagueira brisa
Sacode a calma com as azas humidas,
Que roçou no mar;
Vamos agora pela praia lisa,
Do ardor intenso d'este dia torrido,
Vamos respirar.

Que linda vista que d'aqui se alcança!
Que extensão d'agoas, reflectindo límpidas
O celeste azul!

E a curva margem, sempre ao nauta esp'rança,
Aqui parece dar-lhe seio placido,
Onde quebra o sul.

Talvez lhe velem pela paz das ondas
Esses dois Fortes, sentinellas rigidas,
Que ahi o homem pôz;
Talvez, Oceano, de impotente, escondas
Aqui, gemendo, essa braveza tumida,
Algemado á foz.

Graciosa a Villa pela breve encosta,
Arquêa os braços; mais além descobre-se,
Como grata flôr
Ao navegante lá de industria posta,
Da Santa Virgem a Capella alvissima,
Que é conforto á dôr.

Oh! Quantas vezes na amplidão dos mares,
Por entre o horror de tempestade indomita
D'atra cerração,
C'os olhos longos atravez dos ares
A busca e encontra o pescador em ancias,
Na afflictá oração!

Oh! Quantas vezes d'esta praia imploram
Do mar a Estrella, contra o tempo naufragos
Sobre um barco além,
Mães atterradas, que em desmaio choram
Até do alto lhes luzir propicia,
Porque é mãe tambem!

D'acolá surge uma após outra a linha
D'outeiros verdes, qual barreira duplice
Levantada ao mar,
E ao mar dizendo, que furioso vinha,
D'ahi não passas, ruge embora rabido
Não has-de passar!

Este porém, como que vaé sedento
Cercando a praia té na foz, de subito,
Ajoelhar, beber;
Raros pinheiros no seu dorso areento
Apenas ousam, d'entre sarças aridas,
Vegetar, crescer.

Dar curva ao meio, na arenosa faldá,
Arma seu ninho de madeira tenue
Pobre pescador;
Aqui se dobra, ou arrastando á espalda
Do mar os fructos, ou vertendo lagrimas
D'estéril suor.

Olha querida, minhas filhas, véde
Que duro afan! Com que trabalho improbo,
Se ahi ganha o pão!
Homens, mulheres, tudo puxa a rede,
Crianças, velhos, quaes formigas próvidas,
No carreiro vão.

Se o pêzo grande já de longe inculca
Grande abundancia na redada grávida,
Então é bradar ;
Então a turba mais veloz já sulca
A areia, e canta da victoria soffrega,
Que arrancou ao mar.

Eil-a por fim, eil-a negreja tesa
A' borda, em chamas de ferventes perolas,
Que lhe a agoa faz ;
Ai ! Pobre gente ! Para vós riqueza,
Aquelle monte palpitante, lucido
Alli dentro traz !

A's vezes, quando a pescaria foge
Do sacco á manga, logo alguns impavidos
Rompem quasi nús
De encontro ás ondas, como vêdes hoje,
Batendo-as riço, porque volte, unindo-se
A' que além reluz.

Depois já estes suspendidas trazem
De enchalavares as espheras rútilas, (1)
Dardejando alli ;
Outros, aos lotes pela praia as fazem,
Leilão abrindo, e a rapazia lepida
Corre e furta aqui.

Mas ah ! Se chega da saltante prata
Vazia a rêde, que tristeza lugubre
Por ahi não vae !
D'entre o silencio só a voz desatada
Um que pragueja ou bôa velha tremula,
Que murmura um ai !

Alem, a gente em reboliço desce
A' beira d'agoa e se apinhôa rapida
Ante os barcos lá ;
Sae a companha, o reboliço cresce,
E em torno d'elles, ou na margem fulgida
Tudo é lida já.

Quaes grossos lemes, quaes os altos mastros
Trazem nos hombros ; as mulheres validas
Logo lançam mão
Um das remos, a tirar de rastros,
Outras das cordas, e das redes sordidas,
Que lavar já vão.

No mar as volvem, e levantam alto
Então as saias, ajudando assiduas
Um marido ou pae ;
Mas n'isto, ás vezes, vem da onda o salto,
E saltam rindo, rindo mais que pavida
Qualquer d'ellas cae.

Sobem depois, sobre a muralha as tendem
Co'as leves boias, e suspensas deixam-nas
Oscillando ao ar ;
Tambem lá mesmo enfileirado estendem
Aberto peixe, que ao sol anda fetido
Té se alli curar.

(1) Enchalavar, não é palavra que venha em nenhum Dictionario, mas nem por isso deixa a coisa de existir com o respectivo nome. Chamam assim os pescadores a uns sacos de fêde com seu arco de madeira na bocca, e que lhes serve para levarem porções de peixe de um ponto para outro, principalmente a sardinha, quando a tiram da grande rede. Virá porventura de *encher a levar*? Entregamos o caso aos etymologistas.

São estes hoje nos mavorcios muros,
São os guerreiros e os canhões mortiferos,
Que esta Villa tem ;
Se fosse indício de costumes puros,
Se vida fosse este signal pacifico,
Fôra isto um bem !

Mas sae dos barcos grosso peixe e em montes
Na areia jaz ; vamos lá vêr... eis livido
Se levanta o mar...
E as vagas trazem nas iradas frontes,
Buscando a terra, solta a trança espumea,
Que se vê voar !

A noite desce e a desdobrar começa,
Por mar e terra, de vapor densissimo
Um pesado véu ;
Gritos !... Que é isto?... Falta um barco !... Ápressa
Lá corre tudo... e n'um impulso ingenuo
Tudo implora o céu !

Co'os olhos fitos nas raivosas vagas
Esposas, filhas, mães, irmãs, attonitas,
Estendendo as mãos,
Em prantos louços, em terriveis pragas,
Esposos chamam com baldadas supplicas,
Paes, filhos, irmãos.

Por entre serras d'alvejante escuma
O barco viram... n'esse instante a angustia
Afrouxára os ais ;
Mas some-o logo na cerrada bruma
Cavado abysmo, então a dôr nas miserias
Lh'os redobra mais.

Esta co'as unhas fere o rosto bello,
Aquelle o corpo em contorsão frenetica
Rola pelo chão ;
Algumas carpem o tenaz cabelo,
Outras correndo, na sua impia furia,
Blasphemando vão.

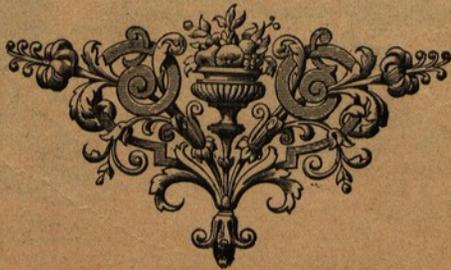
E a Villa toda se ennovéla em susto
Sobre as muralhas, onde um velho nautico
Com a mão no ar,
E co'a exp'riencia já ganhada a custo,
Explica á turba como o barco incólume
Poderá chegar.

Remando forte, diz o velho experto,
As portas entra, deve entrar, sem duvida, (1)
Ajudando os Céus !
Vem ante as ondas que o perseguem perto
Mas entra... ouviu-se um grito longo, unisono...
Louvores a Deus !

É salvo o barco !... Vamos nós agora,
Deixando-o entregue ao ruidosos jubilos
D'esses corações,
Vamos a casa que é chegada a hora
E não esqueçam esta lida asperrima
Nossas orações.

(1) É um sitio das aguas, na proximidade da costa, a que os pescadores chamam *portas*, e passado o qual se julgam já seguros de alcançar a praia.

JOÃO DE LEMOS.



Novo Dicionario da Lingua Portuguesa

POR

CELSO HERMINIO



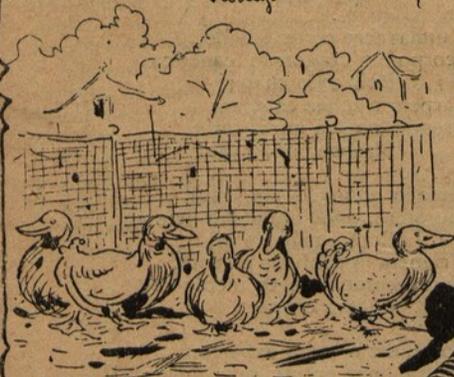
ABDOMEN - Abd - barriga,
Omen - homem;
barriga de homem.



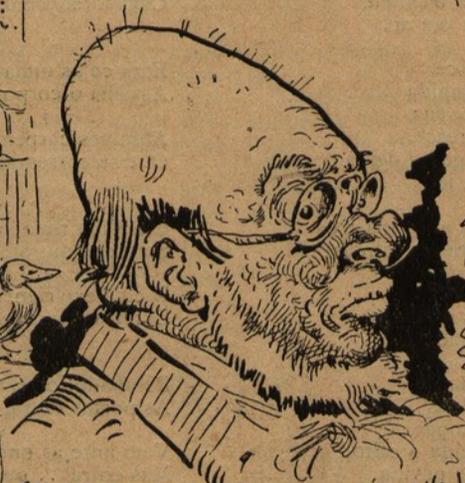
CORDEIRO - Aquelle que faz cordas



MOSCA TEL
Vinho de moscas.



PATIBULO - Lugar onde se
recohem patos



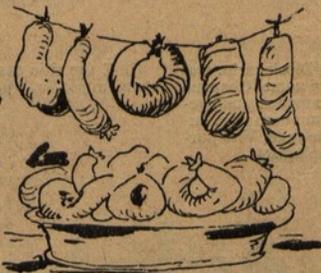
CALVINISTA - Chama-se aquelle
que usa calva.



PARRICIDA - Bichinho
que come as parras.



OSTRACISMO - Vicio de co-
mer ostras

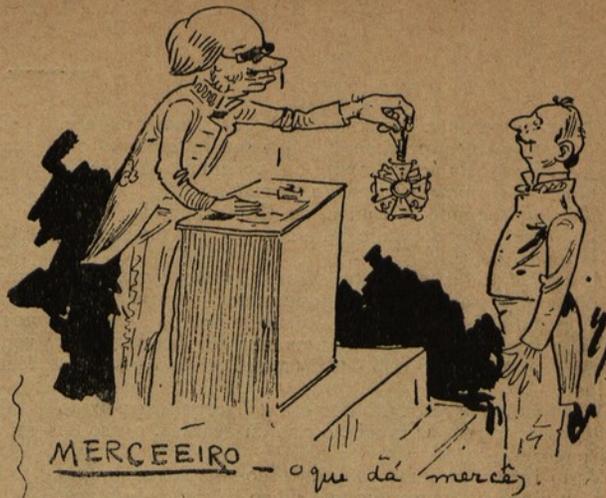


PAIOL - Deposito de
paos



MARCHANTE - o que marcha

PM. 61.



MERCEEIRO - o que dá mercês.

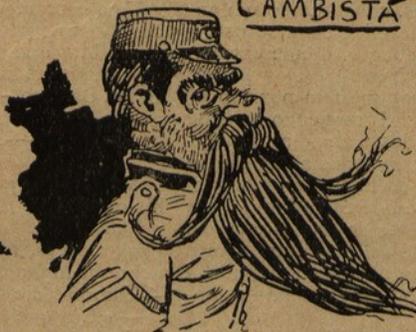


CAMBISTA - o que faz câmbios

Antiséptico - Indivíduo contra o scepticismo - amoroso.



CARDINAL - Homem que toma muitas cardinas



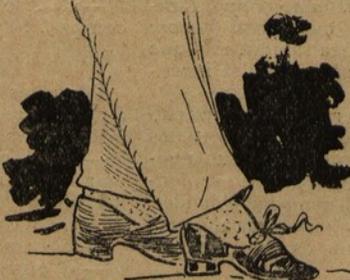
BARBARO - que tem muita barba -



CHIAR - Acto de fazer o Chiado.



CONDECORADO - Titular de boas cores no rosto. P.M. ga.



CALLIGINOSO - Sapato afiando brado que faz muitos callos.

“O RISO AMARELLO,”

CREIO que todos os animaes choram, mas nunca vir rir senão um. Esse é o primaz da especie, ou, como dizia argutamente um conspícuo mestre de meninos, o *dignitario da escola animal*.

Homem, segundo a Bíblia, ou Urso, segundo Victor Hugo, esse primaz exhibe tal faculdade nas mais estranhas modalidades.

Assim, se pudesse inventar-se um *Criptomoscópio*, — deixem passar o termo, poderíamos observar cada hora as mutações policromas do riso humano.

Vê-lo-íamos branco como uma flôr de cêra, ingenuo, simples e bom; é o riso das crianças, talvez o riso dos anjos

Vê-lo-íamos esverdeado como a gangrena, entre livido e nêgro. E' o riso da inveja, o riso da avareza, o riso de Hárpago.

Vê-lo-íamos vermelho, sangrento, como a flor de um cacto ou a corolla de um gerânio rubro. E' o riso da hiena, o riso do andropófago, o riso do salteador calabrês.

Vê-lo-íamos amarello...

Mas, a respeito d'este riso, vale a pena substituir a minha prosa pela de Silva Pinto:

— « Amarello é o desfecho da velhice muito fatigada, muito exhausta e conscientemente fóra do seu tempo... Nas profundas do inferno catholico deve existir um *salão amarello*: o retiro dos velhos condemnados, fatigados de soffrer, e dos velhos diabos cansados de causticá-los... Amarella a degeneração das rosas e a face do tísico; amarello o sol vencido pelo nevoeiro do temporal... amarella a fadiga, a desesperação, a descrença, — a mortalha da alma; e, com o tempo, todo o preto e todo o branco — esses dois lutos, — amarellecidos como a relva que vai morrer... E aqui tens o como o meu riso de hoje é o *riso amarello*. »

E é. Nada menos de 400 paginas, constituindo um volume, editorado pela casa Pereira, reflectem esse riso, a que o auctor se refere na introduccção, donde extratei aquellas linhas.

Riso amarello é o titulo do livro, que tem por sob titulo *políticos, impolíticos e outros*. Abrangendo mais de setenta capitulos, todos subordinados a assumptos diversos, já isso, so de per si, não era somenos abonação de que o leitor não correrá o perigo do fastio; mas accrescentando-se ou antes, sabendo se que Silva Pinto é um dos nossos mais adoraveis narradores de scenas e casos; e que as suas narrativas, além do sal e pimenta, tem o adubo da linguagem dos mestres, fica demonstrado *á priori* que o *Riso amarello* não pode chegar para as encomendas.

Manda porém a justiça observar que Silva Pinto, aliás em beneficio de nós todos, se desviou muitas vezes do seu plano *amarello*: quem escreve aquelles capitulos que, por exemplo, se chamam *Eleições, Casadoiras, O lindo amor, O caso do Scipião, Molestia do tempo, Ratices*, etc., não mostra riso *amarello*, mas o riso do *bom humor*, o riso da boa graça e da troça salutar, riso que talvez possa demonstrar-se que é *azul*, quando se inventar o... tal instrumento de óptica.

Seja o que fôr, amarello ou azul, o riso d'este livro não é de uns, que nós conhecemos, e que nos deixam tristes ou indifferentes, quando nos não enjoam. O *Riso amarello* communica-se a quem o lê, e toda a gente se convence, cada vez mais, de que tristezas não pagam dividas.

Isto são dois dias; e, quando não haja alegria, é preciso inventá-la, que a alegria é a saúde da alma, bem sabem.

Conclusão: — Quem padecer tristezas, já conhece o receitaurio; e quem quizer filosofar na agua-furtada, sem aturar Platão nem Descartes, leia a filosofia bonacheirona e san de João Braz, diffundida por esta e outras obras de Silva Pinto.

Pelo conselho, *gratis*.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Eis alguns trechos do *Riso Amarello*, colhidos ao acaso:

MOLESTIA DO TEMPO

Contou algures o saudoso poeta Gonçalves Crespo que, uma vez, um padre das suas relações e proprietario de uma folha politica sertaneja lhe pedira um ou mais artigos, em que verberasse o governo. Annuiu o poeta, escrevendo um ou mais artigos de escacha, com o seguinte fecho severo e concludente:

— « Mais moralidade, sr. ministro do reino! »

Gonçalves Crespo nunca chegou a saber quem era o ministro do reino, nem'o que elle tinha feito n'este mundo.

*

Cae-me debaixo das vistas, n'este momento, uma folha diaria, na qual eu vejo, n'uma secção de *politicas* a seguinte coisa profunda: — « O governo continúa a dormir sobre as occorrencias de Lourenço Marques com o consul de Allemanha. » Naturalmente, acodê-me a lembrança de Gonçalves Crespo — a exigir *mais moralidade* ao ministro. Salvo o talento do poeta e os seus intuitos trocistas, que o *jornalista* de hoje não tem talento, e escreve a sério a severa annotação.

Tambem me occorre uma anecdota que ha annos me contou o malogrado erudito Graça Barreto. Era elle estudantote, e ouviu falar de uma subscripção que os habitantes da Croacia tinham realisado em favor de Pio IX. O sujeito, que se referira ao caso, via com maus olhos o Padre Santo, e d'ahi o haver chamado aos subscriptores *Os infames Croatas*. Diabo, que tal disseste! O Graça Barreto, enchouraçado, ao ouvir, tres dias depois, o elogio de Pio IX, bradou:

— « O que lhe vale são os *infames Croatas*! »

Uma estupefacção, e um dos circumstantes perguntou carinhosamente ao fedelho:

— « Mas que gente vem a ser essa, meu menino?! »

— Fiquei todo embezzerrado, e safei-me: — dizia-me o Graça Barreto. — Eu não percebia o que tinha dito.

*

No mesmo genero, que o dia está de chuva, — para historias...

Falava Guerra Junqueiro n'uma reunião politica, e um papa-moscas, irritado contra o grande poeta, porque o achou *todo janota* e de barba feita, deu o seguinte áparte — como se diz no Brazil:

— « E o que senhor disse na *Morte de D. João*?! »

Houve rizota de varias intenções e de diversas *estupidezes*, e eu perguntei ao papa-moscas:

— Que diabo disse elle no tal livro, a proposito de conflicts internacionaes?

— Se não sabe, aprenda! Ou o senhor está a caçoar comigo?! »

*

Por estas e outras, se deu o caso de me dizer hontem á noite á meza do hotel, em Caneças, o meu velho philosopho Tiberio:

— Acho que em todos os regimens politicos existe uma lacuna importante: é a falta de um appendice á folha official, destinada á publicação dos alvires individuaes, em casos de atrapalhação dos governos.

— E' bem imaginado.

— E é urgente, para o apuramento do Juizo Publico. Note você como um sujeito incapaz de desembrulhar-se de um conflicto com um vizinho da escada, que lhe faz bulha para baixo, berra contra a *estupidez* e a *inercia* de qualquer governo do seu pequeno paiz, quando esse governo se vê a contos com as insolencias e as ameaças de uma nação poderosa! E' irritação patriotica! D'accordo, uma vez por outra. Mas o que se torna grotesco são as

phrases soltas desdenhosas, de qualquer banaboia que exige idéas resolutivas, — sem elle mesmo ter sombra de uma idéa, sem haver estudado, nem percebido as origens de uma questão; — já lhe não falo dos sujeitos que não se importam com ella para coisa alguma, e que badalam ou rabiscam, para se darem ares de entendidos, ou de indignados. Olhe você para aquelle alcoolico, que é um funcionario bem pago, porque tem um parente que o arrumou fora dos merecidos varaes de uma carroça, — e que todas as tardes, no café, se dá ares de revoltado pela marcha da coisa publica...

— Conheço o bicho.

— Bem. Ha de tel-o visto a berrar em circulos de revolucionarios e, meia hora depois, a rir-se da *pandega de tudo isto*, em grupo de parceiros que o desprezam, mas que o aturam — em attenção ao protector. Que idéas possui aquelle bebado? Que noções de decoro nacional ha no *espírito* d'aquelle idiota? Que sentimentos dignos se albergam no cavername d'aquelle pulha? Ora, ahí tem você para que eu queria o tal appendice á folha official.

—?

— Sujeito apanhado a badalar ou a rabiscar, sem demonstração de miolo e de sentimento, seria obrigado a redigir o *seu pensamento*, o qual seria publicado no tal appendice. Esfarrapar os Hintzes póde ser meritorio, mas é bom vêr as unhas de certos bichos.

GAZETEANDO

No meu tempo da escola primaria dizia-se entre os peizes: *Fazer gazeta*. Era aquillo de faltar á aula, vadiando pelos arredores de Lisboa, correndo o risco certo de pagar a *gazeta*, com lingua de palmo, na escola e no lar domestico. Hoje faço *gazeta* — dispensando-me de anotar casos do dia, entrada do anno, preocupações patrioticas, negrimes de futuro social. O meu espirito compraz-se na recordação.

*

O meu pobre e bem amado Julio Cesar Machado dizia-me um dia,

— «Tu já viste mais desgraçada vida do que esta nossa? Um carpinteiro sae de casa, ao domingo, para espai-recer. Os amigos e os conhecidos que elle encontra falam-lhe de passeios ás hortas, de vinho novo, de raparigotas catitas da ultima fornada. Grande risota, projectos alegres, *pandega* no horizonte. Dois jornalistas, ou homens de lettras, encontram-se em dia de regabofe: o assumpto obrigatorio é a politica, é a eleição do Justino — que está tremida, é a rotação dos partidos, é o jornal novo que vae sair. E d'ahi a gente azéda-se com a eleição do Justino, porque está tremida, e não deixaria de zangar-se — se ella estivesse segura; irrita-se com o jornal novo que vae sair, porque é de presumir que seja

uma fonte de parvoices. E' claro que, na hypothese de uma obra prima, a irritação seria a mesma.»

*

Tinha razão o meu querido Julio. De suas palavras se originou em mim a tendencia para fugir aos assumptos *obrigatorios* em parolice. E ahí está porque, tendo hon-tem de manhã procurado Tiberio, para o fim de me falar de politica, eu mandei o philosopho á tabúa.

E ao anoitecer, no largo da Graça, eu e dois velhos do meu tempo tratavamos do que vae ser lido.

— Contou um d'elles:

— «Hontem á noite ia eu para casa. Tinha um serão a fazer, e possuia de meu 70 réis. Tres vintens para tabaco e 10 réis para phosphoros. O combustivel para o cachimbo estava garantido; para o cerebro havia de arranjar-se. Eu subia do alto da Cotovia para a Patriarchal, quando á esquina, onde fica o palacete do Ribeiro da Cunha, me saiu uma mulhersita, com uma creança ao collo e outra pela mão.

«Balbuciou a mulher, não sei o quê. Velhacazmente, eu desviei os olhos, mas a minha desgraça fez cair as minhas vistas sobre as caras das creanças. Eram de cêra, e que olheiras! Dois poemas de fome, meus amigos!

«E' claro que larguei logo os 70 réis, e fui para casa — bufando. Levei parte da noite a trabalhar, sem tabaco; — eu só contava com dinheiro no dia seguinte. Mas valeu-me este pensamento fixo: — Se eu não tivesse socorrido aquella gente, adeus descanso de espirito e adeus assumpto!

«E depois, concluiu o homem, vocês não imaginam como o pequeno mais velho se parecia com o meu pequeno!...»

Ficámos calados — todos. Vinha por entre as arvores um raio de luz do lampeão visinho. Olhámos uns para os outros. Todos nós tinhamos lagrimas. Que diz a isto o prior da minha freguezia?

*

...Bellos dias de inverno! Que sol! Que céu azul! Tiberio, muito bucolico, diz-me hoje que tem vontade de *pastar* nos campos verdejantes, desde a Porcalhota a Queluz. Não commungo na suggestão dos *pastos*, não invejo as cabras, mas invejo os cabreiros — tismados, curtidos, insensíveis ao frio e ao calor, robustos, indolentes, felizes! E lembro-me de um bom amigo que, ha dez annos, Deus levou, — meu companheiro em digressões pelo campo. Jamos ambos, ao romper da manhã, por essas terras fóra, e levavamos um livro, a novidade da semana, para absintho do almoço, discussão outra vez. De quando em quando irritavamos nos, e elle, com o seu olhar sereno: — «Parece que estamos na cidade!»

Depois riamos. Hoje *elle já não ri*.

Nem eu.

SILVA PINTO.

OS PASSARINHOS

Os passarinhos, que ella amava tanto,
Vi-os depois, n'uma gaiola, a um canto...
Pensei, primeiro, em tel-os sempre ali,
Tratal-os quaes se fossem filhos meus;

Dar-lhes muitos carinhos
P'ra me lembrar d'aquella

Que tanto amei, e continúo a amar...
Em tudo eu desejava tel-a a *ella*...

Mas, depois, reflecti.

Ella, que foi um anjo de bondade,
E que está certamente ao pé de Deus,
E talvez a chamar

Por mim de lá da Eterna Claridade;
Ha-de gostar que eu deixe os passarinhos
Na paz serena e santa de seus ninhos,

A gosar, a gosar,
Em plena liberdade...

E deixei os voar...

João ALEGRE.

O CORPO

Pompas e pompas, pompas soberanas,
Magestade serena da esculptura,
A chamma da suprema formosura,
A opulencia das purpuras romanas.

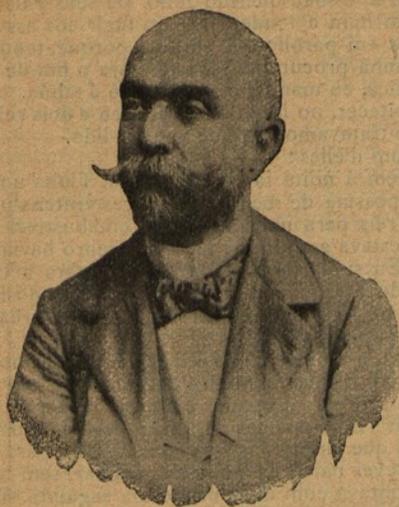
As fórmias immortaes, claras e ufanas,
Da graça grega, da belleza pura,
Resplendem na archangelica brancura
D'esse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias,
Os mysterios do Amor, melancolias,
Todo o perfume de eras apagadas...

E as aguias da Paixão, brancas, radiantes,
Voam, revoam, de azas palpitantes,
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

CRUZ E SOUZA (brazileiro).

DR. FERNANDO MENDES D'ALMEIDA



o poëso genio da *Noite da Taberna*, irmão colosso do coxo Byron, no tumulto dos seus versos ou no cyclone em braza da sua arrebatada paixão, enrodilhavam as almas surpresas e extaticas, eram aqui queridos e amados. Agora não succede outro tanto. O Brazil d'hoje é quasi desconhecido entre nós. Nem as relações intimas do commercio dos dois paizes, nem as da politica, na oscillação constante das suas paixões e nos sobresaltos das suas crises, são capazes de enlaçar vigorosamente, n'uma affectividade duradoira, os dois paizes. Só uma confraternidade de pensamento conseguirá fazer uma estreita união d'almas. Esta tarefa cumpre á intellectualidade dos dois paizes, aos seus escriptores, aos seus artistas e aos seus oradores realisa-a. E' preciso que Portugal conheça os grandes homens da civilização brasileira, oradores como Joaquim Nabuco e Lopes Trovão, romancistas como Machado d'Assis, Aluizio d'Azevedo, Coelho Netto, Pompei e D. Julia Lopes, poetas falando uma lingua de veludo e sol, resplandecente e musical como Luiz Delfino e Murat, Olavo, Raymundo Correia, Cruz e Sousa, Guimarães Passos, Pethion, Magalhães, e Mario Pedreiras, jornalistas como Fernando Mendes, Ferreira d'Araujo, José Carlos Rodrigues, José Patrocínio, Quintino, publicistas como Eduardo Prado e Affonso Celso, criticos como Sylvio, Clovis e Caminha, prosadores como Azevedo, Alves de Faria, Varzea, Gonzaga Duque, Lima Campos, parlamentares como Assis Brazil, Medeiros de Albuquerque, Carlos d'Oliveira, artistas plasticos como Alberto d'Oliveira, B. Lopes, Rodolpho d'Amoedo, Parreiras, Castagnetto, temperamentos magnificos, todos pagãos e amorosos, apaixonados da Natureza e da Acção enamorados do sol, da côr, dos sons e dos perfumes.

Por mim tenho contribuido quanto me cabe para esta cruzada. Os leitores do *Branco e Negro* sabem que aqui teem sahido estudos sobre muitos dos vultos mais notaveis do Brazil, excerptos das suas obras, os seus retratos, copias dos seus quadros e estatuas; para commigo tambem tomei eu já o compromisso de, quando vagares que agora não tenho m'o permittam, escrever em livro um largo estudo da actual litteratura brasileira. E' que eu adoro com entranhado affecto essa terra maravilhosa do Cruzeiro do Sul, e que na porção de sangue brasileiro que me corre nas veias herdei por atavismo o amor vivo pela sua paisagem verde e oiro; pela admiravel polychromia sylvestre das suas mattas, por cujo solo humido coleiam as enormes raizes das arvores gigantes e millenarias, prendendo-se com garras á terra e sugando as seivas que as alimentam; pela vida forte dos seus bosques cerrados que só o sol viola com caricias de luz; pelos silencios mysteriosos das suas selvas que apenas os ninhos acordam; pelos perfumes estonteantes e calidos das suas flores de veneno e purpura.

O dr. Fernando Mendes é um tenaz, caloroso amigo de Portugal. No *Diario de Noticias*, na *Vanguarda* e agora no seu bello *Jornal do Brazil* tem defendido sempre a causa portugueza contra tantos outros em demasia crueis para com esta minha bemdita terra de Portugal, para com esta raça admiravel, este povo de elegia e de saudade, meigo, amoroso e de arranque fulvo e heroico, patria de Poetas e de Marinheiros, clan de reveladores de mundos, irreductivel para a vida pratica, e que morrer se deixa a cantar o Amor na surda saudade dos paraizos entrevistos atravez a sua erratica vagabundagem pelos mares—essa Santa India chorada, o mysterioso imperio de Prestes João, o Brazil verde e opulento cujas mulheres amou, em cuja raça deixou pedaços da sua chymera e em cuja poesia, nas suas dolentes modinhas ou nas suas perturbantes canções, ficaram a vibrar para sempre as notas angustiosas do seu triste fado.

Orgulhemo nos pois todos nós portuguezes e brasileiros de virmos d'uma raça que n'esta metalica epocha de vilania e de egoismo exerce no Mundo, ignoradamente, desinteressadamente, mas nem por isso menos real, a hegemonia do Sonho, do Amor e da Bondade, e aprendamos todos no exemplo d'este jornalista illustre a cooperar com pertinacia na reciproca approximação dos dois paizes.

DOMINGOS GUIMARÃES.

E' para o meu espirito um antigo conhecimento o d'este illustre representante da moderna mentalidade brasileira que, todavia, eu nunca vi. E esta circumstancia põe-me, agora que o illustre jornalista está em terra portugueza e com effusão d'aqui o saúdo, perfeitamente á vontade para escorçar o seu nobre e galhardo perfil, sem que quaesquer considerações amigas me travem a mão nem obriguem a sacrificar a menor parcella á imparcialidade de meu juizo ou ao vôo sincero da minha penna.

Eu conheço o dr. Fernandes Mendes desde a fundação d'esse admiravel *Jornal do Brazil* de que é director e que, na magnifica imprensa fluminense, occupa um dos mais eminentes logares. Ha dois annos que dia a dia leio os seus bellos artigos e, atravez a sua prosa calorosa e vibrante, sob cuja trama gorgulha um sangue rubro e se desenha um rico e complexo systema arterial de ideias, vislumbro-o e com facilidade reconstituo o seu ser d'alegria e de saude, o seu arcabouço robusto, a sua phisionomia cheia de expressão e de mobilidade, branca, rosada, d'olhos doces e vivazes, uma barba aguda e pallida e esse ar de energia, caloroso e apaixonado, que faz da sua figura um typo de varonil distincção e para o cosmopolitismo das viagens maravilhosamente educado.

Forte e bom, vindo n'uma raça nova por cuja bocca ascende um clamoroso hymno de esperanza, por certo que não me engano suppondo-o um cavaqueador espirituoso, cheio de scintilação e de borbulhante verve e cujo cerebro seja uma das mais activas e fecundas fabricas d'alegria. Além d'isso a sua prosa de largas sonoridades trahe immediatamente o orador vibrante e terso que nos tribunaes do Brazil e na cathedra da Academia internacional e na Faculdade livre de sciencias sociaes é escutado com religiosa e embevecente attenção.

O dr. Fernando Mendes sobre ser um caudico que pensa que não só a sciencia com os seus novos pontos de vista mas a propria transformação das condições de existencia social requerem uma remodelação gradual no direito correlativo, porque o direito sendo uma garantia das condições sociaes, deve modificar-se com ellas, é uma das mais decorativas figuras do moderno Brazil intellectual que, infelizmente, tão mal conhecido é entre nós. Houve tempo em que foi d'outro modo. Na geração passada, no periodo romantico, os homens illustres de além mar eram aqui conhecidos e apreciados. Os seus escriptores, os seus artistas, aquellos que na America do Sul cultivavam com amor o nosso idioma ductil e maravilhoso, apto para a expressão de todas as ideias e para o modelamento de todos os sonhos, eram nos populares. Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro d'Abreu, todos esses que n'uma lingua de sombras e lagrimas sussurravam as suas nostalgias e saudades, ou os que, como

PEDAÇOS DA "ANCIÁ,"

(APONTAMENTOS DE UM NEVROPATHA)

Não se admirem de lhes dizer que não quero ser enterrado na minha igreja. As razões são duas : O homem que nos faz os caixões, móra n'um casinholo alvadio, de quintal á porta, mesmo defronte do meu horto. E' um corcunda baixo, fino e manhoso, como todos os corcundas, que embirrou commigo. Eu tambem, a fallar a verdade, por minha parte nunca sympathisei co'aquella cara ; e até me lembro d'um dia, em pequeno, fugir, ao vel-o, para os braços de minha Mãe.

Uma vez escrevi nas gazetas que o funerario artista se levantava todas as madrugadas, muito cêdo, para fazer caixões de madeira velha, perturbando-me o somno de tanto martellar...

E elle rangeu a dentuça n'um arranque de colera e jurou vingár-se bem vingado quando fosse da minha morte !...

Esta é a primeira razão.

A segunda é que cá na parochia não ha cemiterio. A igreja é que serve de *salgadeira* ha já quasi uns trezentos annos. Tenho lá visto enterrarem muitos do meu povo. Depois de arrancar com uma chave enorme os sete palmos de soalho pôdre e numerado das campas, tantas

vezes beijado pelas beatas ao erguer da Sagrada Hostia, o coveiro, um velho cynico, de rugas na testa e á grenha branca, começa a enxadar impiedosamente.

Por entre aquella terra negra, adubada de corpos alvos de moças virginaes e sadias, que morreram na flor da edade, ha cousas bem horrorosas : cabellos loiros empastados, tibias, caveiras a rir... a rir...

O riso eterno das caveiras, e o coveiro sempre a enxadar, a enxadar, impiedosamente !...

Trêmo !

*

Eu quero dormir o meu ultimo somno n'um leito de terra virgem, em cemiterio longinquo, com pinheiraes do lado a rezar, e o rio manso ao fundo, a gemer tristuras por entre choupos.

Eu quero flores roixas do jardim da minha Amada, em dias de ceu azul...

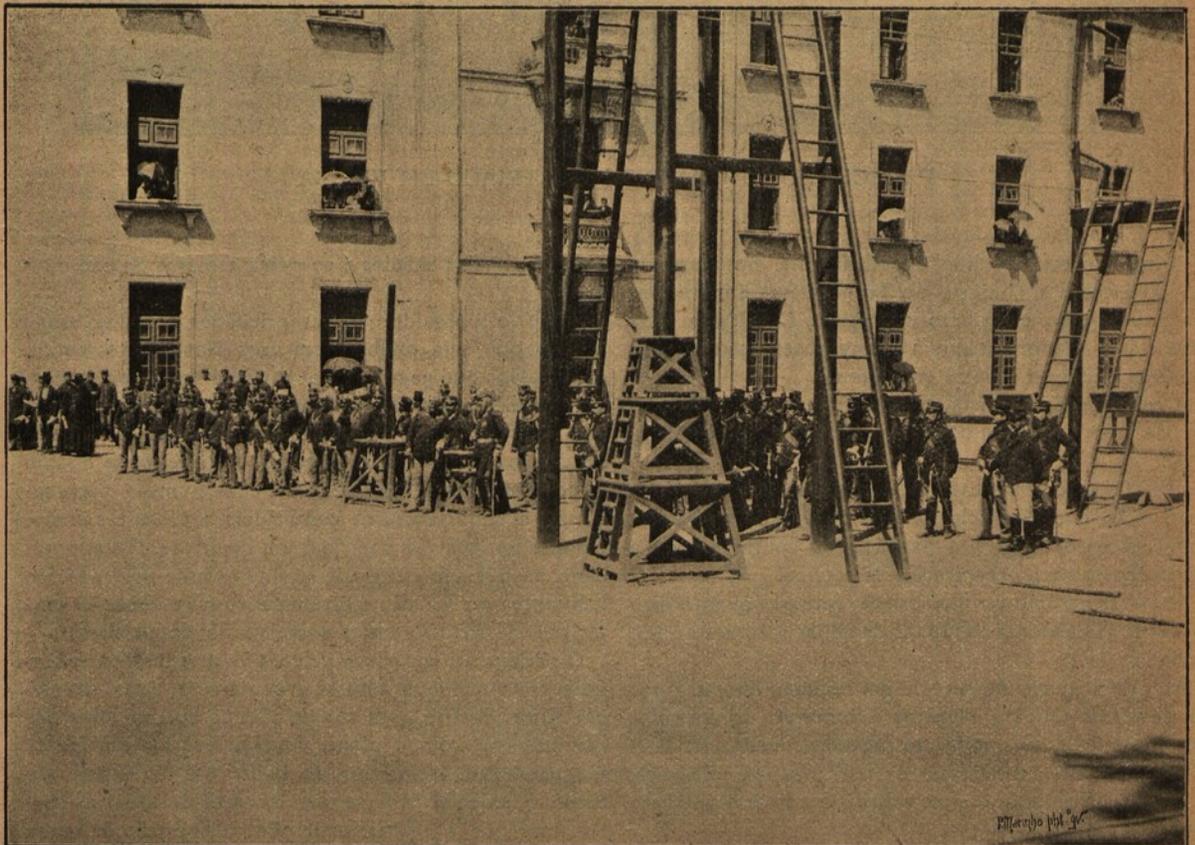
*

Não se admirem de lhes eu dizer que não quero ser enterrado na minha igreja !

Na Parochia, aos 7-6-97.

ALBANO ALVES.

ESCOLA PRATICA D'INFANTERIA



SUA MAGESTADE EL-REI E OS OFFICIAES QUE ASSISTIRAM AOS EXERCICIOS PRACTICOS

OS PARLAMENTOS DO MUNDO

II

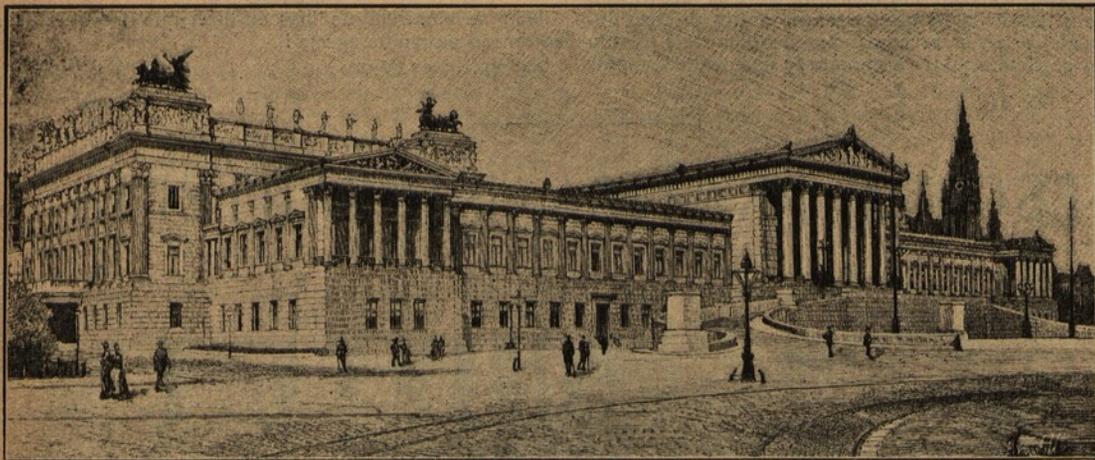
AUSTRIA

Não ha no mundo, seguramente, estado algum cujo governo seja tão complexo como o do imperio austro-hungaro, dividido em provincias e povoado de povos tão diversos: allemães, tscheques, italianos, polacos, etc. Para governal-o nada melhor do que o principio federativo, mas como quer que os seus povos não podessem ainda obtel-o e repugnando-lhe uma absoluta centralisação, conseguiram conciliar os dois systems n'um termo medio, que se poderá chamar o dualismo.

em duas camaras: a dos senhores (Herrenhaus), e a dos deputados (Abgeordnetenhaus).

A primeira conta actualmente 180 membros, compondo-se dos principes da familia imperial, dos representantes das grandes familias, de bispos e arcebispos e das personalidades distinctas que o imperador nomeia. O numero de senhores é illimitado e a camara, que pouca importancia politica tem, é quasi sempre governamental.

A dos deputados conta 353 membros, dos quaes 85 são eleitos entre os grandes proprietarios, 132 pelas al-



PALACIO DO PARLAMENTO AUSTRIACO EM VIENNA

O imperio está dividido, effectivamente, em duas partes distinctas: a Hungria ou Transleítania e os restantes paizes, cujo conjuncto constitue a Cisleítania. Esta ultima e a Hungria teem a sua representação central, uma em Budapeste e outra em Vienna.

A constituição dualista, estabelecida em 21 de dezembro de 1867, considera commum entre a Austria e a Hungria:

1.º — Os assumptos exteriores internacionaes.

2.º — As questões relacionadas com a guerra e a marinha, excepto, todavia a fixação dos contingentes e a legislação sobre a organização do serviço.

3.º — Os assumptos financeiros em tudo quanto diga respeito ás despesas communs das duas metades do imperio.

Até 1867 houve na Austria um regimen liberal. Apoz os desastres de 1859, Magenta e Solferino, o imperador Francisco José quiz voltar ao regimen constitucional. E sómente depois das derrotas de 1866, Nachod e Sadowa, é que se ensaiou o regimen dualista e liberal que hoje vigora.

A Cisleítania é um Estado representativo; o orgão da representação nacional é o Reichsrath, que se divide

deias, 116 pelas cidades e 20 pelas camaras de commercio.

Todo o possuidor de propriedades grandes, ainda mesmo que seja mulher, tem voto. Nas cidades votam os cidadãos que paguem imposto de 5 florins ou tenham um curso. As camaras de commercio pôdem eleger cada uma um deputado. Emquanto ao povo, ou melhor dizendo, aos camponeses, carecem do direito de eleição directa, mas nomeiam eleitores, cujo numero varia segundo a importancia de cada aldeia, e são estes eleitores que por sua vez nomeiam um deputado. Cada municipio propõe um eleitor de segunda classe por cada 500 habitantes ou fracção d'este numero para cima: os municipios de 500 habitantes nomeiam um unico eleitor.

O parlamento austriaco celebra as suas sessões no magnifico palacio que a nossa gravura representa, situado em *Ring Strasse*, essa rua de Vienna que, na ideia dos que lhe traçaram o plano, deveria ser uma especie de via triumphal. O interior do edificio é tão sumptuoso como o exterior. Alli se teem acumulado todas as descobertas que a electricidade põe á disposição da nossa época e se teem ensaiado todos os machinismos de votar que existem.

GRANDES ESPERANÇAS

(COMEÇO D'UM ROMANCE ABANDONADO)



QUANDO entrou n'aquella noite no theatro, Paulo ia resolvido a acabar de vez, sem piedade, com um velho preconceito que andava ha muito tempo nos jornaes de não tocar nos consagrados. Já na redacção, as suas noticias litterarias, cortadas de bruscos accommetimentos de ira contra todo o Banal, punham uma barreira de desconfiança entre o seu espirito renovador e a camaradagem idiota e sorna de accommodação dos peralvilhos que se espartilhavam n'uma litteratura toda convencional. Repugnava-lhe o ter de andar a dizer bem d'aquillo que sentia mal; o feitio accommodaticio dos outros que se dobravam ao influxo de uma ordem do gabinete e faziam, sem córar, torcer a sua opinião ao molde da opinião alheia, enchia-o de desespero e sentia, pelos outros, toda essa vergonha de se vêr dirigido. Já lhe pesava a canga disfarçada n'uma soberania de sorrisos e palavras de estímulo.

—Você é um azedo! diziam-lhe chasqueando á sua maneira brutal de tratar os collegas sem attenção pela sua larga folha de serviços prestados á camara municipal e ao regedor da sua freguezia.

O seu desdem era maior ainda deante d'essa falta de comprehensão do seu espirito e fazia-o mais arredio ao convívio, cheio de nauseas. Ninguém comprehendia que toda aquella acuidade amarga, aquelle esbofetear de phrases era um renovo na Arte que teimava em se enxertar em nullidades e coroaal-as em torneios floridos de phrases, nos jornaes.

Entrou a invadil-o um desejo de se furtar áquella vida apparente e corriqueira de falso jornalista independente. Um sonho antigo, o seu sonho de sempre, começava a tomar outra vez vulto, despido das exterioridades de ruido que o fizeram sepultar n'um interregno de esquecimento. Era uma larga mancha de azul que se abria, no seu futuro, cheia de claridades de sol e fluir de esperanças, como um esponsal de flores sob a protecção casta do ceu.

N'esse retalho de vida estrellado de caricias que lhe acalentassem a alma e lhe embrulhassem o forte coração n'uma paz de bucolica, apparecia sempre, luarada, a vi-

são de uma mulher adoravel que lhe soubesse adivinhar desejos e lhe acariciasse a amargurada sombra de um pesar occulto que o trazia curvado como um mendigo, indefinida magua, sem causa, que o torcionava n'um desespero.

A's vezes, em momentos de febre allucinante, arrastava-se pelas ruas sem gente, fóra do bulicio que entontecia, alargando os nervos na contemplativa e morbida paysagem. E d'essas revoadas de espirito pelos arrabaldes desertos, entre silencios serenos que subiam das terras crestadas pelo sol, modificava-se o seu sentir, por horas, e uma grande lassidão o invadia, perdoando tudo em tudo vendo aberrações impreteriveis e confessaveis. Voltava então, mais calmo para os movimentos da vida, escoada a alma de negrume que lhe punha uma tarja de luto; e ao morrer do sol, entrando as portas todo o borborinho borboloteante dos operarios que saham em chuma das fabricas, recolhendo ao tugurio, o vibrava, e a mesma fresca sombra que cahia do ceu vellado lhe sorria n'uma larga caricia, emprestando-lhe sensações que desconhecia e trazendo-o, mais rasoavel, ao centro gladiante das paixões.

N'estas brusquerias de temperamento sem uma amidade certa a que podesse encostar-se, isolado n'uma sociedade que o pervertia e o chamava a maus caminhos sob a doirada capa de uma moralidade vesga e cheia de presumpções, a sua neurasthenia irritante e a cada passo irritada pelos attrictos de uma falsa vida levava-o em descabellada rebeldia para o affastamento de tudo, n'um snobismo que lhe ia adelgaçando o pallido perfil ao tempo que lhe infiltrava na alma o veneno doce de uma quasi resignação de passividade.

Entanto uma especie de anarchica indisciplina o revoltava por vezes, pondo-lhe laivos de ironia na palestra mansa, nuançando as suas quentes diatribes de uma melancholia de desherdado. Entre grupos, nas suas escapadas pelo Martinho, a sua linha silenciosa e triste assentava mal na alacridade banal e postica de meia duzia; e na mudez tacita do seu convívio viam os outros um como assentimento ás suas opiniões cheias de fel, reclamando n'um olhar á sua grei, em grandes gestos que suppriam grandes pensamentos, e uma aleivosia no atrevido manejar da phrase em desfavor de alheios. D'esse desmanchar de feira das suas mais ridentes illusões, ficou-lhe um largo tedio; e assim como raras vezes acamaradava ás mesas dos cafés n'uma promiscua roda de petulancias e de remiradas poses tambem o seu espirito commungava pouco na horda chafurdeira de pelintrice intellectual dos que á sua roda lhe formavam nimbo. E se não fóra por uma necessidade inexplicavel de se confundir na turba e de se esquecer da sua propria personalidade para pensar só na dos outros, Paulo teria de ha muito fugido para um ermo, fóra dos damnhinhos conclaves e entre os grandes silencios que são como que a voz da saudade erguendo-se na pacificação do espirito.

DOMINGOS GUIMARAES.

JESUS E MARIA

Pendida a frente, o olhar semicerrado,
Immerso o rosto n'um pallôr profundo,
Por horridos espinhos coroado,
Eil-o — o Divino Mestre — moribundo.

Corpo gélido, magro, denudado
E' Elle — Jesus — onde meu olhar afundo.
E no madeiro tosco ahi pregado
Não tem um odio para o ignaro mundo!

No sopé da cruz triste Mulher 'stava
Suas faces de lagrimas banhava,
Emquanto a turba vil folgava e ria.

Essa Mulher, cuja alma triturava
Immensa dôr, e mesta suspirava,
Mãe do Crucificado, era Maria.

Alcobaça, 3-7-97.

EURICO PEREIRA D'ARAUJO.



— Minha senhora, o q' e tenho a dizer-lhe é um tanto ex-
tenso.
— Então já sei de q' e o senhor vae falar-me. Do seu
nariz.



A um alfaiate, regressando da feira da
Luz.
— Em vez de se enfrascar nas tabernas era
melhor que você cuidasse do seu officio.
— Quem eu?! Não faço outra coisa, se-
não... *coser* bebedeiras.

COISAS ALÉGRES

O CANTADOR DE SETUBAL

D o conhecido poeta setubalense M. M. Portella, deu ha dias o *Seculo*, uma quadra, que tem direito d'entrar n'este logar. O poeta recebêra d'um amigo um presente de melôas, das celebradas melôas d'Alcacer do Sal; e agradeceu galantemente, como faria um poeta do seculo XVIII, nos seguintes versos:

Eu não cria — se não fosse
cousa já por mim provada —
que de terra tão salgada,
viesses coisa tão doce!

O chiste d'esta ironia, e a terra natal do seu auctor, vieram-nos recordar o sr. Antonio Eusebio, mais conhecido pelo Antonio Cantador, calafate e poeta satyrico muito popular em Setubal. Ainda será vivo? Não sabemos. Se fôr, Deus o conserve por muitos annos e bons, que bem o merece em todos os sentidos.

Ha 30 annos, quando o conhecemos, era um satyrico temido, pois que, pelas suas rimas, circulando jovialmente de bocca em bocca, é que o povo se desafrontava dos que o exploravam ou pretendiam oprimir.

Esta individualidade notavelmente caracteristica, se não typica, merecia bem e com legitimos direitos, a attenção d'um estudo, e não simples menção em meia duzia de linhas para apresentação d'algumas composições ou improvisos seus. A galeria dos *distinctos*, não é porém n'este logar; aqui, archivam-se-lhes apenas os chistes.

Do satyrico afamado em toda a região do Sado, enviamos hoje duas decimas. Para outros numerosos remetteremos mais alguns epigrammas, e tambem duas satyras, (sendo uma de doze estrofes) que o sr. director d'este semanario publicará ou não, conforme entender.

Por aquelle tempo, fôra collocado em Setubal, como administrador do concelho, um sujeito baixito, rachitico e giboso. Certa noite, de surpresa, pôz cerco a determinadas casas do bairro de Troirão (dos maritimos), na intenção de realisar certas capturas, que naturalmente exaltariam a massa popular. Logo que as mulheres levantaram o alarido, o povo veio para a rua, amotinado; e o administrador, melhor aconselhado, houve por prudencia mandar retirar a força armada.

Na manhã seguinte, o sr. Antonio Eusebio contava o caso e commentava-o n'um arranque da seguinte maneira:

«Essa figurinha torta,
Esse boneco de giz,
Mandou pôr por aguazis
Um soldado a cada porta;
Felizmente não é morta
A gente d'esta cidade,
Que vendo tal crueldade,
No meio da barafunda,
Soltou morras ao corcunda
E vivas á liberdade».

Justino de Midões, era um usurario, que passava todos os dias encafuaado na sua baiuca, vendendo bebidas espirituosas ao povo e emprestando-lhe dinheiro sobre penhores. Assim arranjou uns contitos de réis. Mas, já velho, a roda da fortuna começou a desandar: uma moçoila, creada, fuge-lhe levando-lhe dinheiro, cordões d'ouro, etc.; e um temporal, virou-lhe no rio Sado uns barcos do sal.

O cantador lamentou tão infaustos successos, aconselhando ao mesmo tempo o infeliz, com estas piedosas ironias.

«Já estás quasi careca
Meu Justino de Midões;
Dinheiro, barcos e cordões
Tudo vae levando a breca.
Tira-te d'essa jaleca,
Veste, calça e come bem,
Não ajuntes p'ra ninguem
Olha que o diabo sisudo,
Depois de te levar tudo,
Ha-de levar-te tambem».

Se o leitor conhecesse a jaleca do Justino, uma cou-raça de panno e cebo em que elle esteve *metido*, não se sabe quantos annos, havia de rir a bom rir, como nos aconteceu, da graça e propriedade do conselho: — «tira-te d'essa jaleca».

EVENS.

SECÇÃO RECREATIVA

TORNIQUETE HYDRAULICO

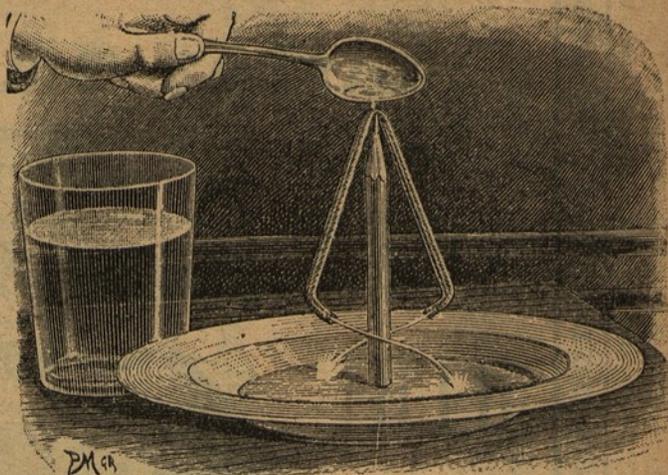
CRÊMOS que não se póde encontrar materiaes mais simples do que um bocado de lapis e dois ganchos de cabelo para construir um torniquete hydraulico, da qual vamos dar explicação, tanto ácerca do fabrico como do funcionamento.

Com o auxilio da cêra ou de linhas predeei dois ganchos um ao outro, de fóрма que fique uma gotteira aberta entre os dois ganchos assim dispostos. As duas extremidades dos ganchos serão dobradas em angulo recto, com tenazes ou com uma pinça, mas em sentido inverso, de modo que uma das extremidades fique voltada para vós e a outra para a meza.

Collocae o lapis em pé no meio d'um prato, e na ponta ponde a cavallo os dois ganchos; manter-se-hão em equilibrio estavel.

Trata-se então de os fazer funcionar como um torniquete hydraulico. Consiste isso em deitar no cimo dos ganchos, com o auxilio d'uma colher, algumas gottas d'agua.

Em virtude da capillaridade, a agua seguirá as gotteiras ao longo dos ganchos, mesmo na parte horisontal e escapar-se-ha por cada uma das extremidades sob a fóрма de dois delgados fios liquidos correndo em sentido inverso um do outro. Em seguida vereis o systema



dos ganchos porem-se a girar rapidamente, por um effeito de reacção muito conhecido; mantereis sempre esse movimento de rotação se deitardes algumas gottas d'agua desde que elle comece a affrouxar.

O Riso Amarello

NOVO LIVRO DE

SILVA PINTO

1 volume, no mesmo formato e no mesmo typo dos livros do mesmo auctor *N'este valle de lagrimas*, *Philosophia de João Braz* e *A Queimar Cartuchos*.

Preço d'este volume: brochado 500 réis, encadernado 700 réis

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

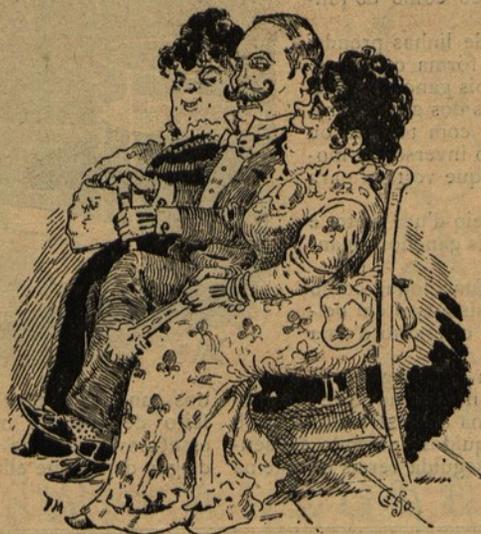
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

GERVASIO LOBATO

Lisboa em Camisa

RIR!
RIR!
RIR!



RIR!
RIR!
RIR!

1 volume de 340 paginas, 2.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 réis, pelo correio 650.

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.

LIVRARIA PEREIRA, rua Augusta, 52 a 54

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

1 Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

Branco e Negro



ESTATUA DE CRIANÇA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 77

VELOCIPEDIA PRÁTICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO
Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvoldidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.

1 VOLUME BROCHADO 500 RÊIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor—52 a 54, rua Augusta, 52 a 54



VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA



Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

BRANCO E NEGRO.

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 77

LISBOA, 19 DE SETEMBRO DE 1897

2.º ANNO

AS PRAIAS—A FIGUEIRA DA FOZ



CASINOS E PASSEIOS

EIS-NOS mais uma vez n'esta deliciosissima estancia balnear, sem duvida a mais formosa e atrahente de quantas guarnecem a *occidental praia lusitana*.

Deixámos por algum tempo a nossa querida Coimbra, onde andamos bebendo o leite sagrado de Minerva e aqui contamos passar as ferias, tonificando os nossos irritados nervos nas salsas ondas do Oceano, o nosso velho amigo, que conhecemos ha vinte annos, sempre inquieto e sempre em lucta contra os rochedos, cuspidos-os de flocos salitrócos de espuma.

Chegámos no dia 5 do corrente.

Pela uma hora da tarde d'esse dia o comboio, soltando um silvo agudo, saiu da pittoresca cidade de Cinda-zunda e entrou de rodar n'uma carreira vertiginosa atravez dos campos, cheios de verdura, onde o sol ria alacrememente, dos oiteiros tapetados de vinhedos, trasbordantes de uvas loiras, dos valles deliciosos, cobertos de espesso arvoredado, e de ternas oliveiras d'onde emergiam brancas casitas, que davam á paizagem uma nota alegre.

Antes, porém, de disfrutarmos esta paizagem tão cheia de amenidade e de encantos, experimentamos uma indizível sensação perante o grandioso e surprehendente espectáculo que offerece o velho burgo coimbrão, que impressiona todo o coração sensível e faz vibrar com intensidade a alma do artista.

Ao passarmos na ponte do caminho de ferro, a enamorada princeza do Mondego surge-nos risonha, plena de vida, beijada por um sol esplendoroso, ostentando as graças com que a alindou a natureza; os seus templos bysantinos coroados de ameias e engrinaldados de hera, os seus terraços rutilantes de luz, e os seus rendilhados balcões, onde borda, entre vasos de baunilha, alguma donzellita d'olhos negros, meigos e ensombrados por longos cilios assetinados...

Por causa de uns olhos negros
Trago eu negro o coração! (*)

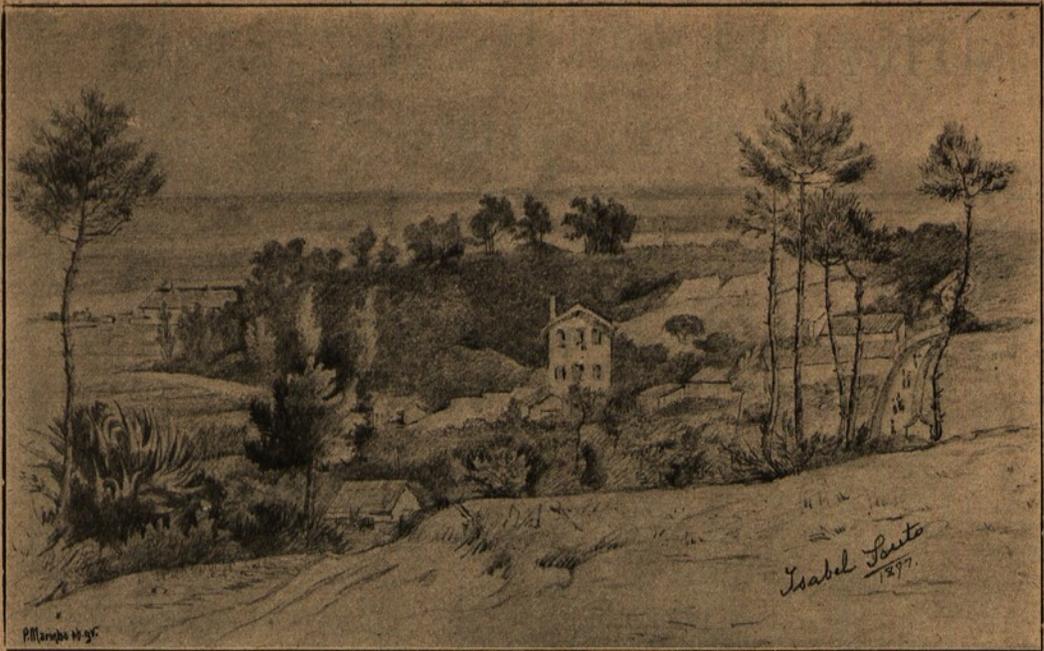
E este conjunto admiravel que extasia a nossa alma, este mixto gracioso de verdura esmeraldina e de alva casaria, que se assemelha a uma enorme pinha vestida de neve, tem por moldura um ceu todo portuguez—de um azul purissimo, salpicado de farrapos de algodão,—os elançados choupos que emergem dos rumorosos salgueiros, d'um verde-negro tão melancholico, e o rimanchoso Mondego, que reduzido a uma estreita fitinha de prata, vae descendo serenamente por entre as sequiosas areias de oiro...

A velocidade do trem faz que este espectáculo sublime e encantador passe com a rapidez do relampago, e ao vermos desaparecer a cidade de Ataces, por detraz dos choupos altaneiros, a nossa alma envolve-se n'uma espessa bruma e diz um adeus, cheio de esperança, á Lusa Athenas.

Onde está o filho de Coimbra, onde está o estudante que se não sintta vivamente impressionado ao deixar a gentil princeza, que se debruça, enamorada, sobre o poetico Mondego?

Só quem, como nós, enverga uma capa e uma batina, e tem gosado a frescura dos seus arvoredos, cheios de

(*) Garrett.



CAMPOS DA VARZEA (desenho da ex.^{ma} sr.^a D. Izabel de A. Souto)

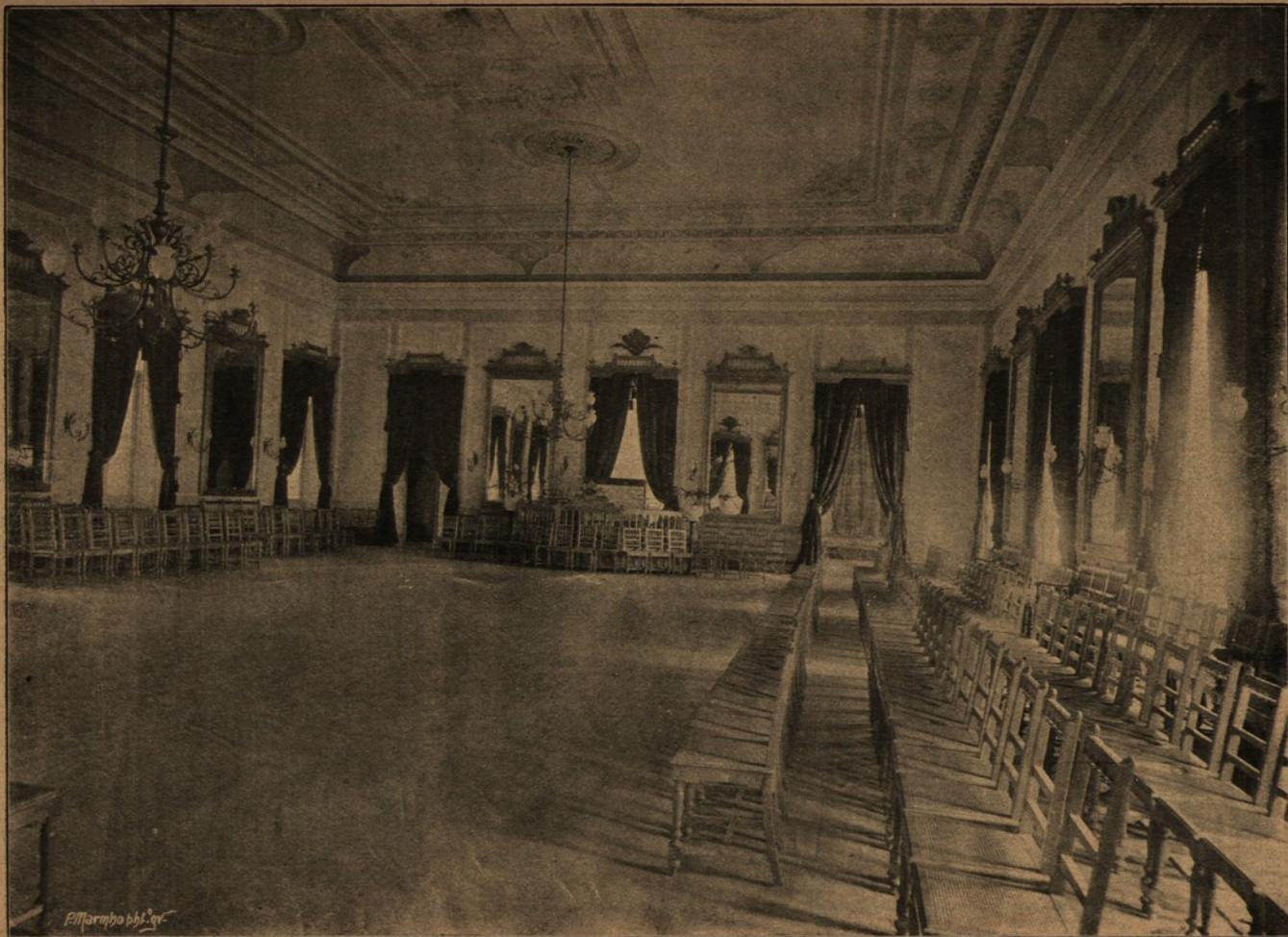
rumores, a amenidade dos seus prados de anil e do seu magnifico jardim, onde tantas vezes na estação calmosa, dormiu á sombra das tilias, tendo por travesseiro o *Codigo do Processo*, poderá comprehender o constrangimento que nos vae no coração ao dizermos adeus á cidade, onde, no dizer dos velhos, andamos passando a melhor parte da vida, ouvindo o *toque da cabra* e des-

folhando, uma a uma, as flores da mocidade.

E' por isso que o nosso espirito sente um intimo bem estar sempre que regressamos á heroica cidade que nos abre os seus braços de neve, envolvidos em braceletes de esmeraldas, para nos estreitar contra o peito palpitante de amores!...



VISTA EXTERIOR DO CASINO PENINSULAR



El Marinho pbl. gr.

SALÃO DE BAILE DO CASINO PENINSULAR

Coimbra, agora, vae-se despovoando. Mas, enquanto a cidade do sonho vê as suas ruas desertas, a Figueira assume uma animação tão extraordinaria que nos faz duvidar se é a mesma cidade que d'inverno apresenta as ruas sem viv'alma, batidas por um vento furioso.

Alli, em Coimbra, é o elemento academico que desaparece com as suas capas negras e velhinhas, como dizia o saudoso Hylario, o bohemio genial; aqui, na Figueira, é o elemento andaluz, que se agglomera nas praças e casinos, emmoldurando as suas finas cabeças com a tradicional mantilha e fazendo ouvir a todos os instantes a lingua de Cervantes e de Calderon de la Barca.

A concorrência este anno é superior á dos annos anteriores. De manhã a praia apresenta um formosissimo aspecto com as suas graciosas barracas e as côres alegres e vivas dos fatos das hespanholas.

De tarde não é menos encantador o espectáculo que

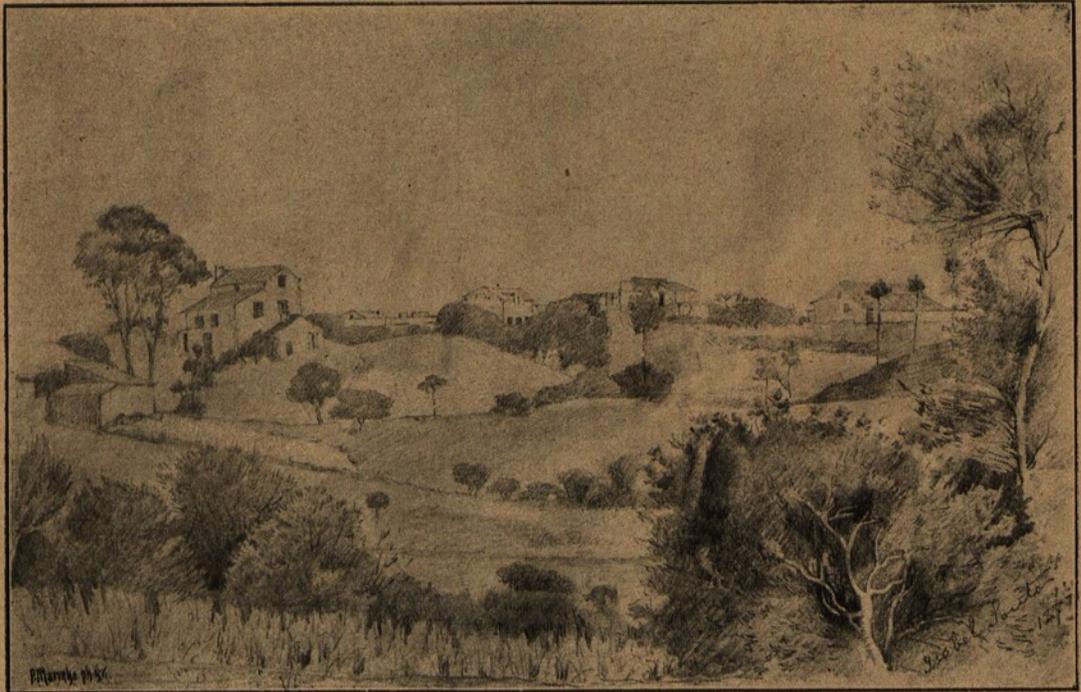
e Mesquita, no edificio onde em tempo existiu a Assembléa Recreativa, á rua da Boa Recordação.

E' o mais antigo da Figueira, pois data a sua installação de 1889, salvo erro.

Possue amplas salas para jogo de bilhar, de vasa, um bello parque, onde se organisam jogos de croquet, etc., e um ridente e magnifico salão, que este anno foi primorosamente mobilado.

N'este magnifico estabelecimento ha reuniões todas as noites para baile ou concerto, realisando-se tambem brilhantes *matinéés*, em que collaboram algumas senhoras, deliciando-nos com as suas vozes diamantinas, ou percorrendo com arte o teclado do piano, o que faz arrancar calorosos applausos á assembleia.

Em agosto não é raro que os socios do casino se julguem em plena Hespanha; no meio da sala, alguma dama hespanhola, em vigoroso trajo andaluz, dança algumas



QUINTAS D'ABBADIA (desenho da ex.^{ma} sr.^a D. Izabel de A. Souto)

nos offerece o vasto e albente areal, povoado de banhistas que alli estacionam em divertidos jogos até que na paleta do sol se acabam as ultimas tintas...

A' noite, quando o firmamento apparece cravejado de diamantes é espantosa a animação que se nota no Bairro Novo. Dos Casinos irradia se uma intensa claridade e dos cafés sae o som vibrante do pandeiro, o bater das castanholas ou os gemidos do violino.

E' então que principiam as *soirées* nos casinos que este anno se apresentam muito modificados. Como este artigo visa principalmente a deixar aqui uma descripção fugitiva das modificações por que passaram, apresentaremos ao mesmo tempo umas leves notas sobre a instituição de cada um. (1)

Na Figueira ha nada menos de tres Casinos: o *Mondego*, o *Peninsular* e o *Hespanhol*, que não é mais que um café, onde se ouve boa musica.

O Casino Mondego foi estabelecido pelos srs. Galvão

¹ No anno passado publicámos no numero 24 d'este semanario um acanhado artigo ácerca da Figueira, que tinha por fim apenas acompanhar algumas vistas que demos d'esta formosa praia; mas como a Figueira é uma das cidades portuguezas mais florescentes, o *Branco e Negro* publicará n'este e nos annos seguintes, com o desenvolvimento compativel com os limites do jornal, varios artigos, em que descreveremos alguns dos seus principaes monumentos, estabelecimentos de caridade, etc.

E' assim que tendo já publicado no n.º 29 um artigo sobre o Museu Municipal da Figueira, fundado pelo talentoso dr. Santos Rocha, e outro no n.º 74 sobre a Escola Industrial Bernardino Machado, tão distinctamente dirigida pelo nosso amigo Francisco Gil, dedicamos hoje algumas das paginas do *Branco e Negro* aos Casinos da primeira praia de Portugal.

sevilhanas, acompanhadas das notas vibrantes do pandeiro e das castanholas.

O Casino Peninsular foi estabelecido em 1895 no sumptuoso edificio do theatro-circo Saraiva de Carvalho; possuia um bello salão de baile mas os seus proprietarios desejando imprimir maior sumptuosidade ao seu estabelecimento trataram de fazer obras importantes que o metamorphosaram completamente.

A empreza exploradora d'este casino, é composta do dr. Luiz Pereira Ferraz de Menezés, distincto clinico, Alfredo Burguet Lopes Chaves, capitalista portuense, e do nosso bom amigo e antigo proprietario do casino Joaquim Augusto Rodrigues. Estes cavalheiros são dignos dos mais rasgados elogios pelos importantes melhoramentos que introduziram n'aquella agremiação, fazendo d'ella um Casino de primeira ordem que pôde emparelhar com os de Arcachon ou Biarritz.

Aos leitores que este anno não visitam a Figueira vamos dar uma pallida idéa d'esses melhoramentos.

As paredes dos lados norte e sul ao longo das ruas Boa União e Boa Recordação, onde nos annos anteriores se via um gradeamento, foram reconstruidas e os dois corpos lateraes da fachada do edificio foram demolidos.

A' beira da rua da Concordia foram construidas as paredes, do lado do ponte d'estes dois corpos, que se encontram separados por um bello parque situado em frente do vestibulo.

O salão de baile tem as seguintes dimensões: 21 metros

de comprimento, 16 de largura, e 8 de altura; está instalado do lado do sul, assim como a sala de entrada, com as dimensões de 5^m×3^m, *toilette*, com 11^m×5^m e *W. room*, que tem 10^m×5^m. Do lado do norte ha uma sala para jogo de bilhar com 16^m×8^m; outra com as mes-

as; foram executados por estucadores do Minho, sob a direcção do sr. Domingos Rodrigues Ennes Junior. No centro do tecto vê-se um carro com Apollo e aos lados diferentes emblemas musicaes, muito bem dispostos. A placca do theatro do Casino, que mais tarde deve



FIGUEIRA DA FOZ — Baile infantil da Praça Nova

mas dimensões, para diferentes jogos, sendo do mesmo lado o escriptorio, cozinha, etc.

E' luxuoso o salão de baile, ricamente mobiliado, no estylo Luiz XIII; guardam-se n'o tambem dez riquissimos espelhos, elegantemente emoldurados.

São primorosos os estuques do grande salão de bai-

ter um lago e cascata, constituindo um jardim d'inverno, acha-se completamente modificada e profundamente adornada de vasos, com plantas; tem pequenas mezas para serviços de refrescos, calas, etc., e está muito bem illuminada por bicos *Auer*.

Neste Casino toca todos os dias, das 2 ds 4 da tarde, o

magnifico sextetto Rio de Carvalho, que é calorosamente palmeado pela enorme concorrência de socios que affluem ao magnifico salão. Para se fazer uma idéa do seu valor basta dizer-se que entre os artistas que o compõem ha o laureado violinista solista de S. Carlos, Caggiani.

Tanto o Casino Mondego, onde tambem se exhibe o apreciavel quartetto *Victor Hussla*, como o Casino Peninsular, costumam offerecer todos os annos magnificas festas á colonia balnear hespanhola, no dia 15 d'agosto, e á colonia balnear portugueza, no dia 15 de setembro.

N'esses dias os seus salões enchem-se d'um numero espantoso de senhoras, a quem os directores d'estes gremios offerecem lindos *bouquets* de flores (!)

Além dos Casinos a Figueira possui muitas outras diversões, bellissimos passeios, não fallando na Praça Nova, hoje votada ao *ostracismo*, mas que em outro tempo

era ponto obrigado dos nossos banhistas, e onde se organisaram ainda no anno passado alguns interessantes bailes infantis, a que concorriam numerosas creanças, que com os seus vestidos variegados imprimiam áquelle local uma nota alegre, cheia de vida e frescura.

Graças á bondade adoravel da ex.^{ma} sr.^a D. Isabel de Azevedo Souto, gentilissima filha do talentoso lente da Escola Medica do Porto sr. dr. Agostinho Antonio do Souto, e uma das senhoras mais distinctas que costumam frequentar os Casinos da Figueira, podemos hoje offerecer aos nossos leitores alguns trechos de paisagem figueirense. São tres estudos do natural, muito bem cuidados e que revelam as excellentes faculdades artisticas da sua tão novel quão talentosa auctora, a quem rendemos a nossa modesta homenagem, agradecendo profundamente a sua valiosa e gentilissima offerenda.

Se bem que os arrabaldes da Figueira não tenham a



FIGUEIRA DA FOZ — Passeio Infante D. Henrique

¹ Uma das festas mais deslumbrantes que os Casinos offereceram á colonia hespanhola foi a que se realisou em agosto de 1895.

O Casino Peninsular teve para com as damas uma lembrança gentilissima. Consistiu na seguinte poesia, impressa em magnifico papel, levando annexo um gracioso ramo de alcirim e perpetuas, atado com fitinhas vermelhas e amarellas — as côres hespanholas:

15 DE AGOSTO DE 1895

Brilham duas homenagens
nos sorrisos d'esta festa:
uma, á Hespanha, heroica e honesta,
nossa irmã, d'egual esplendor!
A outra, á legenda santa
da gloria eterno tropheu:
a este dia em que a Virgem
subiu ao throno do Ceu!

A este a creença e a magia
da nossa Fé e respeito:
aquella o sincero preito
da gratidão d'esta praia...
e ás suas filhas gentis
— *bouquets* de rosas e amores —
a nossa offerta modesta
de viçosissimas flores!

Que ligação tão formosa!
No azul: estrellas diamantes!
Na terra: rostos radiantes
e vibrações festivas!
Por toda a parte sorrisos;
por toda a parte alegria;
anjos na Terra e no Ceu
saudando a festa do dia!

A' festa vimos tambem
ligados na mesma creença,
que nunca teve differença;
nem patria a Fé n'este mundo;
e ás lindas filhas d'Hespanha,
alegres, vivas, graciosas,
dizer-lhes, reconhecidos,
— bem-vindas sejam, formosas!

Brilham duas homenagens
na mesma festa e suffragio;
uma, ao berço de Pelagio;
a outra ao orbe christão!
Ambas ellas são sinceras
e tem a mesma poesia:
— á Hespanha: á patria do Cid!
aos Ceus; á Virgem Maria!



PINHEIROS NA FIGUEIRA (desenho da ex.^{ma} sr.^a D. Isabel de A. Souto)

amenidade e frescura dos que rodeiam a cidade de Coimbra, ha aqui, a par de outeiros de fôrmas duras e aridas, alguns valles deliciosos com elegantes chalets, semi-cobertos pela mais luxuriante vegetação.

O passeio do Infante D. Henrique, o da matta da Misericordia, povoado de eucalyptos e de elegantes barracas de colmo e cortiça, os passeios até Buarcos, onde se aspira a plenos pulmões um ar tão puro, tão lavado, e as ex-

cursões á *Varzea*, á formosa povoaçãozinha de *Tavarede*, ao *Cabo Mondego* e á *Lapa*, onde ha uma pittoresca fonte, são excellentes diversões que nós preferimos á vida buliçosa da cidade e ao estontear da valsa nos Casinos.

Figueira—Agosto 1897.

A. J. VALLE E SOUSA.

PENUMBRAS

Senhor! Senhor! Senhor! Queima-me o pensamento!
Como esta vida é triste, escuro o firmamento
onde eu procuro, em vão, a estrella do Porvir!
Por toda a terra, a morte, abrindo as azas, passa...
Ouve-se uma elegia enorme, de desgraça,
um cantico de dór das almas a cahir!

Senhor, onde é que estás? não ouves esta magua?
morre no coração, sem uma gota d'agua,
d'esperança, essa flor que regou tua mão!
Tudo deserto, vê, n'uma aridez que assombra...
nos rios a correr, nas arvores, na alfombra,
um vendaval passou — d'odio e de maldição!

Onde está esse amor que prometteste ás almas,
— sementes no embrião desabrochando em palmas,
prado em que se transforma o lodaçal da dór?
Onde está essa luz que nos teus olhos via
a multidão feliz, que os passos teus seguia,
— a luz que irradiou nos cimos do Thabor?

E a Religião que vale? ella que sobre a terra
olha todo este horror, olha toda esta guerra
do filho contra o pae, do irmão contra o irmão!
Ella, que promettia a luz risonha e casta
do amor, porque não diz á tyrannia: — Basta! —
Porque não diz ao céo: — Basta d'escuridão! —

Ai, tudo nos mentiu! A vida é a mesma vida!
Os homens sem amor; a mulher prostituida;
a opulencia a sorrir; a miseria a gemer!
Junto do berço em flor — a podridão do vicio;
junto do altar em festa — o sangue do supplicio,
junto a Jerusalem — uma Sodoma a arder!

E a crença — esse pharol das illusões humanas,
esse anjo que descia, ás trevas das choupanas,
e dava ás trevas luz e dava á fome pão,
agora, sobre um mundo hysterico e doentio,
Senhor, já não é mais que um traço fugidio
de sol a irradiar n'um ultimo clarão!

De que valeu, Heroes, de que valeu, ó Santos,
cahirem sobre a terra os vossos negros prantos,
ao Calvario subir — levando a propria cruz —...
se a terra cada vez é mais ingrata, e cada
vez a mysteriosa e apeteçida estrada
do Ideal é mais distante e mais escassa a luz?



AO CAHIR DA TARDE - Quadro de D. Thomás Garcia Sampedro

"A LITTERATURA BRASILEIRA,"

Cumprindo o que promettemos no n.º 73 do *Branco e Negro*, damos em seguida espécimens de alguns dos esboços criticos litterarios de Valentim de Magalhães, no seu brilhante livro *A Litteratura Brasileira*; e bem assim dois trechos, á sorte, da bella anthologia que completa o precioso livro.

OS MALLOGRADOS, OU ESCOLA DE MORRER JOVEN

Do Romantismo, tronco robusto e vasto, bracejaram numerosos ramos, mais ou menos longos e verdejantes, entre os quaes citarei: o *Byronianismo*, de que foi chefe MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, paulista, verdadeiro genio poetico; o *Mysticismo*, representado em JUNQUEIRA FREIRE; o *Fatalismo amoroso*, cujo chefe foi CASIMIRO DE ABREU; o *Mussetismo*, representado por FAGUNDES VARELLA, etc. Mas todas essas sub-escolas, filiadas ao Romantismo, d'elle oriundas, podem ser reunidas n'um só grupo que chamei *Os mallogrados*, n'uma só escola que appellidei *A escola de morrer joven*.

Pesava sobre os moços poetas como que um fatalismo funebre. Elles proprios o sentiam e era a morte a Musa pallida, *nero vestita*, que os inspirava. Todos elles sabiam que pouca vida teriam e o lamentavam em sentidas endeixas.

Alvares de Azevedo falleceu aos 21 annos, Junqueira Freire aos 22, Casimiro aos 23, Castro Alves aos 24, Aureliano Lessa aos 31, Fagundes Varella, o grande lyrico, aos 34.

Dir-se-ia um capricho da morte, ceifando todos os genios poeticos, mal começavam de enflorar, para impedir-lhes a fructificação.

D'esses poetas, o menos conhecido em Portugal é Luiz Nicolau Fagundes Varella. Por isso direi duas palavras a seu respeito.

Era uma grande alma cantante, sonhadora, inspirada. Nas suas poesias completas, que formam tres grossos volumes, sente-se passar o sopro do genio.

Comquanto se inspirasse vagamente em Musset e algumas vezes em Henri Heine, — do que aliás não precisava o seu talento fortemente creador e original— o seu lyrismo tem uma feição propria, inconfundivel, pela suavidade e pelo pittoresco. *Esperança* e *Mimosa*, são dois poemetos deliciosos. Mas a sua obra mais completa e de mais largo folego é o *Evangelho nas selvas*, que tem por assumpto o padre José de Anchieta, catechizando o gentio e levando ao seio virgem dos bosques a palavra Deus. N'esse poema, composto em versos brancos, admiravelmente correctos e harmoniosos, ha paizagens deliciosas de côr, frescura, luz e movimento, e episodios encantadores de simplicidade e pureza.

ALVARES DE AZEVEDO, CASIMIRO DE ABREU, FAGUNDES VARELLA e CASTRO ALVES, formam uma constellação de primeira grandeza no firmamento da poesia brasileira, tão recamada de estrellas como o nosso bello céo tropical n'uma noite clara e tranquilla de agosto.

São quatro poetas maximos. Um só bastava para fazer o orgulho de uma litteratura.

OS EMANCIPADOS

ESTA denominação é má, é mesmo pessima porque, além de outras razões, faz suppor que os poetas anteriormente apreciados são todos uns sectarios ferrenhos, uns arregimentados nas diversas escolas que tem tido a Poesia. Ora isto não é verdade.

A mór parte d'elles não são sectarios, em poesia, de nada e de ninguem e detestam escolas. Eu é que os andei arrumando, juntando sob a generalisação de um rotulo para poder mais facilmente apresental-os, uma vez que tinha de fazel-o destacada, singularmente.

Chamo *emancipados* aos que vou nomear agora, não porque muitos dos seus collegas o não sejam, mas sómente por não ter encontrado eu feição especial no seu poetar que auctorisasse a incluil-os nos grupos já estudados.

Isto posto, vou referir-me sómente a alguns, aos que mais relevo e brilho têm apresentado até hoje.

MEDEIROS e ALBUQUERQUE, em má hora envolvido e absorvido pela politica e que politica! a de campanario, a de pessoas! — é um poeta raro e real talento. Do seu bello livro *Peccados* escrevi de espaço e com o devido

preito no volume *Escriptores e Escriptos*. Seria um dos primeiros poetas brasileiros, se quizesse, embora estando longe de pertencer aos ultimos. Tem verdadeiro talento poetico, imaginação vivaz e prompta, originalidade e audacia de concepção e um nobre amor da fôrma. Leiam-n'o, quando poderem, que hão de gostar devéras.

FILINTO DE ALMEIDA é portuguez de nascimento; mas no Brazil se fez homem, physica, moral e intellectualmente, tendo ido para lá com dez annos de idade. Além d'isso é cidadão brasileiro, civil e politicamente. Tem um livro, *Lyrica*, notavel pela pureza castiça da linguagem, pelo colorido sobrio e distincto da locução e pela correcção elegante da metrica. Tem pouca e curta imaginação; mas possui, para compensal-a, uma sensibilidade delicada e sadia. Seus versos respiram tanta paz d'alma, tanto amor da vida, tanta alegria quasi todos, que é um gosto lel-os. O casamento, o jornalismo e a politica tem-o arredado da Poesia, o que é de lastimar.

Além d'aquelle livro só tem feito ou publicado alguns trabalhos theatraes, entre elles uma comedia em verso, *O defuncto*, muito bem recebida pelo publico e pela imprensa de Lisboa quando representada no theatro de D. Maria, ha poucos annos, e outras peças de varios generos em collaboração com o auctor d'estas linhas.

Fôra injustiça e grande esquecer ARTHUR AZEVEDO. Não é como poeta que se fez celebre, porque o é, embora só no Brazil; e sim como escriptor theatral e folhetinista.

Pois, comquanto seja um comediographo muito habil e muito engraçado e um prosador ligeiro de muito merito, o que elle é melhor—é poeta lyrico.

Tem sonetos primorosos. Talha a estrophe com uma elegancia e desfia o verso com uma simplicidade artistica taes que o collocam ao lado do grande Raymundo Corrêa—sem egualal-o, está visto.

Tem commettido um crime o nosso Arthur Azevedo em addiar até hoje a publicação de um livro de versos lyricos, quando para isso bastar-lhe-ia o trabalho de collectar as numerosas e lindas produções que tem espalhado na imprensa diaria e periodica do Brazil.

ALBERTO SILVA é outro poeta inspirado, fecundo, imaginoso, correcto. Tem um livro cujo titulo não me occorre.

RODRIGO OCTAVIO já deu a lume duas obras, *Pampanos* e *Poemas e Idyllos*. Verseja com distincção de fôrma e elevação de idéas.

JOÃO RIBEIRO é uma organização litteraria muito interessante, mas difficil de estudar, pela sua complexidade.



LUCIO DE MENDONÇA

E' philologo, critico, *conteur*, poeta; mas, comquanto se haja distinguido e muito em todos os seus trabalhos tão variados, não alcançou ainda definir-se perfeitamente.

Ha um quê de vago na sua physionomia litteraria, como prosador ou como poeta. Faltam-lhe, creio, estas condições capitaes—clareza e simplicidade.

E' um dos moços brasileiros mais eruditos, mais bem preparados. Com essa vantagem enorme e com o talento forte e ductil que tem, pôde ser uma figura proeminente e de primeira grandeza em nossas letras.

Só lhe falta para conseguil-o, fazer um esforço, dar á idéa e ao estylo a unidade e a limpidez que fazem os mestres.

GUIMARÃES PASSOS, MAGALHÃES DE AZEREDO, OSORIO DUQUE ESTRADA, ALFREDO DE SOUSA, ANTONIO SALLES, TEMISTHOCLES MACHADO... quantos poetas inspirados, cheios de vida!

Muitos esqueço propositalmente, para não alongar demasiado esta apresentação e para que não pareça que estou a citar nomes e mais nomes na intenção de *epater* pelo numero.

OS DESORIENTADOS

COM esta rotulação quero comprehender todos os symbolistas, decadistas ou nephebibatas que ora verdejam na minha terra e que, felizmente, não são muito numerosos.

E chamo os *desorientados* porque elles, picados pelo desejo de destacar, de apparecer, de deslumbrar, lançam-se á caça *do novo*, ao preço de tudo o que até hoje foi considerado elemento indispensavel da boa poesia—mesmo da grammatica e do senso esthetic.

Procuram ser extravagantes, extraordinarios, exquisitos. Não têm uma orientação litteraria definida, e por isso não conseguem formar e firmar uma esthetica.

E' chefe de todos elles o poeta B. Lopes, o paladino da Rima. E, o versejador das elegancias, dos refinamentos, dos exotismos. Faz *bi-belots*... mas de plaquê.

E' brilhante, imprevisito, agradável. Mas as estatuetas que afeiçoa não são Tanagras—são bonecos de barro pintado, que se desfazem em pó impalpavel ao primeiro toque da critica.

E' um Vatteau inferior. Não tem arte, tem artificio. Os seus versos brilham e duram o espaço não de uma manhã como as rosas da *chapa*, mas o que dura um cigarro.

Por isso é que elle deve mudar o titulo do seu prometido livro, de *Cigarras* para *Cigarros*.

E' possivel que neste grupo de caçadores do *novo* haja algum talento real e futuroso; mas por emquanto ainda não é possivel conhecê-lo.

* — *

Só me resta deixar cair o ponto final n'este ligeiro trabalho, lembrando mais uma vez, em desculpa das suas muitas falhas e muitas faltas, as condições em que tive de realisá-lo e o alvo que me propuz attingir—a propaganda da moderna litteratura brasileira em Portugal.

VALENTIM MAGALHÃES.

MÃE CABOCLA

(Do livro *A Litteratura Brasileira*)

I

PELOS fins do anno de 1868, ao pino d'um meio-dia abrazador, ouviam-se pelas ruas quasi desertas da pobre povoação de X., em S. Paulo, uns gritos descompassados.

A uma esquina do largo da Matriz, o caixeiro da bo-

tica chegou á porta, dobrando pausadamente, a pequeninas dobras, com os dedos amestrados no officio, a carapuça d'um frasco, de papel de xadrezinho azul ferrete. Duas caras pallidas de lojistas em chinellos vieram ás portas entrefechadas por causa do calor excessivo. Que alvoroço!

— Que bebado é esse? perguntou de dentro da botica, para o caixeiro, o velho pharmaceutico, entreparando com o copo dos dados suspenso, sobre o taboleiro do gamão, a que se batia com o vigario, impacientado, este, pela interrupção, que o vinha apanhar de mau humor, com duas pedras expostas!

— E' uma mulher, que eu não conheço, respondeu voltando, o rapazinho.

Uma velha, a Sinh'Anna dos gatos, assomou, sorradeira á sua empannada encardida.

E no largo continuavam os clamores incessantes, ivados, a perturbar o silencio dormite do logarejo.

Afinal, mais por amor da partida, em tão má hora suspenza, determinou o vigario a chegar á porta. Era um velhinho, beiços finos e sorvidos, olhos pequeninos e sornas. Vestia uma batina surrada e curta, abaixo da qual appareciam as pernas das calças, de algodão mineiro, com listas amarellas.

Quando o vigario olhou para o largo, viu, defronte do grande sobrado, todo fechado n'esse instante, do commendador João Cancio, uma estranha figura de cabocla, alta, magra, a estorcer-se como uma jararaca no fogo, desmanchando-se em gestos epilepticos, com o punho secco extendido para o casarão silencioso, a ulular: — Justiça do céu! justiça de Deus! esse perverso deshonrou minha filha! Gente pobre n'esta terra é cachorro; não acha lei! não acha auctoridade! Mas eu hei-de gritar até Deus me ouvir, que deshonraram minha filha! minha filha que estava p'ra casar! Eu vi! vi, com os meus olhos, a coitadinha sahír chorando do quarto d'esse commendador do inferno, que deshonrou minha filha! justiça de Deus me valha! justiça do Céu!

E repetia a phrase com uma insistencia de monomaniaca, contorcendo-se de dôr desesperada, espumada de odio impotente, contando, entre uivos de imprecações, o escandaloso caso do estupro de sua filha, da sua Joanninha, que estava p'ra casar, que viera ao arraial, chamada pela madrinha, a mulher do commendador, e que este arrastára á força para o quarto, onde a violentára, emquanto ella, a mãe, enganada, esperava á porta da rua, até que aos lamentos da victima subiu como dôida as escadas e veiu chorando nos braços a pobresinha já perdida. Então, o commendador a enxotára a pontapés e mandara levar a filha para a roça, por um escravo.

— E era seu padrinho d'ella! continuava a cabocla; baptizou a minha Joanninha á vista de Deus, p'r'agora atirar com ella no mundo! Este assassino! este diabo do inferno! Deus ha de me vingar, demonio! A justiça do céu há de me escutar algum dia!...

E aquella dôr inculta, aquella paixão bruta e grande trazia-lhe á bocca tremula os êstos do coração revoltado. Eram rugidos terriveis, de leão, de mãe!

Então, o vigario, vendo que era com o compadre João Cancio, o commendador, chefe do partido conservador na freguezia, chamou pelo Anacleto, um mulataço membrudo, que o acompanhava sempre, como guarda-costas, para as suas brejeirices de velho. O Anacleto acudiu da cosinha, onde estava a conversar maroteira com uma crioula da casa, que era, sabidamente, rapariga do vigario—e mais d'elle.

Desde que o viu perto, o padre Luiz, o vigario, intinou-lhe no tom peremptorio de quem manda uma vez só: — Toque até fóra do arraial aquella bruxa! e se ainda fôr abrindo a bocca pela rua, parta-lhe a cabeça ao meio! Cachorra!

Anacleto bamboleou o corpo vigoroso, de cão-de-fila bem tractado, e a passo gingado, arrastando pelas pedras



MACHADO DE ASSIS

o grosso mangual de peroba, chegou-se á cabocla e poz-lhe a mão no hombro :

— Marche! e não me abra o bico, que lhe racho esse caco velho!

A velha estremeceu toda, encolheu-se como um bicho tímido; a furia, a dôr enorme, a vergonha, o desespero de mãe fundiram-se n'um medo vil, que rebentou em choro.

O Anacleto agarrou-a pelo braço magro e a foi puxando, sacudida de soluços, mas já sem palavra que se ouvisse.

II

D'ahi a dois dias, enterrava-se no cemiterio de X, o cadaver de Joanninha, que appareceu morta em casa, sem se saber como, dizendo uns que fôra a propria mãe que a matara, por causa de ter cedido ao commendador, e murmurando outros que fôra este que mandára acabar com ella, para pôr termo ao fallatorio de certa gentinha. Isto é mais provavel, porque nunca se soube ao certo, nem se tractou de saber.

O que é verdade, é que do lado esquerdo do rustico cemiterio se levantou mais uma cruz de páu, e debaixo d'ella começou a apodrecer o corpo de Joanninha.

III

Era outra vez um fim de anno, no mesmo largo da matriz do arraial paulista. O sol canicular, que alli dardejia nos intervallos das grandes chuvas, queimava as calçadas da rua.

Passava pouco do meio-dia. A porta do sobrado do commendador João Cancio reuniam-se grupos consternados, e lá de dentro e de cima ouviam-se gemidos de choro.

Em frente da matriz, ao pé do cruzeiro, seccava ainda ao sol uma poça de sangue; alli fôra que, minutos antes, um rapazinho do logar, o Zé Miguel, bom aprendiz de selleiro, matára o commendador João Cancio com duas facadas no peito.

Zé Miguel teria vinte annos: era orphão, afilhado e protegido do Lima, um cobrador do Rio que costumava apparecer em X., onde mal o toleravam, porque era um desbragado contra o commendador, a quem dizia todas as liberdades. Ora o diabo do maluco, o hereje do Lima, como lhe chamavam, gostára do Zé Miguel inda menino, por achal-o vivo e malcriado, que é a fôrma apreciavel da independencia dos pequenos, dizia o Lima, e dera a mão ao rapaz, mettê-ra na eschola e, depois, de aprendiz de selleiro, e ainda uns dois mezes antes tractára um bom casamento para elle, com uma tal Amelia, filha de uns pequenos lavradores de perto do arraial. Mas succedeu que o commendador engraçou tambem com a Amelia, attrahiu-a a casa, e o fim das contas foi o Zé Miguel metter-lhe as duas facadas.

Recolheram o Zé Miguel á cadeia do logar, muito maltractado da bordoeira que pelas ruas foi apanhando da gente do commendador e do vigario. D'ahi a um mez entrou em julgamento do jury e foi condemnado á pena capital.

IV

No outro dia depois do assassinato, grande concurso de povo foi levar ao cemiterio o corpo do commendador João Cancio.

Houve acompanhamento de musica, e junto á cova o vigario, com tremulos dramaticos na voz, celebrou as virtudes d'aquelle seu bem amado parochiano, pae da pobreza... amigo do seu amigo... e a quem X. devia... a fortuna de possuir uma igreja... com duas torres tão... tão...

Como o qualificativo estava rebelde e o sol quente :

— Magnificas, assoprou o sachristão.

— ... bem acabadas! concluiu o orador sagrado, achan-do emfim.

Quando já vinham sahindo do lugubre recinto, notou um, mais bisbilhoteiro, uma estranha bandeirola vermelha, d'um vermelho escuro e manchado, sobre uma cova antiga, do lado esquerdo do cemiterio.

— Que diabo de coisa é aquella?!

Foi am uns tres ou quatro vêr. Era, enrolado nos braços da cruz da sepultura, um lenço embebido em sangue já secco.

Ninguém comprehendeu desde logo, mas, com o contar e recontar, chegou o caso aos ouvidos da Sinh'Anna dos gatos, e esta pôde explicar que, na vespera, dia em que ella não arredara de ao pé da empannada, pouco depois da desgraça, tinha visto uma cabocla velha, alta,

muito magra, agachar-se no largo, juncto á poça do sangue do commendador; e molhar n'elle um lenço, o qual depois tornára a metter no seio. Era, provavelmente, o mesmo lenço.

Provavelmente.

LUCIO DE MENDONÇA.

A MOSCA AZUL

(Do livro *A Litteratura Brasileira*)

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia
Refulgindo ao clarão do sol

E da lua, melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou :

«Mosca, esse refulgir que mais parece um sonho,
«Dize, quem foi que t'ô ensinou?»

Então ella, voando e revoando, disse :

«Eu sou a vida, eu sou a flor
«Das graças, o padrão da eterna meninice,
«E mais a gloria, e mais o amor.»

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo
E tranquillo, como um fakir,
Como alguém que ficou deslembado de tudo,
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltar no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú

Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,
Aos pés d'elle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
É todo o amor que tem lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem ethiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nús.

Vinha a gloria depois : — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das coróas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Affeita a só carpintejar,

Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vêl-a, quiz saber a causa do mysterio,
E, fechando-a na mão, sorriu

De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para casa se partiu.

Alvoraçado chega, examina, e parece
Que se houve n'essa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e de tal geito, que ella
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu, e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão phantastica e subtil.

Hoje quando elle ahi vae, de álloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,

Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

MACHADO DE ASSIS.

COMMUNICAÇÃO COM OS ASTROS

PAGINA CARICATURAL POR HENRIOT



A Academia deverá oferecer cem mil francos á pessoa que achar o meio de comunicar com os astros. Nada mais commodo do que fazer pst! á lua.



Sómente, a mão d'obra custará caro. Bastará construir um quadrado de vulcões em torno do Vesúvio.



Ou então attrahir a atenção dos lunaticos por alguma operação inverosimil... como a conclusão do Panama.



A destruição dos Pyreneus, o aterro do Mediterraneo.



Outros signaes: tingir de azul o rio Amarello, illuminar a muralha da China, construir vinte torres Eiffel sobre o cume do Hymalaia.



Uma bella tarde ver-se-ha desenhár na face da lua um sorriso de satisfação.



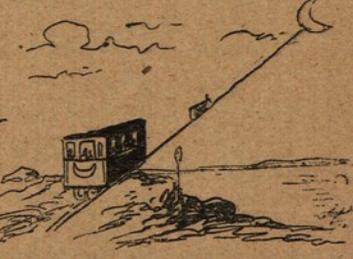
Os astrónomos verão de subito gigantesca regatas nos canaes de Marte.



E' que os nossos signaes terão sido comprehendidos mas a comunicação não será estabelecida.



A menos que um bolide expellido pelos sideraes não traga o cabo sonhado.



E' então não será impossivel deixar Lisboa para ir passar o verão lá em cima, tomando o funicular da lua, a cujos estudos sabemos já andar procedendo o nosso amigo Raul Mesnier.

OS PARLAMENTOS DO MUNDO

III

NORUEGA

A Constituição norueguesa offerece a particularidade de ser a mais antiga das que actualmente existem na Europa. Foi promulgada em 16 de maio de 1814 em Eidsvold.

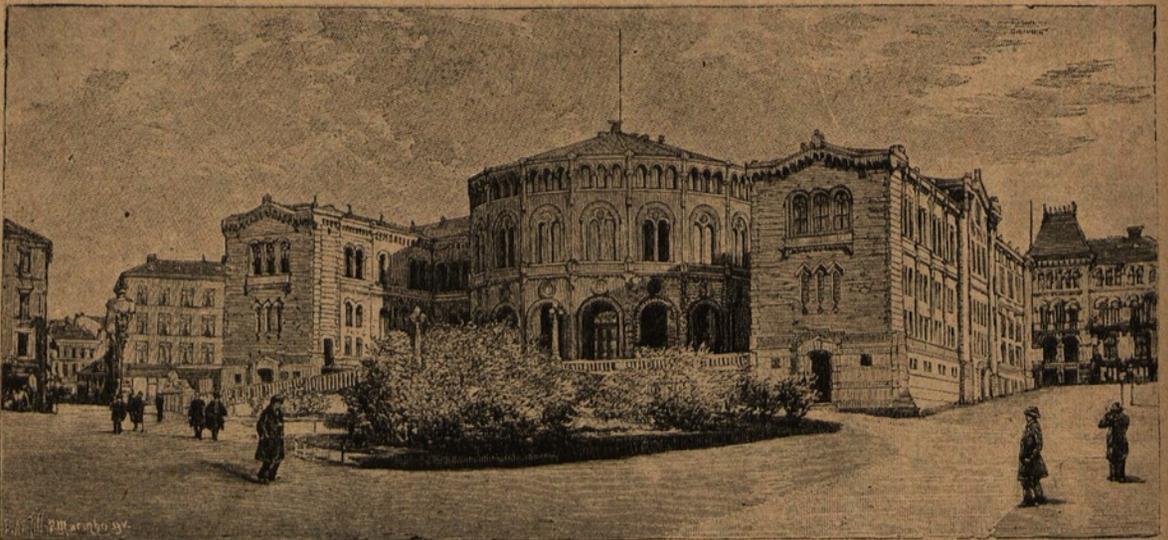
Esta Constituição foi já objecto de quinze emendas successivas, das quaes as principaes tendem a annullar a exclusão dos judeus, na alteração do systema das circumscripções eleitoraes, no restabelecimento do *Storthing* triennal pelo annual, na suppressão do *Statholder* e na admissão dos que não são lutheranos nas funcções do Estado. Vamos resumil a tal como existe hoje.

A fórma de governo é uma monarchia constitucional com um parlamento (*Storthing*: Grande Assembleia), composto de duas camaras (*Hagthing* e *Odelsting*),

primeiro dia não feriado do mez de fevereiro, na capital do reino. Em certos casos muito graves, o rei tem o direito de convocar o *Storthing* em sessão extraordinaria, e pôde dissolver, quando bem lhe pareça, a assembleia reunida para estes casos. O *Storthing* ordinario permanece, pelo contrario, reunido tanto tempo quanto o julgar opportuno; mas se este praso fôr além de dois mezes, tem de pedir auctorisação ao rei para continuar deliberando.

O *Storthing*, tanto extraordinario como ordinario, não pôde celebrar sessão se não estiverem presentes as duas terças partes dos seus membros.

A sessão ordinaria começa por um discurso do rei, na presença do qual não pôde haver deliberação.



PALACIO DO PARLAMENTO NORUEGUEZ EM CHRISTIANIA

ambas resultantes de uma só e mesma eleição em dois graus por eleitores contribuintes.

O rei não tem mais que um direito de voto suspensivo.

O *Storthing* comprehende duas camaras; mas só ha uma eleição, que recáe em certo numero de deputados, egual á totalidade dos individuos que devem constituir o parlamento; e os deputados eleitos são os que designam uma quarta parte tirada do seu seio para formar a primeira camara, *Hagthing*; as tres quartas partes restantes compõem a segunda camara, *Odelsting*. O numero dos deputados do *Storthing* é de 114; recebem 3#600 réis por dia. São portanto, dos deputados da Europa, os que mais ganham.

As duas terças partes dos individuos do *Storthing* são eleitas pela gente das aldeias, que naturalmente nomeiam os seus patricios, do que resulta que n'esta classe ha muitos homens politicos distinctos. Na Noruega não ha nobreza; os nobres da Edade Media são os camponezes da actualidade; mas estes ultimos resentem-se da sua origem e teem qualidades innatas e pessoas que communicam á sua classe uma grandiosidade e um caracter que distam muito dos que se dedicam ao cultivo das terras nos outros paizes. O camponez norueguez foi sempre proprietario do soloe disfructa ha muitos seculos o direito de nobreza.

Os deputados são eleitos por tres annos, e as camaras renovam-se de cada vez na sua totalidade; não ha eleições parciaes, pois no caso de doença, morte ou demissão, o deputado é substituido por um supplente.

A abertura do *Storthing* effectua-se todos os annos no

O *Hagthing* (primeira camara) e o *Odelsting* (segunda camara) celebram as suas sessões em separado, e nomeiam o seu presidente e secretario.

As suas sessões são publicas, e as deliberações vêm a luz por meio da imprensa, excepto no caso em que se tenha resolvido o contrario por maioria de votos.

Os ministros não assistem ás deliberações do *Storthing*; entregam os projectos de lei apresentados pelo governo e retiram-se depois.

As attribuições do *Storthing* consistem em fazer abolir as leis, estabelecer os impostos, as contribuições e os direitos das alfandegas, e em geral velar pelo thesouro, tomar conhecimento das allianças e tratados firmados pelo rei, etc.

A elaboração das leis constitucionaes faz-se pela maneira seguinte, que offerece, como se verá, muitas garantias contra revisões demasiado bruscas. A modificação de um paragrapho da Constituição não se pôde votar sem que os eleitores tenham emitido o seu parecer; isto é, o projecto é apresentado n'um *Storthing*, mas o seguinte, constituindo depois das novas eleições, é que o discute e o vota.

Todos os projectos constitucionaes são votados pelo *Storthing*, necessitando-se para a sua approvação uma maioria das duas terças partes dos votantes. Depois, o rei emite a sua opinião: se se oppõe a elle, o projecto fica suspenso até ao immediato *Storthing*, em que pôde voltar a obter maioria; o rei pôde continuar a oppôr-se a elle, e em tal caso fica outra vez o projecto para o seguinte *Storthing* e se este o approva, aquelle tem força

de lei, não obstante a opinião contraria do soberano; e d'aqui resulta que um projecto pôde estar suspenso durante sete annos.

Os reis têm feito uso, com muita frequencia, desde 1814, d'este veto suspensivo. Durante setenta e cinco annos não houve na Noruega parlamentarismo, e ainda antes de 1884, não só os ministros não eram membros do parlamento mas não os admittiam ás sessões. Em 1883, precisamente por causa d'esta ultima questão, o rei quiz, por conselho dos seus ministros, oppôr um veto absoluto a um projecto votado pela terceira vez pelo parlamento; mas o *Storthing* declarou por grande maioria que o rei não tinha mais que o veto suspensivo, e o *Rikszatt* (tribunal do reino) condemnou os ministros recalcitrantes a perder as suas pastas por crime de lesa Constituição.

Para se ser elegivel no *Storthing* é preciso ser eleitor, ter 30 annos e estar domiciliado durante 10 no reino.

A Noruega está dividida em districtos eleitoraes urbanos e rurales. Dos 114 deputados que constituem o *Storthing*, 38 são eleitos pelas cidades e 76 pelas aldeias. As assembleias eleitoraes para a eleição no primeiro grau e as que elegem deputados reúnem-se de tres em tres an-

nos e terminam antes de finalisar o mez de agosto. Nas cidades, os eleitores do primeiro grau reúnem-se na casa da camara municipal ou na igreja, sob a presidencia do *magistrado*, e nomeiam um eleitor do segundo grau em cada cincoenta do primeiro. Nas aldeias, o ponto de reunião é a igreja, e é o cura que preside á assembleia, que nomeiará um eleitor do segundo grau em cada cem do primeiro.

O presidente do *Storthing* occupa uma posição muito mais elevada que os seus collegas europeus, porque é o personagem immediatamente inferior ao rei, seguindo-se-lhe logo o presidente do conselho e os presidentes do *Odelsting* e do *Hagthing*.

*

O Palacio do Parlamento, construcção moderna, inaugurou-se em 1866. No interior ha uma grande sala redonda, rodeada de galerias de tribunas de madeira, tapetadas de panno roxo com enfeites doirados. Por cima da tribuna presidencial ha um quadro enorme que representa a assembléa constituinte de 17 de maio de 1816.

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

AO SERÃO

A minha avó contava-me em tempos que já lá vão, com muito carinho e bondade, mil historias, que ora alegravam o meu pequenino espirito irrequieto, ora o affligiam e lhe causavam temôr: sensações que a gente experimenta quando creança, e que nos não deixam dormir socegradamente.

Quantas vezes eu pedi á boa avosinha, que dizia tão bem as historias como fiava o linho, que me não fizesse mêdo! E, como eram sinceras as manifestações da minha alma pura, quando a cobria de innocentes beijos, de seductoras caricias, a recomendar-lhe baixinho esse pedido ingenuo!

As suas historias, ainda que fossem deveras engraçadas e bonitas, faziam sempre eriçarem-se-me os cabellos de pavôr: tal era a impressão de que me achava possuido ao ouvir a voz, bem timbrada e fina, d'essa santa velhinha, que Deus lá tenha muitos annos sem mim.

O seu fim era adormecer-me; e assim, eu, cheio de mêdo, cahia n'uma somnolencia profunda, horrivelmente desfigurada, sonhando com visões phantasticas, com as historias da minha avó querida!

— São bichas, dizia minha mãe affectuosamente, ao vêr-me levantar d'um só impulso e procurar fugir do lado d'ella, horrorisado, n'um desespero louco d'allucinação infantil.

E já não passava a noite sem que a testa me fosse humedecida com vinagre, e a cabeça esfregada com um pouco d'alho, desfeito em azeite da lamparina, que, docemente, allumiava com a sua luz desfallecida e quasi morta, a imagem, symbolicamente esculpida em madeira, de N. S. da Conceição!

A minha avosinha é que ria immenso quando, no dia a seguir, eu lhe contava, a tremer, os meus sonhos da vespera!

*

«D'uma vez — principiou ella assim — Mario, gentil rapaz d'uma alegria vivissima, jurou cego e tenaz amôr á Maria, uma das mais formosas raparigas d'um logarejo proximo, que fervorosamente lhe correspondia com um sincero affecto.

«Primeiros amôres nascidos no acaso, d'uma illusão adoravel, e que se entranham profundamente em nossas almas ingenuas de creança; cousas que, ao tempo, tu bem comprehenderás, meu bom netinho.

«Acariciou fagueiramente a minha cabecita loira, e depois de descançar um pouco, recommçou:

«Muito tempo assim passaram os dois namorados, n'uma adoração constante de completa felicidade, ante-vendo risonhos futuros, flôres viçosas a guarnecer-lhes o caminho da vida.

«N'uma manhã de Maio, ao romper d'aurora, Maria

«contemplava a frescura e a côr das rosas do seu pequenino jardim, e aspirava-lhes o perfume n'uma consolação d'espirito invejavel. O sol vinha ainda longe parecendo sorrir-se, e ella, a linda Maria, extasiada, olhava em redor, no encantador socêgo matutino, os variados prodigios da natureza.

«Cançada, sentou-se á beira d'um pequeno regato, e apoiou nas suas mãos de neve a cabeça tão bellamente cahida no desarranjo artistico dos seus cabellos negros.

«Pensava e estava triste. As avesinhas cantavam ternamente; ella a sorrir olhou o firmamento. Sobre um castanheiro espesso, viu dois passaritos que se beijavam; quasi teve vergonha d'elles e não fugiu para os não amedrontar!...

«A agua no regato corria brandamente, n'um vago rumôr surdo de pacata felicidade.

*

«Maria pensava em Mario, que já não via ha bastantes dias. Disseram-lhe que tinha cahido doente com uma febre que o não deixava levantar.

«E n'essa manhã de maio, quando ella contemplava a frescura e a côr das rosas e lhes aspirava o perfume, Mario exhalava o ultimo suspiro nos labios santos de sua pobre mãe.

«Que dôr a de Maria ao saber da morte de seu noivo adorado! Louca correu a vê-lo; os labios tremiam-lhe n'um vago pronuncio, cheio de desillusão, de perda de esperança, invocando Maria, blasphemando Deus!

«Depois beijou-o ferozmente, avida de amôr, incrivel de desespero e fugiu soltando aos ares, n'uma gargaílhada dilacerante, repassada de saudade infinda, o nome d'elle, o escolhido da sua alma pura.»

Duas lagrimas, graves e muito pezádas, saltaram dos olhos de minha avó, como uma recordação inolvidavel do passado.

.....
Passados tempos, os melhores talvez da minha vida, encontrei a solução ás inesperadas lagrimas pesarosas da boa velhinha que, ao serão, tão encantadoramente me contava as suas historias tristes.

Maria, essa bonita rapariga do logarejo, era ella, a minha propria avó, que, a chorar e talvez sem querer, me narrou d'um folego as sensações e aventuras do seu primeiro amôr, o unico que nunca esquece.

E creio bem que ella, no outro mundo, ainda foi amar, em nupcial convivio, o alegre Mario, o gentil rapaz, que decerto a esperará ancioso n'um esqueletico abraço de união perpetua.

Porto — 1897.

A. CARDOSO.

SCENAS DAS PRAIAS



Pescando



A vêr se pesca...



Já fiz turor no Chiado e na Avenida, arranquei gritos de admiração nos salões... só me faltou vir á Nazareth para ficar um janota completo...

COISAS ALÉGRES

No dia 6 de Outubro de 1846, me parece, havia uma vaga agitação na cidade. Sentia-se que se preparava algum grande acontecimento. O duque de Palmella fôra ao Paço, e parece que alguém lhe dissera que a opinião estava sendo desfavorável á manutenção do ministério. Para lhe demonstrarem a verdade d'esta asserção, chamaram o commandante da guarda e pediram-lhe que expozesse sem receio á rainha o que se passava e o que se dizia nos corpos.

O capitão, convenientemente industriado, observou que effectivamente lavrava na guarnição um profundo descontentamento, que todos lamentavam que o marechal Saldanha, que tanto prestigio tinha no exercito, não encontrasse ainda vago o seu logar de ministro de guerra.

O duque de Palmella, sem responder, meneava a cabeça, e quando o capitão parou disse apenas :

— Sim, senhor! tenho entendido.

O capitão, obedecendo a um olhar do padre Marcos, continuou dizendo que o commercio tambem não estava satisfeito, que a organização da Guarda Nacional descontentára muita gente.

E o duque de Palmella, impassível, meneava a cabeça, e dizia :

— Sim senhor, tenho entendido.

E por mais que o capitão se esfalsasse, por mais que a rainha perguntasse a opinião do duque, nunca lhe puderam arrancar outra phrase senão :

— Tenho entendido.

E tinha, que a demissão não o surpreendeu.

* * *

Eu conheci um rapaz intelligentissimo e espirituoso, Adriano Carlos de Mendonça Arraes, que estivera em Torres Vedras. Doze ou quatorze annos depois, ia elle para Belem com um amigo seu, militar, quando no Caes do Sodrê foi assaltado pelo patrão do barco da carreira de Belem, que o convidava a entrar.

— Mas olha que eu, dizia-lhe Adriano Carlos, com a exuberancia de palavra que possuia, quero partir immediatamente.

— Só faltavam dois passageiros. Entrando os senhores largamos já.

Saltaram para o bote, que effectivamente começou logo a afastar-se da praia.

Adriano Carlos fizera um cumprimento circular, quando deu de repente com os olhos n'um dos passageiros. Apenas o vê grita :

— Pára! atraca já! Quero saltar para terra!

— Mas, senhor... bradava o patrão estupefacto.

— Atraca immediatamente, já te disse.

Não houve remedio senão obedecer. E então Adriano Carlos, já com um pé na amurada, volta-se para o passageiro e diz-lhe :

— Com v. ex.^a nem para o céu.

Era o conde de Bomfim.

Em terra o seu companheiro, que ia fardado, exprobrava-lhe amargamente o procedimento que elle tivera com um general, e que lhe podia acarretar desgostos.

— Cêla-te! dizia-lhe Adriano Carlos, dando-lhe o braço, e com impagavel seriedade. Salvei-te a vida. Bote que leva o conde de Bomfim, vira-se a meio do caminho.

* * *

D'uma occasião entrando Garrett na camara achou Leonel Tavares falando. No momento de abrir a porta, exclamava o orador :

— Senhor presidente, dizem todos os publicistas...

Ignorando absolutamente de que se tratava, o poeta, caminhando para a sua cadeira, disse em voz alta :

— Não são todos.

Sobresaltado com a interrupção, emenda Leonel :

— Senhor presidente, dizem muitos publicistas...

— Tambem não são muitos, replica o cruel interruptor, proseguindo serenamente no seu caminho.

A camara ria já a bom rir. Muito desconcertado, a victima lança ao poeta um olhar indescrível e torna :

— Senhor presidente dizem alguns publicistas...

— Diga quaes são, volve, sentando-se, o implacavel zombeteiro.

— Pois bem, senhor presidente, digo eu...

— Ah! isso agora é outro caso. O senhor pôde dizer o que quizer.

Presidencia, camaras, galerias, rompera tudo em gargalhadas, sem que fosse possível manter-se a gravidade do logar durante alguns instantes.

UM ASSIGNANTE.

SECÇÃO RECREATIVA

O NÓ NA CORDA

Dois companheiros entram n'um botequim para tomarem um refresco; e um d'elles, collocando n'uma meza, em frente de si, um bocado de corda, propõe ao companheiro que resolva este problema: *Pegar em cada extremidade da corda com uma das mãos, e dar um nó ao meio sem que nenhuma das mãos largue extremidade da corda que segura.*

Desejoso de conhecer a solução d'este problema, que parece insolúvel, o botequeiro aproxima-se da meza; faz-se-lhe tentar muitas vezes, mas sem exito, dar o nó sem largar a corda; enfadado declarou a operação impossível. Apostou-se um café. Era ahi que queriam chegar os nossos dois homens.

O chalaceador, que propoz o problema, collocou deante de si a corda esticada, cruzou os braços, pegou com a mão esquerda a ponta da corda da direita e com a mão direita a da esquerda, e descruzando os braços, sem que as mãos largassem a corda,



mostrou aos circumstantes o nó que tinha dado no meio da corda.

A aposta estava ganha. O botequeiro tambem ganhou.

O Riso Amarello

NOVO LIVRO DE

SILVA PINTO

1 volume, no mesmo formato e no mesmo typo dos livros do mesmo auctor *N'este valle de lagrimas*, *Philosophia de João Braz* e *A Queimar Cartuchos*.

Preço d'este volume: brochado 500 réis, encadernado 700 réis

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

GERVASIO LOBATO

Lisboa em Camisa

RIR!

RIR!

RIR!

RIR!

RIR!

RIR!



1 volume de 340 paginas, 2.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 réis, pelo correio 650.

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.

LIVRARIA PEREIRA, rua Augusta, 52 a 54

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

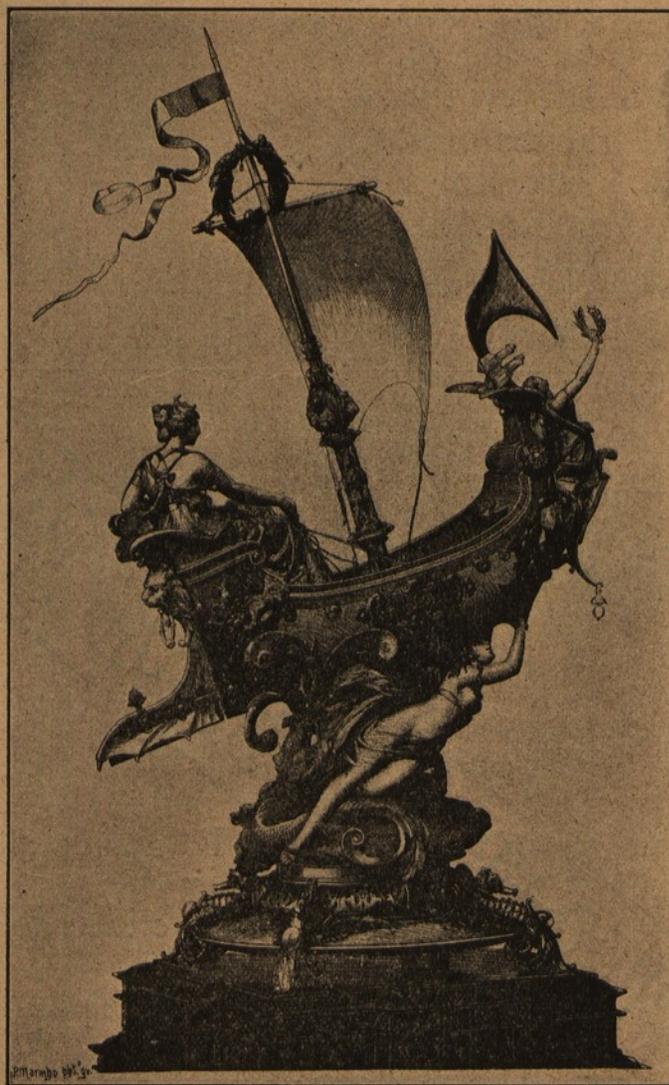
JULIA LOPES D'ALMEIDA

1 Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

Branco e Negro



ALLEGORIA DA NAVEGAÇÃO

PREÇO 40 RÉIS

N.º 78

VELOCIPEDIA PRATICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO
Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.

1 VOLUME BROCHADO 500 RÊIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor — 52 a 54, rua Augusta, 52 a 54



VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

BRANCO E NEGRO

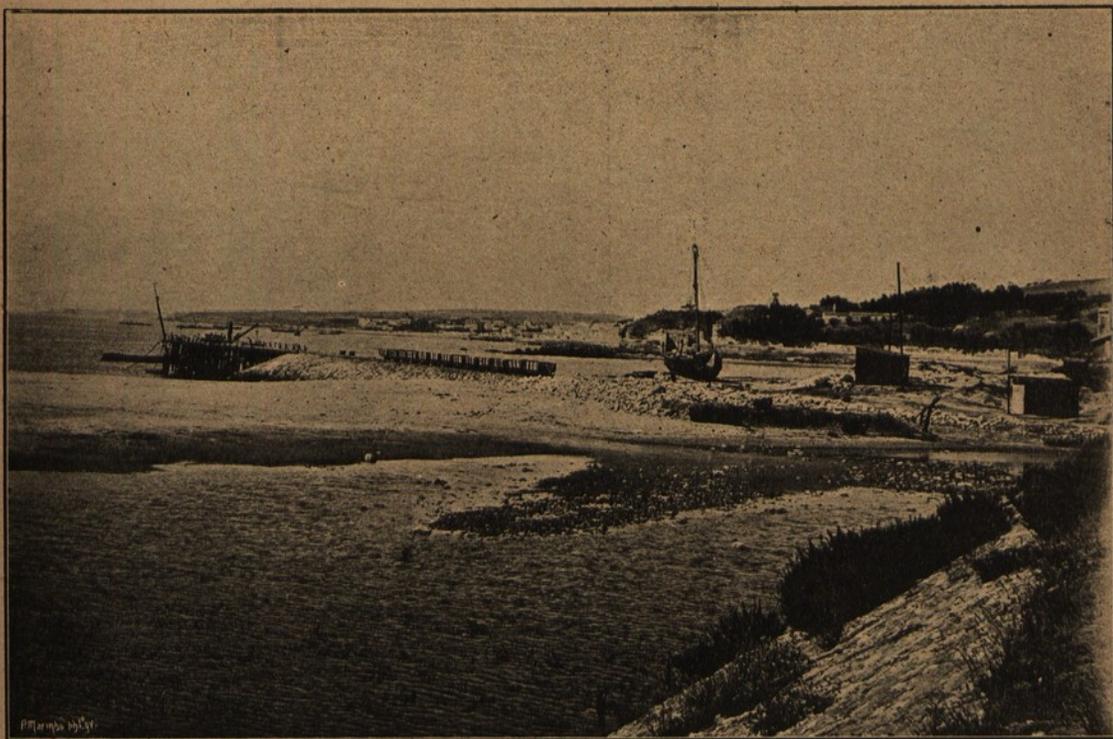
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 78

LISBOA, 26 DE SETEMBRO DE 1897

2.º ANNO

AS PRAIAS—CAXIAS



CAXIAS — A bahia (de phot. de A. Bobone)

A cerca de duas horas, pela estrada real ou a uns 40 minutos, se tanto, pela pittoresca linha ferrea que corre á orla do Tejo, de Lisboa a Cascaes, demora uma pequena povoação, situada á beira de um valle, por onde desce a ribeira de Barcarena: é Caxias.

A povoação de pouca importancia é; mas a aprasibilidade do sitio, a proximidade do Tejo que d'aquelle ponto se gosa em toda a sua plenitude, a serenidade e pureza do ar, a situação abrigada em que se encontra pelo lado do norte, tudo convida a descansar alli.

Assim o vae comprehendendo a população da capital, que, mercê da linha ferrea que corre a toda a encantadora margem do Tejo, tende a alargar-se por toda aquella facha de terreno, de modo que, dentro de breves annos, não será improvavel vêr-se cheia de edificações, de casas e de vida toda aquella orla de terrenos até Cascaes, formando como que um prolongamento de Lisboa; e, construida, que seja a projectada linha ferrea de Cascaes a Cintra, não será coisa impossivel — deixemos um pouco em liberdade a nossa imaginação — vêr-se esse prolongamento da cidade, que parte do lado de oeste, tomar em Cascaes a direcção norte, dar a volta a Cintra e, indo por alli acima, tornar ao sul e vir á capital pela linha de Bemfica; e isto, repita-se, graças á facilidade que a linha ferrea está proporcionando de nos pôr em poucos minutos em communicação com esses ar-

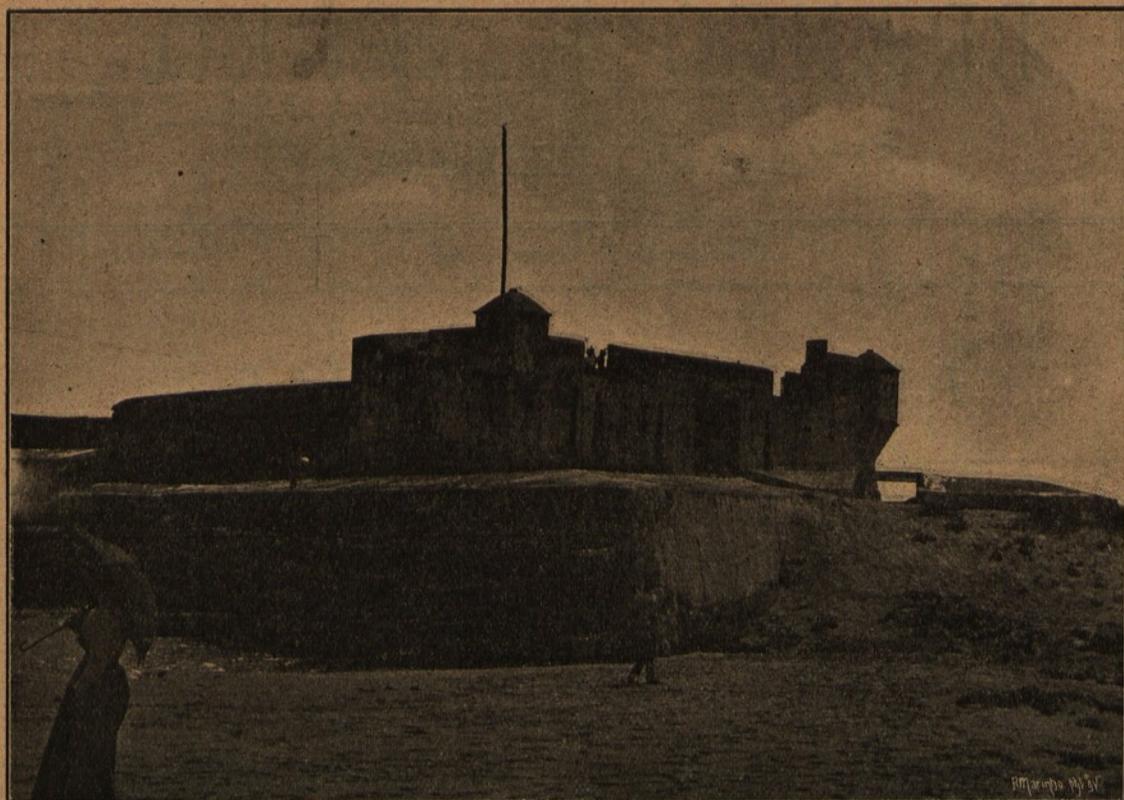
rabaldes, decerto os mais bonitos e pittorescos de Lisboa.

Mas com estes devaneios, lá nos iamos esquecendo de Caxias.

Ha bem poucos annos ainda, ahi por 1874, á entrada da povoação, estava a casa de campo do sr. visconde de Porto Covo, e d'alli para diante poucas casas se viam; d'então para cá, tem-se levantado bastantes edificações, o que tem dado maior desenvolvimento áquelle logar, contando-se já por dezenas as casas situadas á beira da estrada e no largo que precede a povoação.

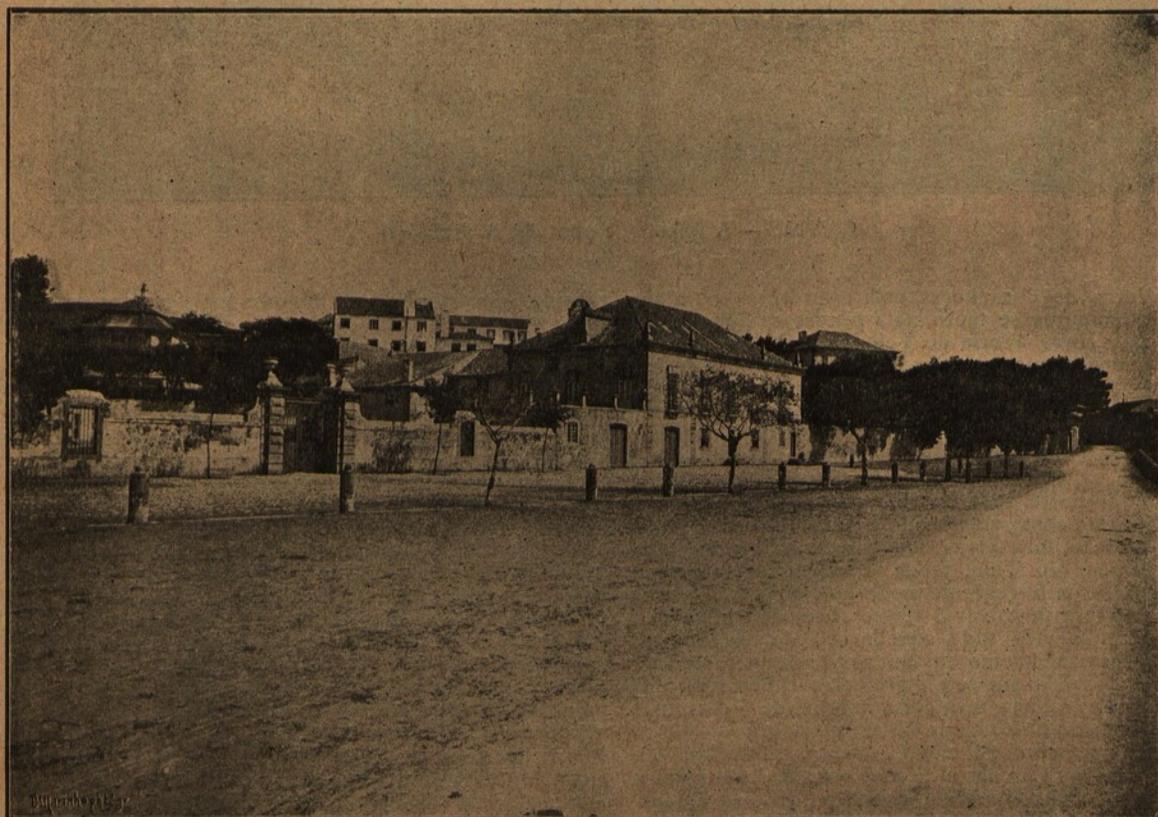
A' esquerda da linha, em frente mesmo da estação do caminho de ferro, ergue-se todo desmantelado, em ruinas e despresado de tudo e de todos, o forte de S. Bruno. Construido á beira Tejo em 1660, por mandado de Affonso VI — o rei sem throno e sem mulher — fazia parte das fortificações de Lisboa; ao tempo da sua construcção, este fortim era cercado de agua, a ponto de, na maré cheia chegarem ás suas muralhas os barcos maiores, e na vasante as lanchas, ficando unido á terra apenas por uma ponta de areia; agora, porém, está completamente cercado de areal, pela tendencia do Tejo a alargar-se para a banda do sul, decerto em consequencia dos continuados aterros, a que, para melhoramento da cidade, se tem procedido do lado de cá.

A' parte oeste de Caxias vê-se uma ponte de pedra, so-



CAXIAS — O forte

bre a qual passa a estrada de Cascaes, construida em 1618, bem como as da Cruz Quebrada e de Algés, á custa da camara de Lisboa e a instancias do frade do convento de Santa Catharina de Ribamar, Fr. Rodrigo de Deus ; é uma ponte d'um arco só e sem grande importancia nem belleza architectonica.



CAXIAS — Largo e fachada do palacio real (de phot. de A. Bobone)

O que dá, porém, maior importancia ao sitio é a quinta e o palacio real, cuja fachada corre á beira da estrada de Cascaes, e que fica voltada ao Tejo, cujo magestoso e variado panorama d'alli se gosa maravilhosamente. O palacio, que é de acanhadas dimensões e que, dada a antiga ostentação da casa de Bragança, nem parece *real*, foi mandado construir na primeira metade do seculo XVIII pelo filho de D. Pedro II, o infante D. Francisco, que, morrendo em 1742, deixou as obras incompletas.

Esta morte trouxe um litigio, pela herança da casa do infante, entre o infante D. Pedro, filho de D. João V, e seu tio D. Antonio; os tribunaes decidiram o litigio a favor do primeiro dos litigantes, e logo que D. Pedro entrou na posse da herança, mandou concluir as obras e bem assim as da quinta, tambem começada no tempo

chamada, porque era essa rua a escolhida de preferencia para os seus passeios, quando esta senhora ia de verão residir para o palacio de Caxias.

O jardim da quinta, ao gosto do seculo passado, tem o cunho dos jardins d'aquella epocha, pela graciosidade e originalidade dos adornos e desenhos a buxo, que se admiram principalmente do alto da cascata, por certo a obra mais grandiosa e mais digna de ser vista de toda a quinta, e cujo aspecto vem reproduzido n'uma das gravuras hoje dadas pelo *Branco e Negro*. A agua d'esta cascata despenha-se n'uma ampla e elegante bacia, a meio da qual se vêem varias figuras pintadas a branco, simulando scenas da mythologia; aos lados extendem-se longas e vistosas galerias, cuja parte inferior é revestida de altas paredes de verdura, com seus nichos ornados de



QUINTA REAL DE CAXIAS — O lago (de phot. de A. Bobone)

de D. Francisco. Mas, apesar de tantos principes terem collaborado n'esta edificação, o palacio ficou, como dissémos, acanhado, apenas com dois pavimentos, um terreo e o andar nobre, sem apparencia, sem grandiosidade, sem nenhuma das qualidades que, nos seculos decorridos, davam um tom de magestade ás construcções reaes.

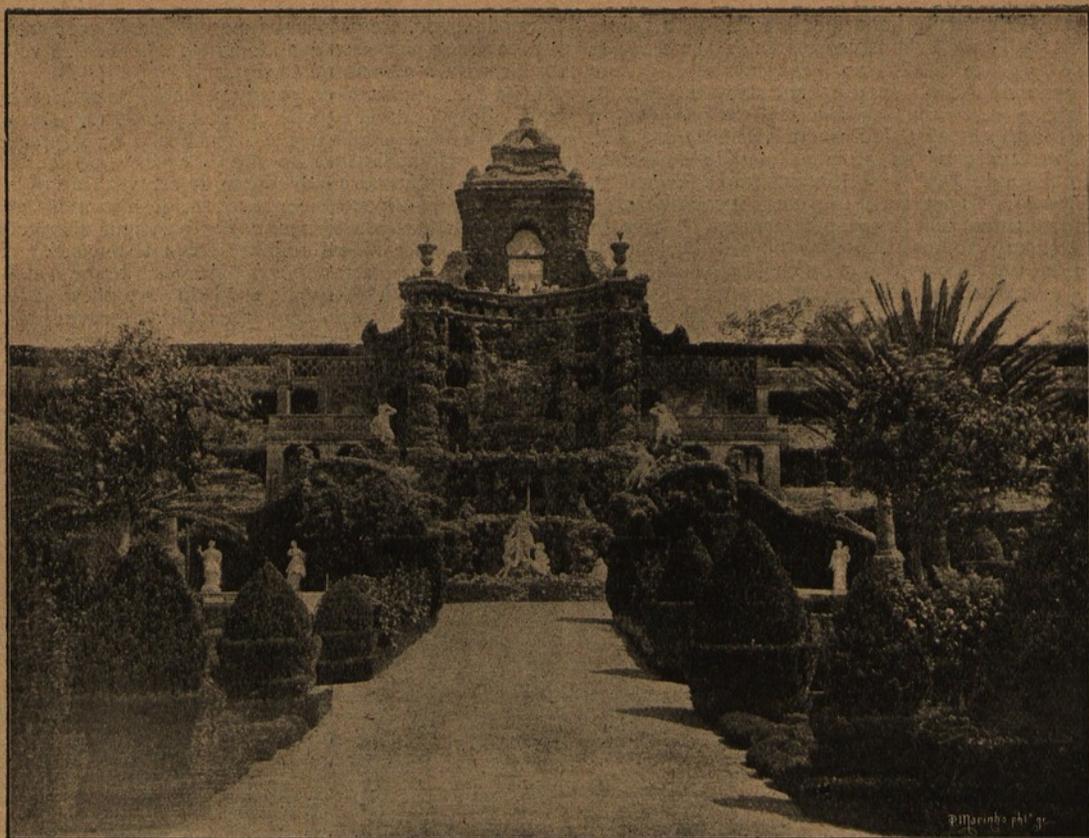
Por detraz da casa de habitação, fica situada a capella, onde ainda hoje, por subscrição aberta entre os banhistas que á praia de Caxias affluem n'esta epocha do anno, se diz missa aos domingos. O palacio era de dimensões tão diminutas que D. Maria II, para dar outro aspecto e mais largueza aos aposentos, adquiriu por compra a casa de Massarellos, um palacio um pouco mais amplo que lhe fica sobranceiro, ao tempo separado da quinta por um muro, mas com a qual agora communica por meio de uma escadaria de pedra.

A quinta, que tambem não é grande, tem comtudo um aspecto de belleza que, não direi que encanta, mas agrada. A vegetação, apesar da muita falta d'agua, é relativamente abundante e torna convidativo um passeio, nas tardes calmosas, debaixo das alamedas, bem assombreadas, como são a das faias, que uma das nossas gravuras representa, a das alfarrobeiras, e a da imperatriz, assim

estatuas e de vasos de flôres. E', como dissemos, a parte mais sumptuosa e mais digna de ser vista, de todas as obras de arte da quinta; em frente d'este lago abre-se uma rua ladeada de arvores e coberta de sombra, que vae dar a outro lago mais pequeno, a meio do qual se levantam duas columnas, reunidas por um capitel unico, encimado por uma estatua de Hercules; n'esse capitel lê-se *Non plus ultra*; effectivamente é n'esse ponto que termina um dos lados da quinta; uma das nossas gravuras representa tambem este lago.

Do alto das galerias da cascata admira-se a magestade do Tejo á esquerda; á direita, vê se, a uns quinhentos passos, a povoação de Laveiras, á qual dá importancia o convento de S. Bruno, dos cartuxos, um dos dois unicos que d'esta ordem existiam em Portugal; o outro era em Evora.

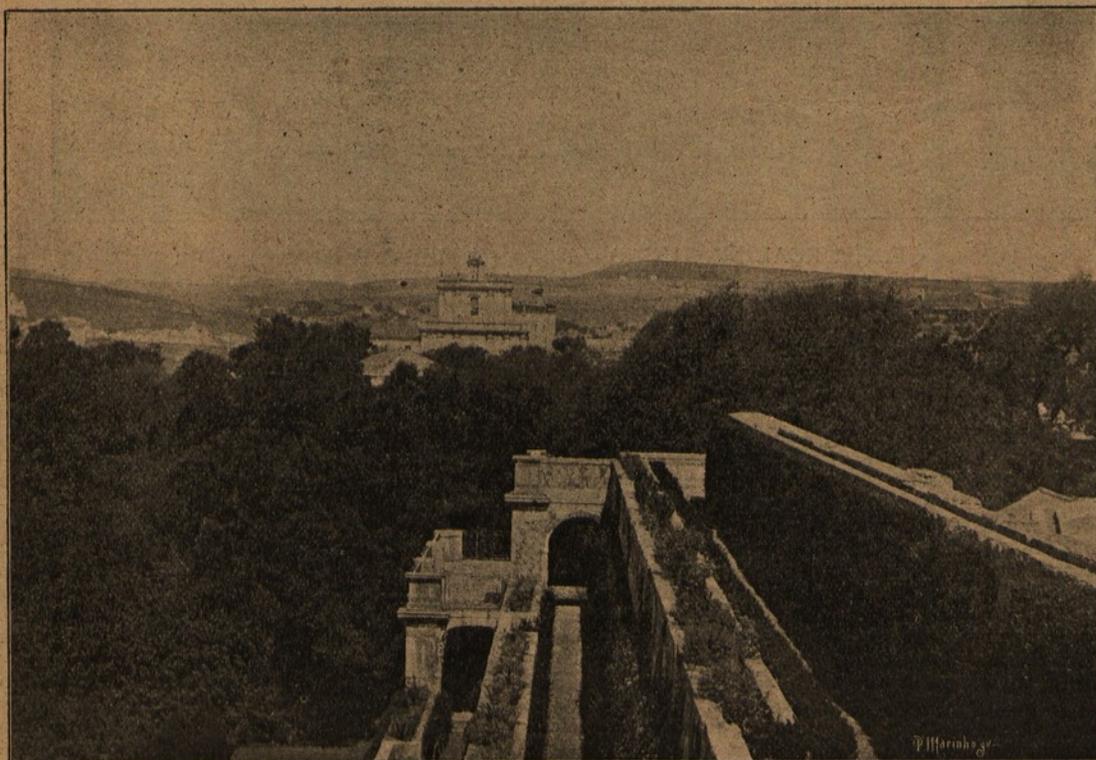
E' magestoso o aspecto da fachada d'este edificio, todo de cantaria. Foi fundado, mas não com tanta magnificencia, em fins do seculo XVI, ahi por 1595, por D. Simão Godinho, senhora de côr, mas de origem nobre; natural de S. Thomé, D. Simão, que era riquissima, casára com um fidalgo portuguez; como ficassé viuva e sem filhos, dispendeu toda a sua enorme fortuna em obras pias, en-



QUINTA REAL DE CAXIAS — A cascata

tre as quaes a fundação d'este convento e a da capella do Santissimo na antiga egreja da Misericordia de Lisboa, agora capella-mór na egreja da Conceição Velha.

Ao convento da Cartuxa, em Laveiras, dava-se o titulo de *Vallis Misericordiae*. Acerca d'este edificio, encontra-se no *Portugal Antigo*

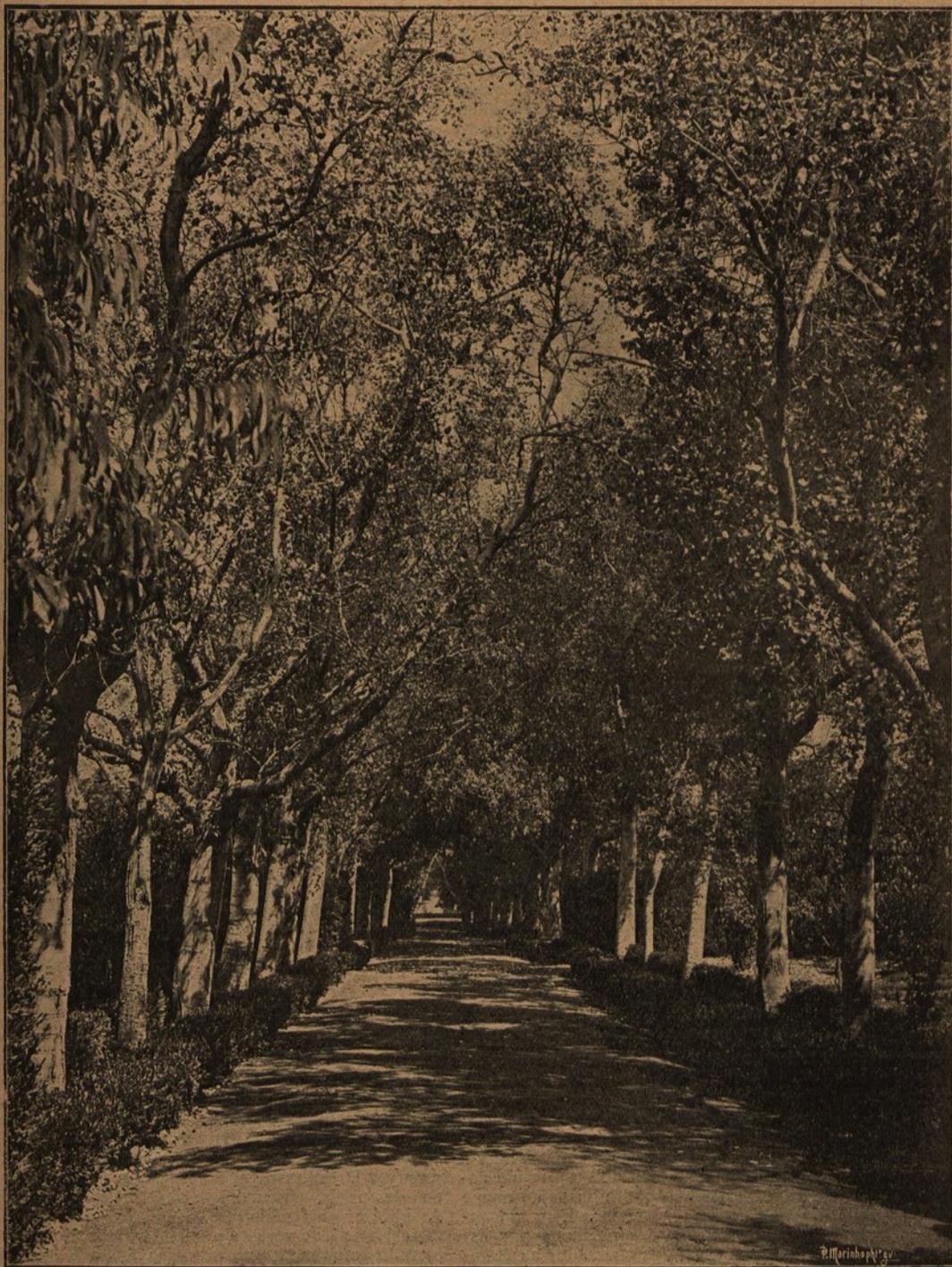


QUINTA REAL DE CAXIAS — Vista da Cartuxa, tirada da cascata

e *Moderno*, de Pinho Leal, apontamentos históricos que, por muito interessantes, para aqui transcrevemos:

«Tendo-se arruinado e sendo pequena a igreja de Laveiras em 1736, reinando D. João V, resolveram edificar

todas as suas imagens, adornos e alfaias, entre isto, os magníficos quadros de S. Bruno, pintados pelo nosso famoso Sequeira, e que existem actualmente na academia das Bellas Artes de Lisboa. A igreja está profanada mas



QUINTA REAL DE CAXIAS — A rua das faias (de phot. de A. Bobone)

nova igreja, cujas obras começaram sendo prior da ordem D. Luiz de Brito, e foram feitas por esmolas, concorrendo o rei com grandes sommas e valiosos donativos. O claustro foi mandado fazer pelo cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa. Depois da extincção das ordens religiosas, foi vendido este convento e em seguida demolido em muitas partes. A igreja foi despojada de

ainda não foi demolida. A regra dos monges cartuxos de S. Bruno era uma das mais austeras. Ainda'alli se vêem as cellas onde os religiosos faziam vida solitaria e contemplativa.

«Cada cella continha tres quartos, todos pequenos, com um hortosinho em que havia uma fonte d'agua corrente. Os jardins eram, no tempo dos monges, separados por

altos muros, pois não era permitido aos religiosos conversarem, nem ver-se, fóra dos actos da comunidade; apenas nas quatro festas do anno se podiam reunir e conversar, certas e determinadas horas. Não recebiam visitas senão do procurador geral, ou do prior, e só para negocios da ordem. Cada um comia na sua cella, onde não entravam criados ou outra qualquer pessoa, além do medico, em caso urgente. Recebiam a comida, ou o mais de que necessitavam, por uma roda (como as das freiras), sem verem a pessoa que lh'a levava. Nunca comiam carne, nem ainda nas mais graves molestias, nas quaes se sustentavam com caldos de kagado, para o que tinham na cerca um grande viveiro d'elles, em um tanque muito vasto. A ordem dos cartuxos de S. Bruno foi instituida

ponto construido o farol de Caxias, de tão uteis vantagens para os homens de mar.

A entrada da povoação ha um deposito de material de guerra, a que serve de guarda um destacamento, alli permanentemente, de artilheria.

Voltando ao palacio e quinta de Caxias: pelas suas limitadas dimensões, eram elles pouco habitados e pouco visitados de seus possuidores; ainda assim sabe-se que o infante D. Pedro depois D. Pedro III, e sua mulher, a rainha D. Maria I, iam lá no verão passar o dia e jantar; mais tarde tambem lá iam com o mesmo fim D. João VI e os filhos. Depois da morte d'este monarcha, em 1826, até 1832, isto é, durante 6 annos, estiveram abandonados quinta e palacio; n'este anno de 1832, é que D. Miguel foi



QUINTA REAL DE CAXIAS — Vista do jardim tirada da cascata (de phot. de A. Bobone).

em 1084, por S. Bruno, natural da cidade de Colonia, em um deserto de Grenoble (França) chamado *Cartouche*, d'onde a ordem trouxe o titulo. Foi introduzida esta ordem em Portugal pelo arcebispo d'Evora, D. Theotonio de Bragança, filho de D. Jayme, 4.º duque de Bragança, em 1587, fundando para esse fim o convento de *Scala Dei*, junto á cidade d'Evora.»

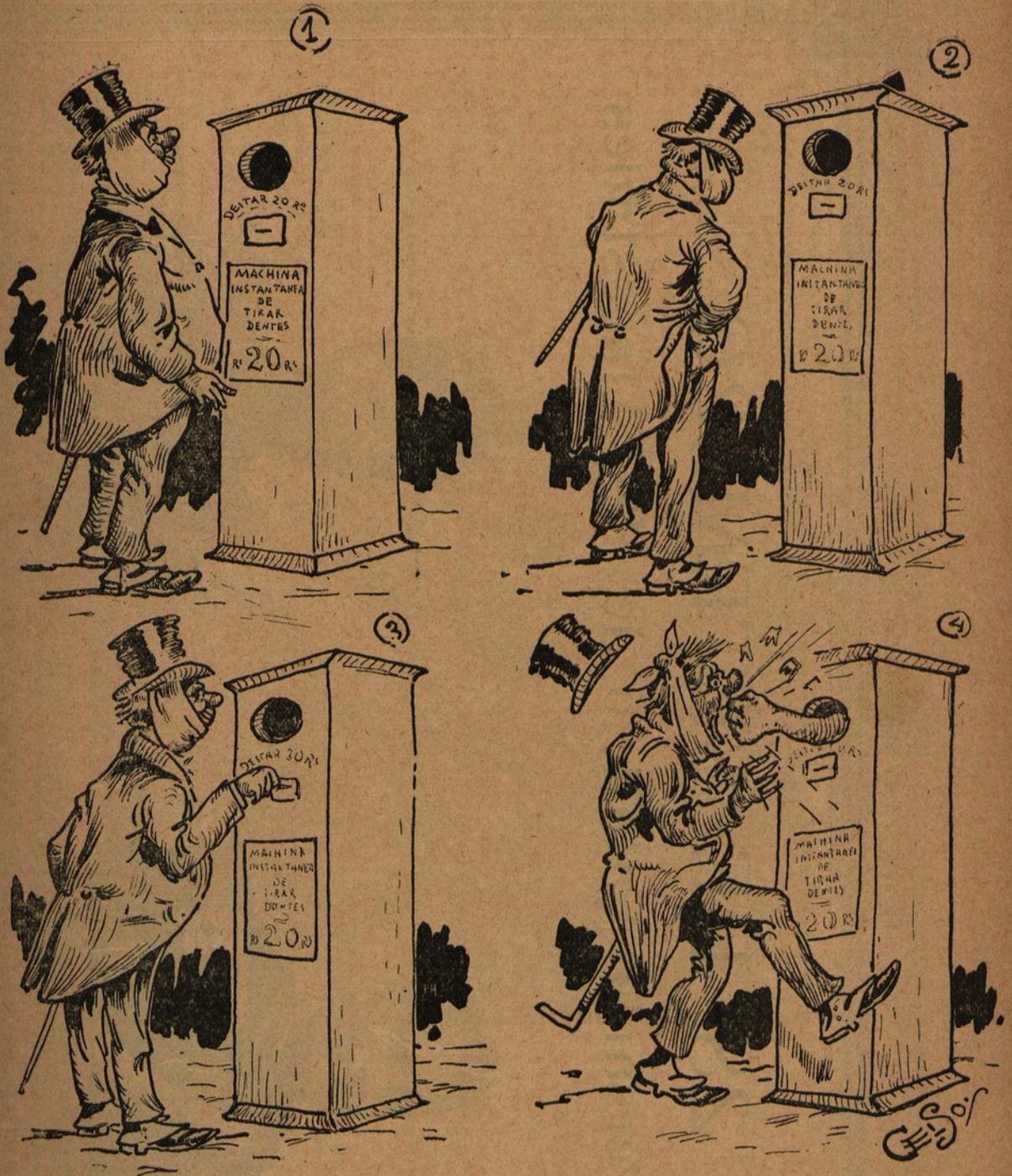
Coisas mais dignas de nota á volta de Caxias, ha um bello mirante, ao lado norte, situado no alto de um comoro, mirante com uma deslumbrante vista de mar e terra, e que é pertença de um particular. Este mirante, uns paredões muito elevados, conhecidos por escadas de Jacob, e dois monticulos chamados as Mamas, são tidos como marcos para os que demandam a barra do Tejo. Não ha muitos annos foi tambem n'este

lá morar alguns mezes; depois de 1834 serviu o palacio de residencia de verão á ex-imperatriz do Brazil, viuva de D. Pedro IV, como acima dissemos. Em seguida á morte de D. Pedro V, e antes de ir habitar para o palacio d'Ajuda, tambem lá morou algum tempo D. Luiz. As ultimas pessoas da familia real que lá viveram no verão foram, no palacio o rei D. Fernando e na casa de Massarellos o infante D. Augusto. Depois d'essa epoca, foi lá uma vez D. Affonso ver a casa; mas achando-a acanhada de mais, dissuadiu-se do intento de a habitar. Assim é que a familia real, como não vive lá, cede-a para residencia de verão a alguns serviçoes de sua casa, habitando actualmente no primeiro andar do palacio o sr. Neves Ferreira, e na casa de Massarellos, o general sr. Folque.

H. MARQUES.



OS GRANDES INVENTOS — A MACHINA DE TIRAR DENTES



NA PRAIA DA SENHORA DAS AREIAS

Minha branca capella á beiramar...
 Diga a Saudade quanto em ti eu penso!
 Na minha infancia viste-me brincar,
 Livre e feliz, no areal immenso...

Quando a luz da manhã, rasgando o denso,
 Veo da noite, alem vinha a despontar;
 Já espregitava o meu ansioso olhar
 Mais esse dia,— então d'um gozo intenso!...

Hoje!... No fundo do sombrio abysmo
 Ouve a prece febril em que ora scismo,
 Minha branca capella á beira-mar...

— A esse que tu viste tão contente,
 Anciando o novo dia avidamente
 — Que não o deixe Deus mais accordar!

28 DE SETEMBRO

Anniversario Natalicio de SS. Magestades



A SUA MAGESTADE A RAINHA

Quand même

Déjà no fazel a assim, tão generosa e boa,
 Não-lhe faltar que um solto e mudo que dos dias
 Bens que embora passos e d'uma luz suprema,
 Jámais hão de valer es'outra eterna c'roa.

A Bondade sem par, absoluta, perfeita,
 Que lhe circumda a fronte e lhe illumina o olhar !
 Por isso quando até deixasse de reinar
 Era rainha, e então por todos nós eleita...

AFONSO VARGAS.

Passa no dia 28 d'este mez o anniversario natalicio de S. S. Magestades. Não podia o Branco e Negro deixar passar despercebida esta data de grande regosio nacional, para todo o portuguez amigo da monarchia, sem prestar a sua mais respeitosa homenagem de congratulação por esta solta acontecimento.

As paço dos nossos reis, em festa n'esse dia, concorre a romaria dos portuguezes que, ou pela fidalguia do seu sangue ou pela elevada posição alcançada pela intelligencia e por honrosos serviços ao paiz, ali tem carta branca de entrada. Ha, porém, muita gente que, sem gozar essa regalia, de longe abençoada do fundo do coração esses que, embora collocados em tão alta posição, tanta amargura tem mitigado, tanta liberalidade tem prodigalizado, dando assim realce inda maior ao seu papel de soberanos.

Sabe-o muito bem Sua Magestade a Rainha, porque lh'o hão de ter dito o respeito e a veneração com que é acolhida em toda a parte. Mãe e Mulher, tem sabido gravar no coração dos portuguezes uma recordação indelevel da sua passagem pelo throno, como um astro fulgurante de belleza e radiante de bondade — essa bondade que não se adquire pelo habito de um papel a representar, mas que desabrocha innata na alma. Ella é a Bemdita que paira acima da desgraça dos povos, enxugando-lhes as lagrimas, deitando um balsamo em todas as feridas que sangram, acudindo a todas as miserias, parando a todas as portas sacudidas pelos Infortunios, entrando em todos os lares onde das cinzas frias não salta uma scintilla de calor; ella aconchega ao seio os infelizes, dá o sorriso ás creanças e ás mães, faz da viuveza desolada de uma casa um paraizo de luz, e consegue verter nas almas esse sagrado mel da consolação e do allivio.

Ao seu lado, como scintillante resplendor, tem os dois filhos da sua carne e da sua alma, dupla maternidade inapreciavel! E é reverendo-se n'elles, nos seus claros olhos azues de porcelana, é passando-lhes as patricias mãos pelos annellados cabellos cor de ouro, que ella mais pensar, ainda, n'ess'outros que já não tem mãe, e vivem sem affagos nem caricias, ao sabor da Sorte.

As nossas respeitosas felicitações aos dois soberanos pelo dia do seu anniversario.

A REDACÇÃO.

Homenagem a Suas Altezas



DESENHO DE VALLE E SOUSA

A Sua Alteza Real o Principe D. Luiz

Tem ao passar vossa alteza
 A graça esbelta, a belleza
 D'uma tulipa real;
 E assim tão loiro e tão fino,
 Faz lembrar um pequenino
 Pagemito medieval!

As fadas, que amam os pagens,
 Dizem por entre as ramagens
 N'um murmuro extasiado:
 «Como é lindo o pageminho!
 «Deus que o creou tão bonito
 «E' porque o quer bem fadado.
 «Ao vê-lo ninguém se illude:
 «Terá talento, saude,
 «A vida larga e feliz;
 «Coração de fina raça,
 «Desbravará a desgraça
 «Que cresce no seu paiz!

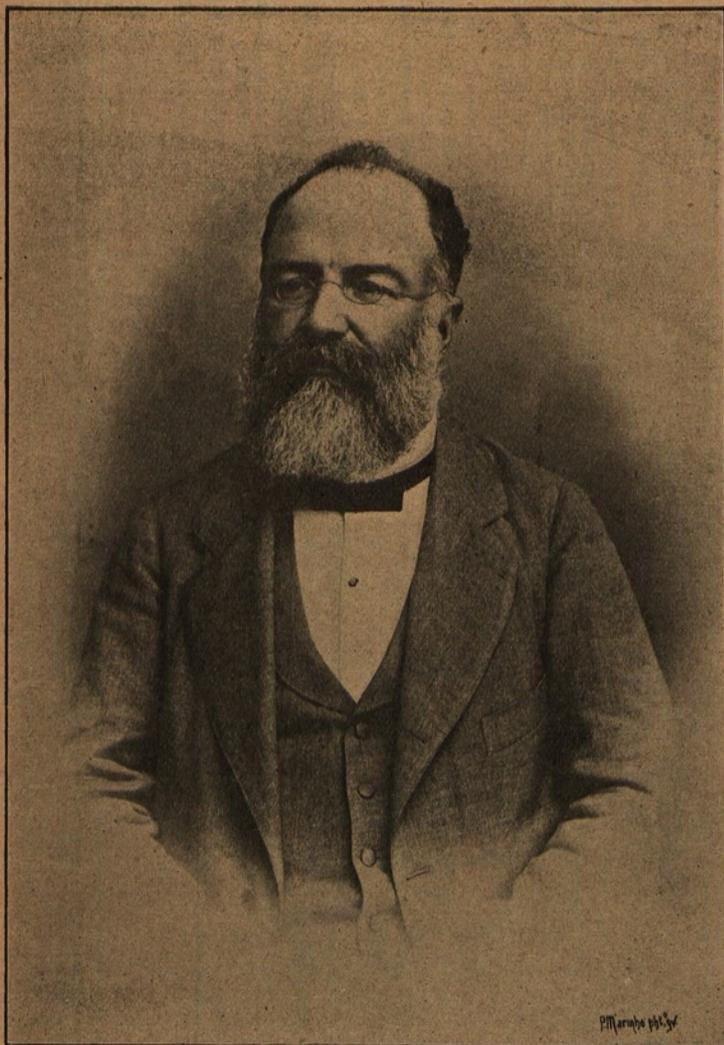
«Ha de ser bom e valente,
 «Como herdeiro e descendente
 «Dos mais preclaros heroes;
 «Quando um dia resplandeça,
 «Terá aguias na cabeça
 «E no peito rouxinoes.
 «Hão de render-se captivo
 «Os corações mais altivos
 «E as mas austeras bellezas,
 «Quando elle, principe em flor,
 «Oscular galanteador
 «As finas mãos das princezas.

E as fadas enternecidas
 D'entre as acacias floridas
 Repetem de cada lado:
 «Como é lindo o pagemito!
 «Deus que o creou tão bonito
 «E' porque o quiz bem fadado!»

CONDE DE MONSARAZ.

HOMENS ILLUSTRÉS

DR. FRANCISCO MARIA DE LIMA NUNES



MEDICO distinctissimo, jornalista primoroso, espirito subtil, aberto a todas as emoções do bem o dr. Lima Nunes é uma das individualidades mais salientes da formosa cidade da Figueira, de que é filho adoptivo e onde é geralmente considerado e estimado.

No exercicio da sua profissão, tão util como melindrosa, o distincto clinico figueirense tem affirmado exuberantemente as suas altas qualidades medicas que já o haviam distinguido como discipulo nas aulas do nosso primeiro estabelecimento scientifico, onde o seu talento foi galardoado com algumas distincções.

Dedicando parte da sua attenção ás lides da imprensa evidenciou em trechos de vibrante prosa que as suas aptidões jornalisticas não eram inferiores ás que revelava como medico; quem possuir o *Michaelense* de Ponta Delgada, a *Gazeta da Figueira* e o *Correio da Figueira* póde bem avaliar pelos primores do estylo a sua competencia como escriptor.

Ha porém uma qualidade no seu espirito que sobrepuz todas as outras: o seu amôr pela familia e pela humanidade.

Filho de paes humildes, educado n'uma atmospher

pura e sã, o dr. Nunes é o prototypo do chefe de familia ao mesmo tempo que é o protector de todos os desgraçados que imploram a sua caridade e que es-pargem mil benções sobre o lar de tão prestante cidadão.

Nascido em Coímbra aos 25 de setembro de 1840 o nosso illustre biographado frequentou com distincção o lyceu da sua terra natal, e matriculou-se em 1856 na faculdade de mathematica e philosophia, passando em seguida á de medicina, onde se formou em 1864, obtendo um premio que juntava aos *accessits* que já havia alcançado no 3.º e 4.º anno de medicina.

Começando a sua carreira em Montemor-o-Velho, em cujo partido medico havia sido provido por concurso, sahiu d'alli pouco tempo depois para Cintra, e em junho de 1867 embarcava para os Açores, em direcção á Ilha de S. Miguel.

Conquistou alli innumeradas sympathias na qualidade de medico d'um dos partidos de Ponta Delgada, e operou curas felizes que exalçaram o seu merecimento como clinico.

Casando alli em 1868 com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Francisca Hintze Ribeiro, irmã do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, regressou o dr. Lima Nunes á metropole em 1869.

Chegando ao reino exerceu clinica em Alcobça, e em novembro de 1871 era provido em um dos partidos de medicina da Figueira da Foz, onde reside portanto ha 26 annos.

Em 1887, ajudava a lançar os fundamentos da *Gazeta da Figueira*, que redigiu apenas seis mezes, e onde consolidou os seus creditos de jornalista dextro que já havia conquistado nos Açores.⁽¹⁾

Em 1888 fundou o *Correio da Figueira*, de que foi director um anno, o unico que durou o jornal.

Ao distincto jornalista tem merecido particular interesse a industria da Figueira, tendo nós conhecimento d'alguns dos seus artigos sobre tão importante assumpto; de um d'elles, epi-graphado *Industrias Figueirenses*, apraz-nos transcrever estas palavras de verdade com que o remata:

"...Do nosso «observatorio» temos percorrido com a vista quasi todo o horisonte. Falta-nos a parte que a principio nos feriu pelas costas. Olhando-a, vemos um enorme plaino, semeado de casas e de montinhos brancos reluzindo ao sol. E' a Murraceira, com os seus armazens em que recolhe o sal que acaba de ser amontoado nas marinhas. Industria curiosa e que á primeira vista parece extraordinariamente simples a de extrahir da agua do mar o principal dos corpos que ella tem em solução. E todavia, que de trabalhos e cuidados, sem os quaes se atrasa ou inutilisa, aquella tão simples operação!

E' importante o producto das nossas marinhas, como

(1) O dr. Nunes fez as suas primeiras armas como jornalista na Ilha de S. Miguel, onde fundou o *Michaelense*, semanario de Ponta Delgada de que foi redactor durante um anno.

Na Figueira o dr. Nunes tem dedicado as breves horas que lhe dispensa a sua ardua e trabalhosa vida, escrevendo artigos e correspondencias que tem visto a luz da publicidade no *Commercio do Porto* e no *Continu-bricense*.

importante é a influencia que ellas teem na economia dos *marnoteiros*, ou pessoal que d'ellas cura e em cuja producção é directamente interessado.

.....
Não falamos das industrias menos importantes, deixando por isso de citar as officinas de sapataria, as de violeiro — d'onde sahe a plangente e inimitavel guitarra — de marceneiro, de chapelleiro, etc.; mas devemos apontar a notavel aptidão do artifice figueirense. Sem escolas profissionaes (1), sem modelos, sem auxilio da mechanica moderna representada nas forjas e nas ferramentas, o artista da Figueira executa os seus trabalhos com notavel perfeição que o tornam distincto entre todos os da sua classe.

De que será elle capaz quando tiver instrucção e meios — quer em dinheiro, — quer em credito ?»

E' o dr. Nunes que tem concorrido para que a industria da Figueira se tenha feito representar nas differentes exposições nacionaes e estrangeiras, tendo desenvol-

vido sobretudo extraordinaria actividade para que a Figueira concorresse brilhantemente á exposição districtal de Coimbra de 1884.

O dr. Lima Nunes, que foi sub-delegado de saude do concelho da Figueira, desempenha hoje o logar de guarda-mór de saude do porto da Figueira, dando provas d'um zelo verdadeiramente singular.

Saudando o nosso presado amigo, que vê passar hoje, 26, o seu anniversario natalicio, deixamos aqui consignado o nosso testemunho de sympathia pelo homem e de admiração pelo medico.

Figueira, 25 de setembro de 1897.

A. JULIO VALLE E SOUSA.

(1) Este artigo a que nos reportamos foi escripto pelo dr. Nunes em tempos anteriores á fundação da escola D. Luiz I.º, hoje extincta, e á escola industrial Bernardino Machado, fundada em 1894.

ABYSSMO

(A meu padrinho o grande poeta Guerra Junqueiro)

Choras ? pois inda duvidas
que das nossas duas vidas
só resta a tua ? Não vês
que deixei nos espinhos do caminho,
solto, rasgado, impuro, todo o arminho
da tunica... e o pranto
lá me ficou tambem
beijando a esteira d'oiro dos teus pés ? !

Andei dias inteiros no deserto
pedindo ás solidões a sepultura ;
perguntei ás voragens se ha ventura
na paz cavada, alli, longe do mundo ;
interoguei os ventos,
escutei os rugidos do oceano,
e nem um som profano,
e nem um só lamento,
quebrou aquella dôr !...
A mesma luz ao perto...
ao longe o mesmo sol !

Olhei, mas com que olhar !
a lividez sombria
d'aquelle ceu que ria
ao longe para mim ;
Lembrei-me das saudades esfolhadas
no chão do teu pomar,
da luz d'aquellas frescas madrugadas,
das aves da avenida,
das flores da tua cella,
do amor da nossa estrella,
do nosso amor e vida ;
beijei tudo o que amamos, e, sósinho,
resei as orações que m'ensinaste,
na campa de tua mãe, onde ajoelhaste...
eu ajoelhei tambem...

Ai, mulher ! nunca saibas quanta dôr
se aviva na saudade !
E tu, que já soffreste a orphandade,

não soffras tu nunca a viuvez
e não saberás, talvez,
como se morre assim de tanto amor !
Saudade ? ! sim ; que t'importa
quem veiu de longe vêr
a nossa infancia já morta,
porque a deixaste morrer.

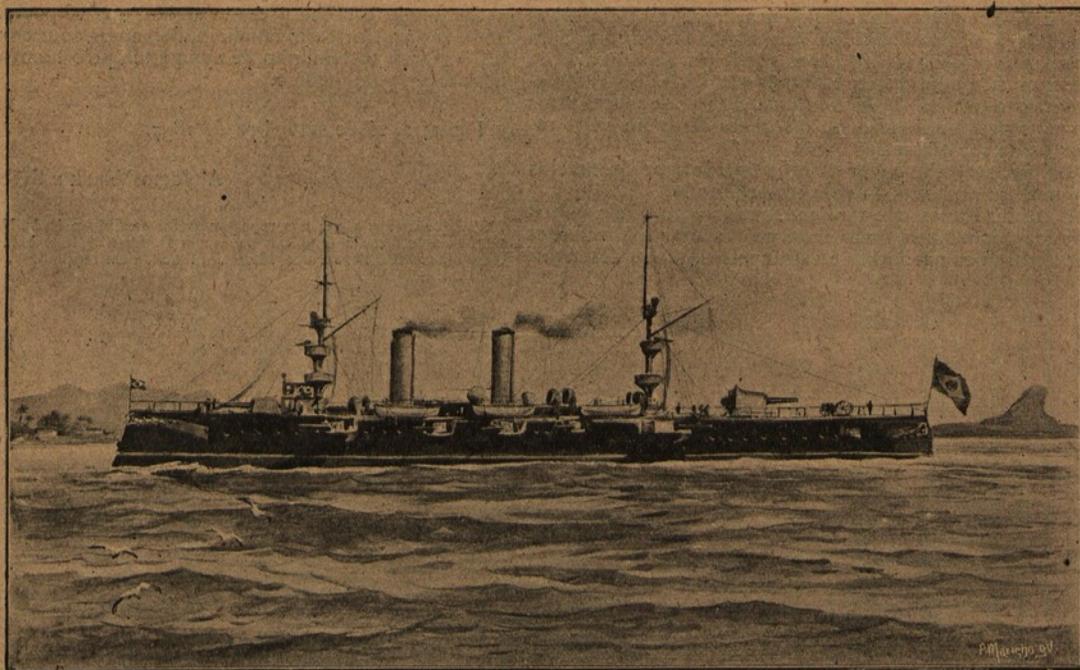
Ha tres dias n'aldeia, e tu, sem vêr-me !...
Vaes, suspensa do braço do teu noivo,
pelos ermos caminhos da deveza
esmagando a sorrir a esp'rança presa
que deixei ha dois annos, fria, inerme,
nas moitas dos rosaes.
Ouves as aves a chilrear em bandos,
colhes no seio a flôr da madrugada,
e não vês que ao cortar a malfadada
ella e eu desatamo-nos em ais !

Foi nossa a pobre flôr ; levamos-lhe agua
da mais proxima azenha,
e agora, quem a amou causa-lhe magua,
e agora, quem a amou, é que a desdenha.
E o teu noivo sorri ; pelos outeiros
correis como as creanças com desejos
d'achar a borboleta,
e não vês na ramagem dos pinheiros
a sombra dos meus beijos,
beijos que tu me deste e me pediste...
não te assaltam alli, e do teu crime
te falam com rancôr.

Maldito eu fui então ! n'aquella hora
eu podia apertar-te contra o seio
manchar-te, abandonar-te, sem receio
que ouvisse o povoado,
o grito suffocado
da tua grande dôr : —
Grande porque te davas por amôr,
e assim só te vendeste a oiros vil !

MARINHA DE GUERRA ESTRANGEIRA

OS NOSSOS HOSPEDES



O CRUZADOR BRAZILEIRO «ALMIRANTE BARROSO»

ESTEVE fundeada no Tejo e já levantou ferro a esquadra hespanhola; e ainda alli se encontra o couraçado brasileiro *Almirante Barroso*.

Nós, portuguezes, irmãos e amigos das duas nações representadas agora nas nossas aguas pelos seus mais poderosos navios, não podemos deixar de nos congratularmos pela visita agora feita ao nosso paiz.

A Hespanha, cujas tradições honrosas a historia nos legou em paginas brilhantes, é a nação onde o patriotismo alcançou os maiores fóros de abnegação e sacrificio. No meio dos maiores infortunios, ella soube sempre manter acima de tudo a noção do civismo e dar ao mundo civilisado o espectáculo de uma união até hoje nunca visto. A guerra de Cuba, apezar de arrastada, morosa e contraproducente — porque virá o dia, certamente, em que aquella colonia se tornará livre da tutela dos hespanhoes, — tem sido comtudo a maior prova de patriotismo dada pela nação visinha, sem distincção de côres politicas. Sacrificaram-se e sacrificam-se ainda milhares de vidas; o thesouro tem exaurido os seus recursos; e no emtanto, a nobre Hespanha congrega a cada passo os ultimos esforços e n'um derradeiro arranco da sua altiva dignidade pretende reivindicar direitos que o passado lhe legou.

Honra, pois, a ella que no meio da meada de intrigas em que os outros paizes se debatem, soube conquistar um papel preponderante e dar-nos o exemplo de que muito póde a união de todo um povo, quando essa união tende a não deixar-se expoliar do que lhe pertence, sem se defender até á ultima gotta de sangue.

O Brazil, a nós ligado por tantos laços d'amizade, falando a mesma lingua, e com interesses tão presos aos nossos porque alli vivem milhares de portuguezes que impulsionam o seu commercio e a sua industria com o seu trabalho e a sua actividade infatigavel, mereceu sempre e merece-nos a maxima sympathia, a despeito do que alguns naturaes tenham escripto e dito em nosso desfavor, tentando envenenar essa amizade e chegando mesmo a provocar conflictos contra portuguezes em terras brasileiras.

Hoje que um dos seus couraçados deitou ancora no nosso Tejo e aqui estaciona, cumpre-nos saudar d'aqui

na pessoa dos seus bravos marinheiros toda a nação brasileira que é metade da nossa familia em terras d'além-mar.

O cruzador *Almirante Oquendo*, é de 7:000 tonelladas, protegido, e foi construido em 1891 nos estaleiros de Bilbao. O seu comprimento entre as perpendiculares é de 340 pés, tendo 65 de bocca; o tirante de agua maximo é de 21 pés e 6 pollegadas. Tem dois helices, 20 milhas de velocidade e a força de 13:000 cavallos: custou 600:000 libras. Tem uma faixa couraçada de aço da espessura de 12 pollegadas e convez tambem de aço com 3 pollegadas de espessura.

O armamento comprehende: 2 peças de 11 pollegadas, 10 de 5,5, systema Hontoria; 8 de 2,2 de tiro rapido; 8 de calibre de 1,4 pollegadas, 2 metralhadoras e 6 tubos lança-torpedos. O aprovisionamento de carvão é de 1:200 tonelladas. A guarnição de 500 homens.

Os cruzadores *Vizcaya* e *Infanta Maria Tereza* são exactamente do mesmo armamento do *Almirante Oquendo*, tendo, porém, aquelles 21 milhas de velocidade.

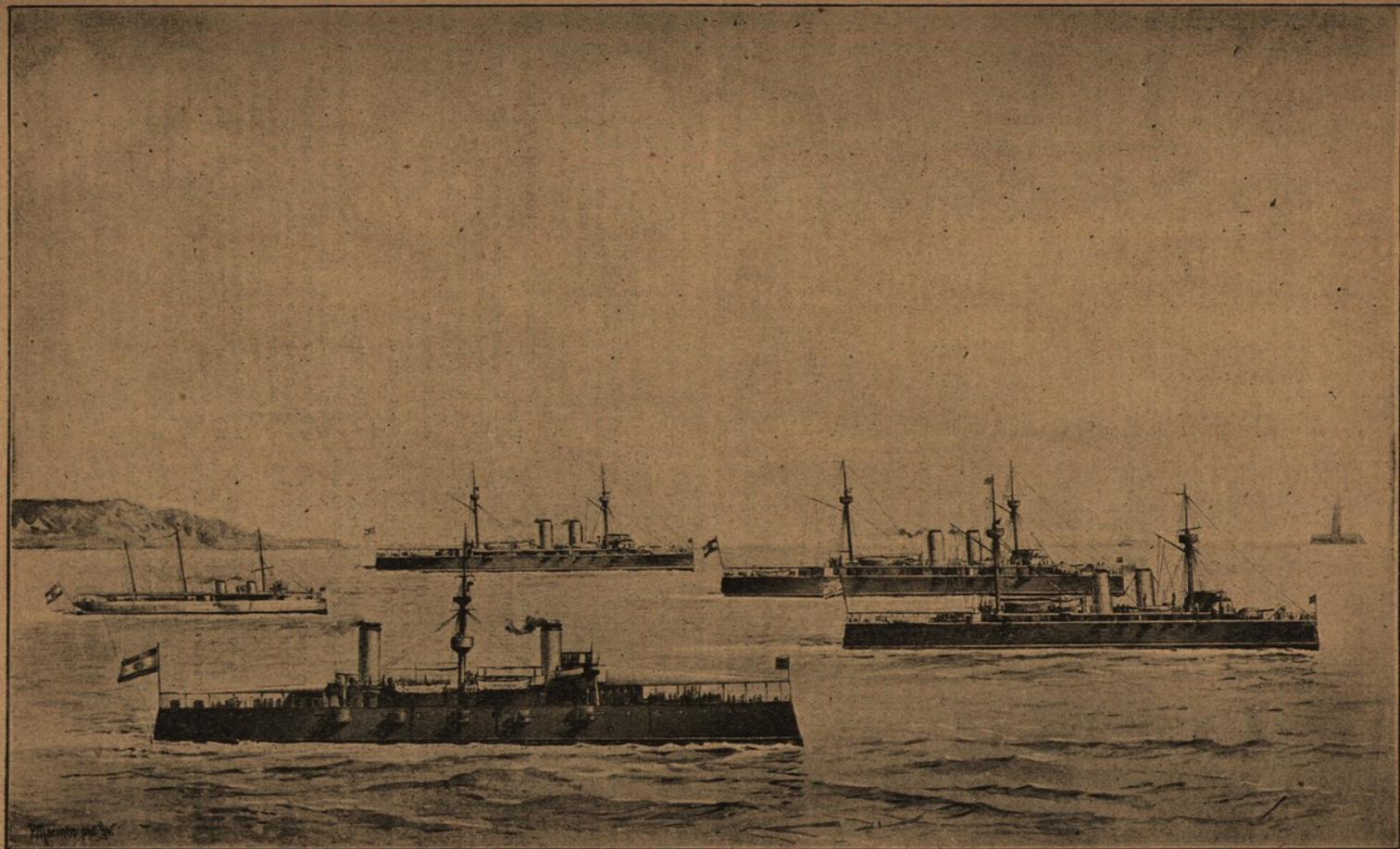
O cruzador *Cristóbal Colon* é d'aço, protegido, com um deslocamento de 6:840 tonelladas. Foi construido na Italia em 1896. Tem de comprimento 328 pés; bocca, 59 pés e 8 pollegadas; tirante d'agua maximo, 24 pés; força da machina, 14:000 cavallos. Tem 2 helices e uma velocidade de 20 milhas. O aprovisionamento de carvão é de 1:000 tonelladas.

O armamento consta de 2 peças de 10 pollegadas, 10 de 6, tiro rapido, 6 de 4,7, 10 de 2,2, 10 de 1,4 e 2 metralhadoras. Dispõe de 4 tubos lança-torpedos. A espessura da cintura couraçada é de 6 pollegadas. Tem 450 homens de guarnição.

O contra-torpedeiro *Destructor* desloca 45,8 tonelladas. Tem de comprimento 192 pés e 6 pollegadas; bocca, 25; tirante maximo d'agua 7; força das machinas, 3:890 cavallos, tendo 2 helices, e a velocidade 20,56 milhas. Tem 1 peça de 3,6 pollegadas de calibre e 4 de tiro rapido de 6 *pounder*, 4 metralhadoras e 3 tubos lança-torpedos.

O aprovisionamento é de 104 tonelladas de carvão.

A esquadra hespanhola sahindo à barra de Lisboa



415

CONTRA TORPEDEIRO DESTRUCTOR

CRUZADOR ALMIRANTE OQUENDO
CRUZADOR CHRISTOBAL COLON

CRUZADOR INFANTA MARIA TERESA
CRUZADOR VIZCAYA

LITTERATURA BRAZILEIRA

MISSA DO GALLO

(Ao meu filho Arthur)

I

N'AQUELLE anoitecer quente de Dezembro,—era vespera de Natal,—quando começou o movimento nas ruas da aldeia, cheias de camponios que tinham vindo das serras, ás festas, já eu—um pirralho de seis annos,—estava prompto para a missa,—sapatinhos de verniz com fivellas, jaqueta com cabeção bordado e calças de belbutina—uns canudinhos de palmo e meio, com suspensorios.

Queria ir á missa do gallo e alli estava á espera, esforçando-me para não tornar-me presa do somno, como acontecera o anno passado, em que me deixara ficar na quinta, a admirar, em companhia da avósinha, que, velha e alquebrada, não podia mais com aquellas africanas, emquanto a familia toda,—o papá, a mamã, a tia Celestina e os manos tinham ido para a missa, na egrejinha branca, lá no alto do outeiro.

Não. Aquelle anno eu havia de ir tambem á missa ver o presepe, os pastorinhos e o menino Jesus deitado na lapa, e ouvir o gallo cantar na hora mesmo da meia noite, como o mano João vinha sempre contar-me no dia seguinte, com grandes gestos de orador, lá no laranjal da quinta, enquanto armava arapucas aos sabiás, em companhia dos meninos da visinhança.

Para que o somno não me prendesse d'aquelle vez, deixei-me ficar n'uma cadeira da sala de visitas, olhos arregalados, ouvindo as conversas da familia com as visinhas Guimarães,—as ruidosas Guimarães, que n'uma tagarellice ensurdecadora se entretinham, esperando a hora da missa.

Um instante, senti que as luzes iam-se apagando a pouco e pouco e que a voz das Guimarães, da manã, e da mana enfraquecia gradualmente como a falla de pessoas que se vão afastando lentamente. Então, sacudi-me todo, n'um terror, julgando-me abandonado.

Olhei espantado em torno,

As velas do toucador espalhavam fartamente sua luz pallida pela casa. As visinhas alli estavam na mesma posição, na mesma tagarellice com a gente de casa.

Deixei-me, então, ficar com o olhar somnolento pregado ás jarras do toucador movimentando-me, beliscando-me, martyrisando-me para não dormir.

De repente, á luz amarellada das velas, meu olhar de somnambulo viu as rosas e os cravos assumir fórmas gigantescas: as petalas enormes, rubras e frescas, toram, pouco a pouco, occupando toda a sala, apagando as luzes e abafando as vozes. Passou-me por deante dos olhos, entenebrecendo tudo, uma sombra doce e pesada.

Era o somno que me envolvia no escuro manto carinhoso.

Minutos depois, quando pela casa em treva o relógio da sala espalhou as vibrações da meia noite, dormia eu beatificamente na minha caminha de ferro, no quarto da vovósinha, que, cada vez mais velha e alquebrada, já não podia com aquellas africanas e tinha-se deixado ficar em casa a resar suas contas, enquanto o papá, a mamã, os manos e as eloquentes Guimarães tinham partido alegremente para a missa do gallo, lá na egrejinha ao alto do outeiro.

Accordei tarde, quando o quarto estava já todo alagado no diluvio doirado do sol, a coar a luz clara a travéz das vidraças descidas.

Tinha perdido a missal

Ail... ail... Saltei furioso do leito, com pragas hediondas na bocca, arrependendo-me lamentosamente, n'um pesar ruidoso e damnhinho, manifestado na quebra de peças de louça e dilaceramento das vestes.

Rejeitei amendoas e bolos e fui, n'uns soluços grandes, estirar-me sobre o relvedo orvalhado da horta, repudiando, inconsolavel, os affagos e promessas da familia, insultando furioso a titia, que penalizada deante d'aquelle dôr, «d'aquelle grande dôr sagrada,» me promettia uma caixa cheia de soldadinhos de chumbo, d'aquelles da loja do Capitão Liborio.

II

Passou-se um anno e estavamos outra vez na vespera do Natal, na noite da desejada missa do gallo.

No dia antecedente havia morrido a Maria Ignacia da

Fonte, aquella pobre mulher que morava n'uma casinha lá perto do ribeirão, junto de uns coqueiros onde eu, muita vez com o mano, tinha ido colher fructos nas serenas tardes aldeãs.

De manhã, estava eu á porta da quinta, quando passou o funeral da velha.

Olhava espantado a passagem do prestito, quando a Luiza, a creada da casa, disse-me:

—Olha, nhonhô: é a Maria Ignacia, dos Coqueiros da Fonte, que vae para o meio dos defunctos, lá no cemiterio.

Nasceu-me, então, um grande medo pela morta e corri para dentro, deixando-me ficar todo aquelle dia junto da titia, que preparava os doces das consoadas, na cozinha da quinta.

A' tardinha, porém, cessára o terror e, quando os camponezes começavam a encher as ruas da aldeia, em grupos ruidosos, n'uma expansão festiva, já eu estava prompto, de sapatinhos de verniz, paletot com cabeção de *crochet* e calções de belbutina sulpherina.

D'aquelle vez eu não havia de ficar a dormir, como nos outros annos e preparava-me para resistir ao somno arregalando desmesuradamente os olhos, alerta a toda a tentativa de invasão.

As visinhas Guimarães não tinham vindo, n'aquelle anno, esperar a hora da missa na nossa quinta. Havia porém, uns hospedes, gente do Rio, e jogava-se o vispora sobre a mesa grande da sala de jantar.

Sentado n'um banquinho, eu alli estava ao lado, espiando o jogo, interessando-me por elle, pondo sentido nas occorrencias diversas, para não dormir.

Uma hora que a mana, n'aquelle voz cantada e aguda das creanças, dictava os pontos, senti que a fala se lhe foi pouco a pouco amortecendo, até extinguir-se de todo, e logo as luzes da sala apagaram-se como por encanto e um silencio extraordinario errou pela casa.

Era eu que já estava a dormir estirado no banco, a resonar ruidosamente, bocca aberta, braços extendidos.

A Luiza veiu e levou-me em braços para a cama.

Quando, momentos depois, ao espipocar dos foguetes no adro da igreja, o sino da parochia bimbou a entrada para a missa do Gallo e os jogadores levantaram-se tumultuosamente, partindo em demanda da festa a titia Celestina correu ao meu leito e saccudindo-me violentamente, chamou:

—Anda, meu negro: vamos para a missa do Gallo. Levanta-te.

—Larguem-me... não quero ir... não, regouguei, a dormir pesadamente, deliciosamente.

—Então, não queres ir vêr o presepe, hein?

—Não, respondi n'uma voz molle, vencido pelo dulçor da lethargia; e virei-me preguiçosamente para o canto.

A mamã interveiu:

—Deixa o, mana: a Luiza não vae á missa e fica com elle.

E retirou-se.

A titia,—boa e sempre lembrada titia!—não desistia, porém, da idéa de levar-me á festa, prevendo o pezar que, no dia seguinte, havia de atormentar-me, se eu ainda, n'aquelle anno, perdesse a missa.

E continuou n'um baldado esforço, a saccudir-me.

Afinal, vendo a improficuidade da lucta, ia-se em retirada, quando, de repente, como se a illuminassem uma idéa feliz voltou-se alegremente, gritando-me aos ouvidos:

—Vamos para a missa, meu filho, si não, a Maria Ignacia, lá dos Coqueiros, vem trazer côcos para você.

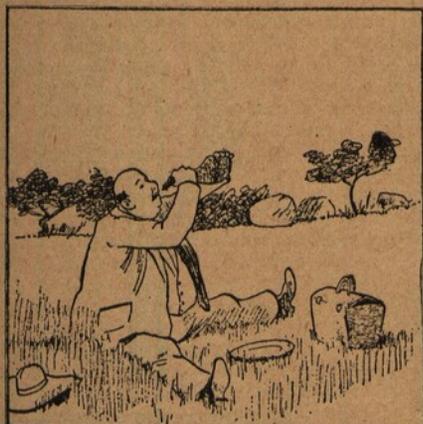
Foi como se houvessem chegado um ferro em brasa ás minhas carnes tenras. Saltei, n'um arranço, fóra do catre, completamente acordado, pedindo o chapéu, prompto a partir.

E minutos depois, entravamos todos na egrejinha illuminada, onde, entre frondes frescas, sobre um tapiz de rosas desfolhadas, estava reclinado o pequenino e rubicundo Jesus, cercado por uma numerosa turba de pastores e carneirinhos feitos de miolo de pita secca, pintado de óca amarella e vermelhão da China.

Assim é que assisti pela primeira vez á missa do Gallo, lá na minha aldeia querida.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

DORES DE BARRIGA



N'estes dias de calor,
O Bento das pernas tortas
Aos cobres perdeu o amor
E resolveu-se ir ás hortas.

O Bento não é pachola,
Não tem nada de bacoco...
Levou, pois, a merendola
E a pinguita do Samouco.



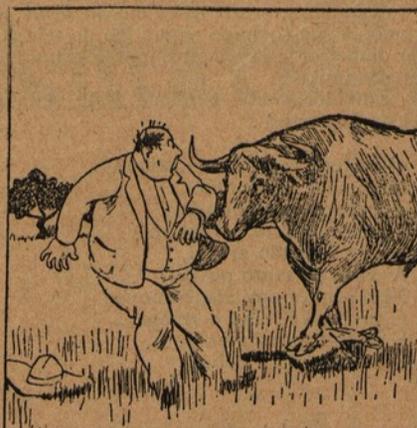
Que mal atroz e profundo!
O Bento mudou de côr
Triota vezes n'um segundo,
E sempre a maldita dôr!

Desvairado, semi-louco,
Brada o Bento todo irado:
— Não foi senão o Samouco
Que me pôz n'um tal estado!



Comeu, bebeu como um justo
Deu livre curso á alegria
Mas apanhou um bom susto...
— Viu estrelas ao meio dia!

Deu saltos, urros e berros,
Levou as mãos á barriga.
— Pobre Bento! Deu-se a perros
P'ra se livrar de tal espiga!



De repente o Bento grita
Na maior das afflicções,
Já nada agora o agita,
Já não sente *revoluções*.

Ao pé d'elle chega um toiro
Que lhe dá um safanão!
Se o Bento não deu um estoiro
E' que tem pelle de cação.

Ficou leve como o ar
O Bento das pernas tortas,
E voando a bom voar
Veiu a sete pés das hortas.

Em casa á consorte amiga
Contou como o caso foi.
.....
Não ha p'rás dôres de barriga
Como a gente vêr um boi!

SCENAS DAS PRAIAS



Vendo o que lhe deixam vêr



Deixando-se admirar



Elegante, muito elegante, mas... mais nada.

COISAS ALÉGRES

O CANTADOR DE SETUBAL

(Veja-se o n.º 76)

O Justino de Midões, apesar das contrariedades da sorte, que pareciam conspirar a aconselhar-o, na frase do cantador: «*veste calça e come bem*», não mudava de rumo. A sua sovínice vinha-lhe do temperamento; juntar dinheiro, juntar muito, juntar sempre, era o seu pensamento unico.

Por isso o cantador, vendo-o n'uma festa religiosa, torturou o n'este improviso:

«Não tens vergonha, Justino!
Sujo, rôto e besuntão
Appareces na procissão
Feito um pobre peregrino!
N'este acto tão divino,
A' vista de tanto povo,
Nem sequer um chapéu novo!
C'um bonet velho e sebento,
E um fato roto e nojento,
Fazes figura de bôbo!»

* *

Certa vereação setubalense ordenou a remoção do pelourinho, do seu primitivo logar, não para proximo do novo paço do concelho, mas sim para uma praça, que por nenhum motivo histórico se recommendava para o caso. Relativamente procedeu com mais acerto, do que as vereações d'outros concelhos, que mandaram destruir o symbolo municipal! A columna foi collocada ao meio da praça; e nos quatro angulos da base, foram postos outros tantos candieiros de gaz. O povo riu de tudo isto. O sr. Antonio Eusebio encarou a seu modo, em principio saudando-o, mais tarde propondo destino mais adequado.

Para intelligencia do 2.º verso, é preciso saber-se, que os *troistas*, quando são ameaçados de penhora, tem por uso replicar, — que o fiador dos seus bens é o pelourinho.

«Deus te salve pelourinho,
Pedra das nossas fianças,
Recordação de lembranças
D'este povo... Coitadinho!
Quem quizer ser padrinho
D'esta columna de presos,
Olhando a tantos despresos

De ti fez e não fez pouco
O tumulto do Manél Côco
Com quatro farões acesos?!

Será isto por devoção,
Ou pavor de muita gente
Qu'inda este corpo presente
Não tenha encomendação?!
Se já não tem salvação
Por ser pae d'esta desgraça,
Pedimos que se lhe faça
Um enterro sem signaes,
E arrumem-se os castiçaes
Pr'os quatro cantos da praça

* *

O epigramma com que hoje rematamos, é o que pela originalidade e vigor mais renome creou ao seu auctor. No tempo a que já nos referimos, quando recolhiamos estas e outras rimas do satirico popular de Setubal, demos, a pedido, bastantes copias d'ella a pessoas que nol-o ouviram, banhistas na maioria, e que não se contentavam com a copia, mas queriam tambem conhecer o homem.

O caso do epigramma foi: O sr. Antonio Eusebio estava em Alcacer-do-Sal, com a campanha de calafates a que pertencia. Certo domingo, festa na igreja matriz, e portanto grande multidão em volta da igreja. O povo abre passagem a um padre que se dirigia ao templo, empunhando um chicote. O instrumento de castigo nas mãos d'um ministro de Deus desagradou no grupo dos companheiros do cantador. Cada um foi commentando a estranha singularidade a seu modo. Quando chegou a vez ao sr. Antonio, disse:

«Já vi varões sem firmesa,
E fidalgos sem fidalguia,
Senhores sem ter senhoria
E morgados sem ter riqueza!
Já vi pobres sem pobreza,
Mestre sem ter aprendiz,
Taverneiro sem ter giz,
E soldado sem ter capote,
Mas padre andar de chicote,
Só o prior da matriz!»

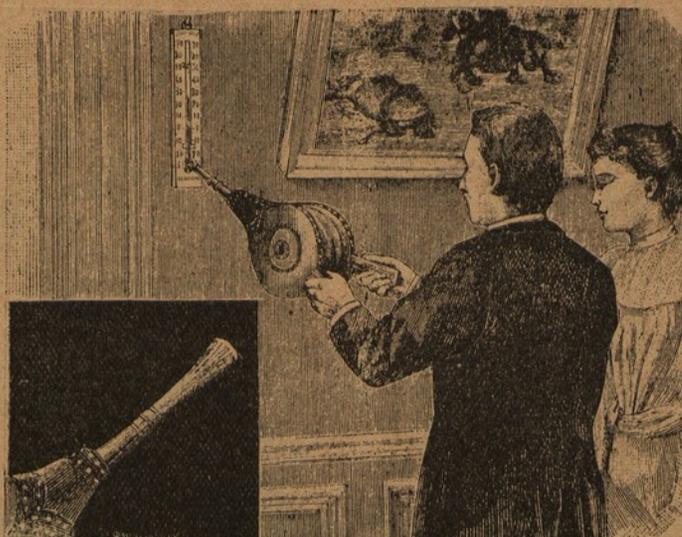
SECÇÃO RECREATIVA

O CALOR E O FRIO SAHINDO POR UM FOLLE

QUANDO collocamos a mão deante d'um folle que funciona, experimentamos uma sensação de frescura. Appliquemos a bocca do instrumento sobre o reservatorio d'um thermometro e sopremos vigorosamente.

O thermometro vae baixar, dir-me-hão. Puro engano! Se se sopra com força e se o folle é de boas dimensões ver-se-ha o mercurio (ou o alcool) subir 4 ou 5 gráus centigrados, o que mostra uma importante elevação de temperatura. Este curioso resultado recorda-nos que os gazes e o ar particularmente aquecem-se pela compressão. Obtem-se o mesmo resultado, em ponto pequeno, com auxilio d'um folle fabricado com papel dobrado.

Querem agora, antes de abandonar o felle, transformal-o em machina de fabricar gelo? Metta-se na abertura uma tira de papel mataborrão enrolado em fórma de rolha, cuja extremidade será cortada em franja como o papel que cobre o osso d'um presunto. Molhe-se esta extremidade em ether, em benzina ou n'outro qualquer corpo que se evapore facilmente e faça-se andar o folle. Ao fim de alguns movimentos vêr-se-ha cobrir-se d'uma camada de geadá branca. O gêlo assim produzido é devido á conge-



lação do vapor d'agua, contido no ar; esta congelação é tambem produzida pela evaporação do liquido volatil

O Riso Amarello

NOVO LIVRO DE

SILVA PINTO

1 volume, no mesmo formato e no mesmo typo dos livros do mesmo auctor *N'este valle de lagrimas*, *Philosophia de João Braz* e *A Queimar Cartuchos*.

Preço d'este volume: brochado 500 réis, encadernado 700 réis

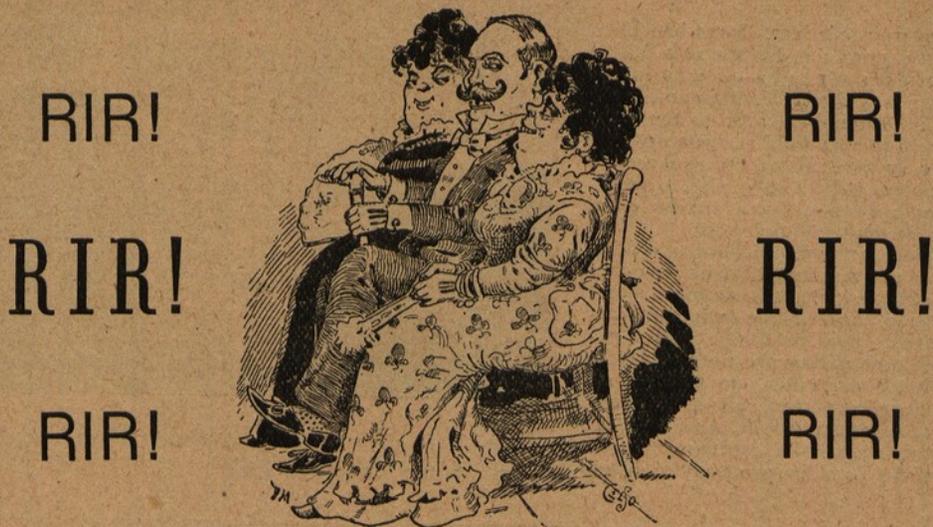
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

GERVASIO LOBATO

Lisboa em Camisa



1 volume de 340 paginas, 2.^a edição, com desenhos de CELSO HERMINIO: brochado 600 réis, pelo correio 650.

Analysando admiravelmente os lados ridiculos e comicos da vida da capital, a

LISBOA EM CAMISA

é um livro impagavel, verdadeiro modelo de boa graça portugueza, d'aquella que nos faz rir ás gargalhadas.

Livraria PEREIRA, rua Augusta, 52 a 54

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

1 Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA